

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE LETRAS
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
DOUTORADO EM LITERATURA COMPARADA

**OS IDIOTAS DA OBJETIVIDADE:
NELSON RODRIGUES ENTRE O JORNALISMO E A
LITERATURA**

por
Luiza Helena Sampaio Corrêa Mariani

Tese apresentada como requisito
parcial para obtenção do Doutorado
em Literatura Comparada, sob a
orientação do Professor Dr. José Luís
Jobim, na Linha de Pesquisa
Perspectivas Teóricas nos Estudos
Literários

Niterói 1. sem./ 2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Luiza Helena Sampaio Corrêa Mariani

**OS IDIOTAS DA OBJETIVIDADE:
NELSON RODRIGUES ENTRE O JORNALISMO E A
LITERATURA**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do Doutorado em Literatura Comparada, sob a orientação do Professor Dr. José Luís Jobim, na Linha de Pesquisa Perspectivas Teóricas nos Estudos Literários.

Coordenação de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal Fluminense

M333 Mariani, Luiza Helena Sampaio Corrêa.

Os idiotas da objetividade: Nelson Rodrigues entre o jornalismo e a literatura /
Luiza Helena Sampaio Corrêa Mariani. – 2007.

209 f.

Orientador: José Luiz Jobim.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense,
Instituto de Letras, 2007.

Bibliografia: f. 204-209.

1. Rodrigues, Nelson, 1912-1980 – Crítica e interpretação. 2. Jornalismo e literatura.
I. Jobim, José Luiz. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Letras. III.
Título.

CDD B869.3009

A meus filhos, Rodrigo e Felipe,
a meus irmãos,
pelo afeto e paciência nesta jornada.

Em memória de meus pais,
Josué e Marina Sampaio Corrêa Mariani,
e da madrinha Lota.

Agradeço ao meu orientador, José Luís Jobim, pelo ensinamento e pela imensa generosidade;

minha gratidão aos professores, aos colegas e ao pessoal da secretaria da UFF pela acolhida calorosa, especialmente à professora Lucia Helena;

aos professores do Departamento de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da UERJ, pela compreensão e apoio;

aos professores de Pós Graduação em Letras da PUC-Rio, pelo incentivo e apoio no Mestrado em Literatura Brasileira, quando iniciei minha pesquisa dos textos de Nelson Rodrigues;

às amigas Silvia Machado, Maria Célia, Cecília, Sonia Meinberg, Lúcia, Sylvinha, Stella, Jaqueline, Heris e Laís pela carinhosa solidariedade e paciência;

à jornalista Sonia Pompeu, que me presenteou com uma cópia das “Regras de Redação” do Diário Carioca, elaborado por Pompeu de Souza, seu pai;

à minha irmã Moema, que finalizou a editoração desta tese, preparando-a para a impressão na gráfica;

A Paloma, Célio e Noe, funcionários do condomínio empresarial Jardim Botânico, pela simpatia e auxílio;

A todos os amigos que me incentivaram a prosseguir neste trabalho.

RESUMO

Esta tese pretende investigar as raízes da escrita literária de Nelson Rodrigues na sua prática jornalística inicial, discutindo também a interseção do jornalismo com a literatura, através da comparação de modos de escrita vigentes até pelo menos a segunda década do século XX com os modos apregoados nos *Style books* de grandes jornais, após a imposição generalizada do *lead* e de formas padronizadoras da produção textual no Brasil.

RÉSUMÉ

Cette thèse a le propos d'investiguer les racines de l'écriture littéraire de Nelson Rodrigues au début de sa pratique journalistique, ainsi que discuter l'intersection du journalisme et de la littérature par moyen de la comparaison des différents styles adoptés pour le moins jusqu'à la seconde décennie du XX siècle, avec les méthodes divulguées par les *style books* des grands journaux après l'imposition généralisée du *lead* et des formules de standardisation de la production textuelle au Brésil.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	05
CAPÍTULO 1 – O LUGAR DO LEAD NO JORNALISMO CONTEMPORÂNEO	07
1.1. A forma da notícia em 1925	20
1.2. Tempo e lugar da objetividade	.94
CAPÍTULO 2 – O FATO, O ARTISTA, O ARTESÃO E OS IDIOTAS DA	
SUBJETIVIDADE	97
2.1. A nova fronteira do jornalismo	98
2.2. Os idiotas da objetividade	105
2.3. O artesão e o artista	111
CAPÍTULO 3 – ORDENANDO O PENSAMENTO	130
CAPÍTULO 4 - O ESPÍRITO DA ÉPOCA	150
O olhar do jovem repórter, ou as raízes da escrita literária de	
Nelson Rodrigues	189
CONCLUSÃO	194
REFERÊNCIAS.....	204

INTRODUÇÃO

Esta não é a primeira vez que fazemos uma reflexão acerca de textos de Nelson Rodrigues. Na dissertação de mestrado, analisamos crônicas de futebol sobre as partidas da seleção brasileira em disputa pela Copa do Mundo, da década de 50 aos anos 70, à luz do pensamento de Cornelius Castoriadis, formulando uma reflexão acerca da sociedade brasileira sob a perspectiva da autonomia/heteronomia.

O presente estudo abordará outro objeto e buscará fazer uma reflexão sob nova lente. Estudaremos o tipo de texto que é produzido em alguns jornais cariocas em 1925/26 e no século XXI e o trabalho será desenvolvido através do método da comparação. O trabalho da tese parte de uma ampla discussão acerca da técnica de construção do *lead*, o primeiro parágrafo da notícia, buscando confrontá-lo com matérias de polícia de jornais cariocas nos anos 1925/26, algumas das quais supomos serem de Nelson Rodrigues, e depois com outros textos de polícia do jornalismo contemporâneo.

No segundo capítulo, a discussão acerca da famosa crônica “Os idiotas da objetividade”, de Nelson Rodrigues, nos servirá para discutir tanto a visão de “objetividade” – que Nelson critica – quanto a de “subjetividade”, derivadas da implantação de uma nova formatação de texto jornalístico a partir da qual o não emprego do *lead* e das formas de escrita dos *Style books* será visto como introdução de “subjetividade” no texto, e descartado como impropriedade por um sistema que passará a associar a “objetividade” apenas àquela nova formatação.

Iremos comparar a análise do *lead* realizada no primeiro capítulo com as idéias defendidas por Nelson Rodrigues no texto “Os idiotas da objetividade”. O formato textual de algumas das matérias será reexaminado à luz dos conceitos de “objetividade” e “subjetividade” depreendidos da interpretação do texto de Nelson Rodrigues.

A partir da nova formatação, tomou-se como “subjetividade” o que a ela não correspondia, de modo que a forma que percebemos no texto das matérias de 1925/26 – defendida por Nelson, em contraposição ao modo do texto tratado pela forma da “objetividade” – passa, retrospectivamente, a ser avaliada como “subjetiva”, embora Nelson se opusesse a isto. A pesquisa nos rendeu alguns achados, no âmbito da literatura e do jornalismo, demandando-nos um novo olhar para estudar os objetos pesquisados.

Com o intuito de ordenar os pensamentos, retomaremos o texto “Os idiotas da objetividade” no terceiro capítulo, a fim de localizar de que lugar estaria falando Nelson Rodrigues quando escreveu a crônica referida, favorável a manter o tipo de escrita, o tom e a temática próximos do folhetim. Novos achados nos levaram à temática do capítulo seguinte.

Delinearemos no quarto capítulo um viés do “espírito de época” que percebemos na segunda década do século XX, o tempo dos folhetins, com o qual Nelson conviveu aos 13 anos e meio, quando começou a carreira jornalística, como repórter de polícia.

Buscaremos a temática, o tom e o modo de escrever os folhetins transpostos para o noticiário de polícia. Procuraremos o lugar do qual falava Nelson Rodrigues, o mesmo lugar para o qual se deslocavam os jornalistas quando apuravam e redigiam as matérias de polícia. Ou seja, buscaremos o olhar que norteava Nelson Rodrigues como repórter de polícia no início de sua carreira, nos anos 1925/26, investigaremos como ele interagiu com a época, como passou para a escrita esta sua produção de sentido. Em outras palavras, tentaremos localizar as raízes da escrita literária de Nelson Rodrigues.

Esperamos, neste percurso, contribuir para um melhor entendimento sobre a interseção entre jornalismo e literatura na obra de Nelson Rodrigues.

CAPÍTULO 1

O LUGAR DO *LEAD* NO JORNALISMO CONTEMPORÂNEO

O objetivo desta seção de nossa tese é abordar de forma sintética o caminho percorrido pela imprensa até chegar ao texto jornalístico impresso contemporâneo, comparando o modo de escrever corrente em dezembro de 1925 nos jornais *O Globo*, *A Manhã* (neste periódico também foi pesquisado o mês de janeiro de 1926) e *A Noite* com a forma utilizada no mês de julho de 2003 em *O Globo*.

Para delimitar tão vasto campo de trabalho, recortou-se o modo como são construídas as aberturas do texto jornalístico impresso – hoje chamadas de “lead” ou “lide”, isto é, as cinco primeiras linhas do primeiro parágrafo da matéria. Priorizou-se o *lead* porque o jornalismo brasileiro contemporâneo questiona a forma de apresentação da notícia ao público leitor.

. Nesta pesquisa serão analisados os *leads* no setor das matérias de polícia. A razão da ênfase nos casos de polícia é devida à participação, nesta especialidade jornalística, de Nelson Rodrigues repórter/cronista. Nelson é um dos poucos cronistas que também trabalhou como repórter de polícia.

O Globo e *A Noite* foram selecionados porque enfatizavam o noticiário de polícia no período escolhido como ponto de partida para esta pesquisa, os anos 25/26 do século passado. O recorte deste início do século XX tem um relevo especial para a análise que aqui se vai empreender: marca a entrada de Nelson Rodrigues na redação de jornal.

Nelson iniciou sua carreira aos treze anos e meio de idade, como repórter de polícia do jornal *A Manhã*, de propriedade do seu pai, Mário Rodrigues. Era 29 de dezembro de 1925. O repórter precoce, logo cronista e futuro dramaturgo iniciava então

uma carreira que prestou uma inegável contribuição ao jornalismo brasileiro. Por este motivo, esta pesquisa parte de dezembro de 1925 naquele jornal.

Analisou-se também janeiro de 1926 de *A Manhã* porque o primeiro número deste jornal data do final de dezembro de 1925. O trabalho de pesquisa ficaria prejudicado se não abrangesse também o mês seguinte.

Neste estudo não se pretende esboçar um panorama das diversas técnicas de redação jornalística. A pesquisa ficará restrita à técnica do *lead* na análise de notícias e reportagens do texto jornalístico impresso no setor de polícia dos jornais referidos.

Mas cabe uma hipótese: pensando nas semelhanças e nas diferenças, seria possível lançar uma ponte entre a escrita elaborada naqueles periódicos de 1925 até os dias de hoje – um período de quase um século? Neste viés, tentaremos demonstrar que raízes de um particular modo de olhar a realidade social e histórica surgiram na imprensa carioca bem antes de 1951, data admitida por Sodré para a chegada do *lead* ao Brasil (SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. RJ: Editora Civilização Brasileira, 1966).

Para refletir sobre a construção do *lead* aqui serão referendados conceitos de estudiosos como Alberto Dines, Nilson Lage, Luiz Amaral, Pompeu de Sousa, José Marques de Melo, Ana Arruda Callado e Mário Erbolato, além de consultados manuais de Redação do *Diário Carioca* e de *O Globo*.

Na configuração do objeto deste trabalho, buscou-se alinhar o maior número possível de matérias de cada jornal pesquisado. Foram selecionadas para a análise aquelas representativas de diversas possibilidades de construção do *lead*, em especial nos textos contemporâneos, devido ao acordo da imprensa em torno de normas estabelecidas para as aberturas de matéria.

Para lidar com o objeto desta pesquisa, foram estabelecidas metodologicamente algumas premissas. Assim, enfatizou-se a abertura dos textos analisados, isto é, as primeiras linhas das matérias – espaço habitual de construção do *lead*. Convém esclarecer que, embora nesta pesquisa tenhamos optado pela redação do termo em inglês, *lead*, não há no meio da imprensa uma posição fechada quanto a esta questão. Alguns autores usam *lead* outros preferem empregar a grafia portuguesa da palavra: lide.

Sempre que se considerou necessário, apontou-se o lugar da matéria – ou lugares – onde estariam as informações concernentes ao *lead*, deslocadas do início do texto. Considerou-se, ainda, o emprego do chamado “nariz de cera” na construção da matéria, técnica esta alternativa à elaboração direta da informação. De modo geral, o nariz de cera consiste em uma ou mais frases utilizadas pelo redator para introduzir a notícia no *lead*.

Não foi enfatizado o critério quantitativo para comparar os diversos *leads*. A intenção da pesquisa, na comparação dos textos, foi investigar o cerne da questão, isto é, o olhar que orientou a construção da abertura das matérias. Assim, procedeu-se à comparação dos *leads* pela maneira como foi redigida a abertura do noticiário e também pelo modo como se abordaram alguns problemas que, guardadas as distâncias de diferentes momentos da realidade social e histórica, preocupavam a imprensa.

A fim de orientar o leitor, desenvolveu-se esta pesquisa rastreando a técnica de construção do *lead* desde o surgimento deste modo de abertura do texto jornalístico no século XIX, nos Estados Unidos.

Os primeiros que perceberam a técnica de construção do *lead* foram os jornalistas norte-americanos, no século XIX. Mas é difícil precisar a data do seu surgimento [do *lead*]. Alguns – como autores de livro de texto jornalístico – a situam no período 1861-65, durante a guerra civil naquele país.

Na época, os repórteres precisavam contornar dois problemas: baratear o custo de transmissão das notícias pelo telégrafo e evitar os riscos de uma eventual queda da linha telegráfica, no momento da transmissão. A construção de “linhas guia” para abrir o texto jornalístico foi o modo que encontraram para resolver a questão, a fim de enviar os principais fatos da notícia. O uso do *lead* no texto jornalístico teria então surgido.

O pesquisador Marcus Errico, da University of Southern California, escrevendo sobre “The evolution of the summary news lead” lembra, a propósito, o pensamento de um dos defensores do surgimento do *lead* durante a guerra civil, Joseph R. Dominick’s. Diz Dominick’s em “The dynamics of Mass Communication” (in: www.scripps.ohiou.edu/mediahistory):

“A Guerra Civil, que alterou muitas coisas nos Estados Unidos, também mudou o jornalismo impresso Americano. A nova técnica emergiu como despachos telegráficos da zona de guerra, transformada em linhas guia (headlines)”.

Errico formula outra hipótese, no texto que escreveu sobre “The evolution of the summary news lead”. Ele acredita que a técnica do *lead* e da pirâmide invertida (montagem do texto jornalístico pela ordem de importância da notícia) entraram no uso comum durante o período que ele denomina de ‘Progressive Era’ (1880-1919), e não durante o período da guerra civil (1861-65). Considera também que o desenvolvimento do *lead* não é um subproduto da técnica construída na guerra civil, e sim um avanço da ciência e da educação, “especialmente da educação superior” da sociedade americana na virada do século.

Quase um século separa o surgimento e o reconhecimento da técnica do *lead* nos Estados Unidos da chegada oficial ao Brasil deste particular modo de redigir o texto

jornalístico. Corriam os anos 50 quando o jornalista Pompeu de Sousa escreveu um pequeno manual de redação para os jornalistas que trabalhavam no *Diário Carioca*.

Em depoimento aos jornalistas Aristélio Andrade, Luiz Paulo Machado e Maurício Azêdo (in: DUARTE, Maria de Souza (org). *Pompeu*. Brasília: Conselho de Cultura do Distrito Federal, 1992), Pompeu diz que redigiu as *Regras de Redação do Diário Carioca* “no princípio de 1950”, lamentando o esquecimento da oficina do jornal de datar a edição. Foi o primeiro “style book” da imprensa carioca. Para Pompeu, o livro de estilo “é um livro de regras de redação para padronizar o texto, dar-lhe certa uniformidade”.

Ele sentiu a necessidade de “sistematizar a clareza, a titulação e o texto jornalísticos” na ocasião em que foi criado o curso de Jornalismo na antiga Faculdade Nacional de Filosofia da então Universidade do Brasil, em 1949, onde foi lecionar. Diz ele no depoimento concedido aos jornalistas Aristélio Andrade, Luiz Paulo Machado e Maurício Azêdo:

“Estudando a questão através dos livros de texto, dos manuais de ensino e tudo o mais dos Estados Unidos, alguns dos quais tinham reprodução de style book, sentei na máquina e resolvi fazer uma adaptação do que me pareceu mais conveniente ao jornalismo brasileiro naquela variedade de style books”.

São estas algumas das normas que passaram a orientar o trabalho da redação do *Diário Carioca*, segundo o manual criado por Pompeu de Sousa. (SOUSA, Pompeu de. *Regras de Redação do Diário Carioca*. RJ, s/d”).

“Ocupar o primeiro parágrafo das notícias com: a) – um resumo conciso das principais e mais recentes informações do texto, esclarecendo o maior número das seguintes perguntas relativas ao acontecimento: **que**, **quem**,

onde , como e por quê ou: b) – um aspecto mais sugestivo e suscetível de interessar o leitor no acontecimento. Só compor de modo diverso o primeiro parágrafo em casos de matérias muito peculiares, em que o elemento pitoresco, sentimental ou de surpresa o exija. Ordenar o desenvolvimento do resto da notícia pela hierarquia da importância e atualidade dos pormenores. Usar parágrafos curtos e evitar palavras desnecessárias, qualificativos, principalmente tendenciosos, e frases-feitas. Só excepcionalmente usar períodos com mais de quatro linhas dactilografadas”.

Curioso é que Pompeu de Sousa não enunciou o termo *lead* – para enumerar as novas regras de redação no manual que produziu para o **Diário Carioca**. Referiu-se ao “primeiro parágrafo das notícias”. Também não mencionou uma das perguntas que o repórter deve responder no momento de redigir o *lead*: *quando* ocorreu o fato noticiado.

Desde a abordagem inicial de Pompeu de Sousa, muito já se discutiu sobre o *lead*. Para melhor trabalhar o objetivo desta pesquisa, procedendo à comparação dos textos dos jornais selecionados, o ponto de partida será a conceituação do *lead* indicada no Dicionário de Comunicação elaborado por Carlos Alberto Rabaça e Gustavo Guimarães Barbosa.

Os autores usam o termo em português – lide –, explicando que ele provém “do inglês ‘lead’ (comando, primeiro lugar, liderar, guiar, induzir, encabeçar)”. “Lide” é a abertura do texto jornalístico, explicam os autores. A função do lide, conforme o verbete do referido dicionário, é apresentar de forma sucinta o assunto. Também, conforme os autores, pode destacar “o fato essencial, o clímax da história”.

Para formular os dados fundamentais das informações contidas na matéria e, ao mesmo tempo, seduzir o leitor, prendê-lo no texto até o final, existe uma técnica. É uma

cartilha no aprendizado do jornalismo, disponível em farto material didático. A voz corrente no meio jornalístico, em referência ao *lead*, consiste em indagar “quem disse (ou fez) o quê, onde, quando, como e por que”. Segundo Barbosa e Rabaça, deve ser obedecida a seguinte norma (1): “Na construção do lide, o redator deve responder às questões básicas da informação: *o quê, quem, quando, onde, como e por quê* (embora não necessariamente a todas elas em conjunto)”.

Os autores recorrem a um jornalista norte-americano, Fraser Bond, para demonstrar como o redator deve conduzir o texto dentro da técnica do *lead*: resumindo o fato ocorrido, identificando as pessoas e os lugares relativos à matéria, noticiando os fatos mais recentes, estimulando o leitor a prosseguir na leitura até o final da reportagem.

A redação do texto, priorizando a abertura em resposta a alguma das questões que norteiam a feitura do *lead* dependerá do olhar, da experiência e da habilidade do repórter ou do redator. Nesta pesquisa, considera-se que o recorte da realidade feito pelo repórter ou pelo redator vai além da experiência e da habilidade de quem trabalha com a notícia.

O olhar que o repórter lança sobre a realidade está impregnado pela sua “gramática” interna. É assim singularizado, na leitura marcada por referenciais da época. Alegre, triste, irônica, trágica, romântica, dramática, factual, formal, bem humorada ou não esta leitura aparece no texto, deixando transparecer referenciais e valores do tempo em que vive.

Esta disposição emerge no momento da escritura do texto, depois que o jornalista já fez sua leitura do fato. No jornalismo contemporâneo, existe uma preocupação em situar o leitor em relação ao fato noticiado, contextualizando a matéria. Este cuidado deve ser acentuado nos jornais impressos, que divulgam as notícias ocorridas na véspera.

É que as manchetes já se tornaram conhecidas no mesmo dia em que os fatos ocorreram, através do rádio, da televisão e da internet.

O jornalista e pesquisador Alberto Dines reivindica a contextualização da matéria como questão primordial do modo como deve ser exercido hoje em dia o jornalismo interpretativo, conforme citam Rabaça e Barbosa em seu Dicionário de Comunicação, no verbete sobre “jornalismo”. Ressaltam eles que, embora a informação continue sendo a base da matéria, “verifica-se uma sensível tendência ao gênero interpretativo, em substituição à rigorosa objetividade da notícia presa aos fatos” (in: RABAÇA, Carlos Alberto & BARBOSA Gustavo Guimarães. *Dicionário de Comunicação*. Rio de Janeiro, Campus, 2002).

Tal perspectiva sinaliza um viés para historicizar a notícia, repassando este modo de olhar para a construção do texto – quando ele propõe a remissão ao passado e a projeção para o futuro –, além de tratar o fato interligando-o com outros e incorporando-o a uma tendência. Deste modo a notícia desvelará uma ponta de como a sociedade vive o presente, o passado e o futuro. Eis a opinião de Dines:

“O leitor de hoje não quer apenas saber o que acontece à sua volta, mas assegurar-se de sua situação dentro dos acontecimentos. Isto só se consegue com o engrandecimento da informação a tal ponto que ela contenha os seguintes elementos: a dimensão comparada, a remissão ao passado, a interligação com outros fatos, a incorporação do fato a uma tendência e a projeção para o futuro”. (in: RABAÇA, Carlos Alberto & Barbosa, Gustavo Guimarães. *Dicionário de Comunicação*. Rio de Janeiro: Campus, 2002).

Barbosa e Rabaça acrescentam outra função ao *lead*, trabalhando o viés sugerido por Dines, a contextualização da informação:

“Situar a notícia dentro de um contexto mais amplo, esclarecendo o leitor a respeito de fatos passados ou interligados”.

A abertura das matérias – o *lead*– pede maior atenção. Segundo Barbosa e Rabaça, o ponto central é a validade:

“A validade do lide no moderno jornalismo é contestada por alguns, que o consideram ‘quadrado’, elemento aprisionador da criatividade do jornalista. Os defensores, por seu lado, consideram-no, ainda hoje, a melhor técnica jornalística de abertura do texto informativo, um recurso de validade sempre renovada, desde que usado inteligentemente”. (RABAÇA, Carlos Alberto & BARBOSA, Gustavo Guimarães, op. Cit.)

Esta avaliação, contida no *Dicionário de Comunicação*, é de autoria de Luiz Amaral, que assim se manifestou no seu livro *Técnica de Jornal e Periódico* à página 66:

“A validade do *lead* vem sendo contestada por certa parte da imprensa brasileira, que considera sua adoção uma atitude *quadrada*, isto é, uma estagnação da imprensa. Mas, se o redator, isto sim, não é um *quadrado*, poderá utilizá-lo inteligentemente, e com êxito, em qualquer situação, mesmo porque, até agora, ainda não se descobriu substituto melhor para o *lead* em matéria informativa”. (AMARAL, Luiz. *Técnica de Jornal e Periódico*. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará – Tempo Brasileiro, 1982).

Na sua obra, Amaral explica sua posição em defesa do *lead* recordando as palavras de Lago Burnett:

“– Como ciência, o Jornalismo tende muito mais a enquadrar-se no rol das ciências exatas do que entre as especulativas. E a Matemática não está sujeita às variantes da moda. Logo, os elementos do *lead* não são vulneráveis à insubmissão de teorias ocasionais, fruto de insatisfação mal analisada, ou de teses autopromocionais, resultado de absoluta falta de informação a respeito do tema em debate”. (AMARAL, Luiz. *Técnica de Jornal e Periódico*. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará; Tempo Brasileiro, 1982”).

Nilson Lage explica, no seu livro *Estrutura da Notícia*, que o *lead* consiste no “primeiro parágrafo da notícia em jornalismo impresso [...]” e privilegia “as transformações que ocorrem no mundo objetivo”, acrescentando:

“O *lead* é o relato do fato principal de uma série, o que é mais importante ou mais interessante” [...]. “O *lead*, na síntese acadêmica de Lasswell, informa quem fez o que, a quem, quando, onde, como, por que e para quê” [...].(LAGE, Nilson. *Estrutura da Notícia*. São Paulo: Ática, 1987).

No seu livro, Lage ensina que a forma clássica do *lead*, no jornal impresso, contém o sujeito, um sintagma nominal; predicado, um sintagma verbal e os “sintagmas circunstanciais” (de tempo, lugar, modo-instrumento, causa-consequência).

No jornalismo contemporâneo, alguns defendem o texto direto no *lead*, que permite uma leitura mais rápida. O *Manual de Redação e Estilo de O Globo*, organizado e editado pelo jornalista Luiz Garcia (O GLOBO. *Manual de Redação e Estilo*. Organizado e editado por Luiz Garcia. São Paulo: 1995), propõe uma linha de conduta. Segundo o Manual, “há muitos anos, quando o jornalismo começou a abandonar a sublitteratura, criaram-se normas destinadas a produzir **leads** simples e diretos” (1995:31). Ainda na mesma página, a recomendação:

“Boa fórmula. Para grande número de textos, não há outra. Mas seria limitação absurda torná-la obrigatória. Como receita, esta é melhor: o bom **lead** é aquele que faz o leitor continuar a ler”.

Depois de comentar a idéia do *lead*, Garcia lembra o modo como um repórter da Associated Press (AP) noticiou o tiro disparado contra o então presidente dos Estados Unidos, Abraham Lincoln, em abril de 1865:

“[...]” Um tiro foi disparado contra o presidente Lincoln ontem num teatro e é possível que o ferimento seja mortal’. Simples, direto e o resto vem depois. Foi exatamente assim que o repórter Lawrence Gobright, da Associated Press, começou o seu relato, num **lead** que até hoje é lembrado como modelar” (1995:35).

O jornalista e professor José Marques de Melo publicou, em 1968, a “Técnica do Lead: jornalismo informativo”. É um pequeno livro, de 19 páginas, com textos selecionados para o uso dos alunos da disciplina de Técnica e Prática de Jornalismo da Escola de Comunicações Culturais da USP.

O sumário indica três capítulos. No primeiro, ele ensina a redação do *lead*, baseado no “lead integral”, que responde às cinco clássicas perguntas, comparando-o ao “*lead flash*” (remetido às questões quem, o que, quando). No segundo, enumera seis tipos de *leads*. No último capítulo, explica como é possível valorizar o ângulo principal da notícia no *lead*, priorizando a abertura do texto pela resposta a uma das clássicas perguntas.

Outros preferem trabalhar com o nariz de cera, técnica definida por Rabaça & Barbosa como “forma tradicional de introduzir uma notícia, reportagem, etc”, que “vigorava na linguagem jornalística antes do surgimento do lide”. Nesta pesquisa,

considera-se que a técnica do nariz de cera é usada também hoje em dia, embora revisitada.

Às vezes o redator constrói toda a abertura da informação usando um nariz de cera no espaço tradicional do *lead*. Ou seja, o *lead* deixa de ocupar as clássicas cinco primeiras linhas do texto, passando para o segundo parágrafo. O jornalista Evandro Carlos de Andrade, crítico do nariz de cera, fez uma defesa do *lead* direto. Curiosamente, esqueceu de incluir uma das perguntas que o repórter deve responder ao escrever o *lead*, *quem*:

“De lá (Estados Unidos) Pompeu voltou e chegou ao Brasil mais ou menos junto com a Democracia e impregnado pelo que de novo (para o jornalismo brasileiro) havia na imprensa americana: a objetividade, o desprezo pelo tom solene, a concisão, a troca do ‘nariz-de-cera’ (verdadeiro discurso que qualquer repórter se julgava no direito de fazer antes de dizer ao leitor o que é que acontecera) pelo ‘lead’, isto sim, a grandíssima novidade, um parágrafo de abertura da notícia que se comprometia a contar para o leitor: o que, como, quando, onde e, se possível, por quê” (in: SOUSA, Pompeu. *Bilhetinhos a Jânio*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1987).

A técnica do nariz de cera é cultivada no jornalismo contemporâneo como uma forma alternativa ao texto direto no jornal impresso, isto é, ao texto que leva de imediato a informação ao leitor. O nariz de cera, na contemporaneidade, busca apresentar o assunto ao leitor, introduzindo o público no espaço da notícia publicada. Em outras palavras, está relativizada a imposição do *lead* tradicional.

Hoje o jornalista trabalha sem “a ditadura do lide tradicional”, como diz a jornalista e professora Ana Arruda Callado (CALLADO, Ana Arruda. O texto em

veículos impressos. In: CALDAS, Álvaro. Deu no jornal – O jornalismo impresso na era da internet. RJ: Editora da PUC-Rio, 2002). O *lead* “vem se amaciando”, segundo afirmou a jornalista no artigo acima citado:

“Hoje, com a definitiva consolidação do jornalismo na televisão (implantada no Brasil na mesma época em que o lide foi adotado) e o desenvolvimento do jornalismo on-line, o lide vem se amaciando, permitindo, principalmente graças aos processadores de texto e à paginação em computador, uma volta ao estilo pessoal. A interpretação vai assumindo o papel principal, uma vez que a notícia seca, rápida, o flash, vem pelo rádio, pelas chamadas urgentes da TV e pela Internet. O perigo do texto interpretativo, porém é a editorialização, isto é, a perda de objetividade da notícia com a introdução da opinião”.

Além do nariz de cera, nesta pesquisa serão trabalhados diversos tipos de *lead* acompanhando a classificação do jornalista, advogado e professor Mário Erbolato em “Técnicas de Codificação em Jornalismo” (São Paulo: Editora Ática, 1992). Os textos em referência neste estudo serão comparados através da lente deste professor.

São eles: *“lead simples”* – refere-se apenas a um fato principal; composto – anuncia diversos fatos importantes na abertura da notícia; integral – responde às clássicas perguntas quem, o que, onde, quando, como, por que; suspense ou dramático; *flash* – curta introdução à notícia, resumindo fatos, e resumo ou composto – relata praticamente tudo que ocorreu ou vai ocorrer.

Erbolato também cita outros tipos de *lead*: citação – quando transcreve uma declaração ou pronunciamento; contraste – relata fatos antagônicos; chavão – abre o texto com um ditado ou *slogan*; documentário – trabalha pela base histórica – no exemplo do professor Erbolato: “O campus da Pontifícia Universidade Católica foi

inaugurado ontem com a presença do Núncio Apostólico no Brasil,...”; direto – relata a notícia de forma direta, e o *lead* pessoal – quando o redator se dirige ao leitor – “você poderá, a partir de hoje, telefonar para a Delegacia da Receita Federal para ...” .

1.1 A forma da notícia em 1925

Em 1925, era costume o repórter e o redator relatarem a notícia sem priorizar o fato mais importante na abertura da matéria. Uma leitura atenta do noticiário de polícia daquele ano evidencia o olhar do repórter e o modo como ele ou o redator construíam o texto. Usavam o critério cronológico dos acontecimentos para ordenar a notícia com princípio, meio e fim. Em geral, o que hoje consideramos como *lead* estava no “pé” (final) do texto.

Ou seja, a idéia da objetividade estava distante, embora já despontasse no texto de pequenas notas de jornais da época. Contudo, não era este o método dominante de redação do texto jornalístico no setor de polícia. A idéia da concisão, da ordenação do fato com economia de palavras a partir do que se considera mais importante estava distante. Começamos por examinar o jornal *O Globo*

Este jornal foi fundado por Irineu Marinho, que lançou o primeiro número em julho de 1925. O primeiro registro microfilmado, do acervo da Biblioteca Nacional, data de 29 de julho daquele ano. Era o “N.1”, “Edição das 18 horas”, como assinalava na capa *O GLOBO*, intitulando-se “Jornal da Noite”. Tinha “officinas próprias á rua Bethencourt da Silva n. 15, Edificio do Lyceu de Artes e Officios”. O telefone da “Redacção” era “Central 6241”.

Irineu Marinho era o “director-proprietário”, Herbert Moses o “director-thesoureiro” e A. Leal da Costa o “director-gerente”. Tinha “correspondentes especiaes no estrangeiro e em todo o paiz”, além do serviço das Agencias Havas, Americana e

United Press. O exemplar avulso custava “100 réis (em todo o Brasil)”, a assinatura semestral 18\$000 e a anual 36\$000. A estréia mereceu matéria e foto, mostrando uma multidão que disputava os primeiros exemplares do novo jornal. Nesta pesquisa será analisado o noticiário de polícia publicado em dezembro daquele ano.

O *lead* não existia, de forma sistematizada, e nem mesmo havia sido nomeado. O começo da notícia não estava nas “linhas guia”. De modo geral, a notícia começava pela ordem cronológica do fato ocorrido. Na matéria abaixo, publicada no primeiro dia de circulação do jornal, é possível verificar com clareza a construção do texto pela ordem cronológica dos acontecimentos.

O GLOBO, dia 1/12/1925, edição n. 126. Matéria de capa (na época, e até os anos 80, chamada de primeira página), à direita, em baixo, com foto e ocupando três colunas.

“Vivia saudosos da mãe que lhe morrera!”

E teve, hoje, fim trágico e impressionante

O “chauffeur” [...] foragido

Foi numa noite tempestuosa e triste que aquella mãe morreu. Dir-se-ia que, fraco demais para resistir a violência do choque, o filho e(ilegível)mecido da mãe sobreviveria ás emoções sentidas. Mas os dias correram e, embora seus olhos não se enxugassem mais, o orphãosinho presa de dor intensa, parecia estar agora sob o doce remédio da resignação. É bem verdade que o “pae” – seu único carinho – o Sr. Belmiro Mello, muitas vezes o surpreendeu chorando a um canto do quarto, olhos fitos na photographia daquela que jamais podiam esquecer. Consolava-o, ensinava-o a conformar-se e a creança, ouvindo-

lhe as phrases cheias de amor e de ternura, meneava a cabeça e respondia:

“Mamãe morreu. não posso viver sem ella!

Soffrendo embora das saudades todas que tanto o torturavam o menino José, dez annos feitos, continuava os seus estudos na “Escola Rodrigues Alves”, sita na esquina das ruas do Cattete e Silveira Martins. Todas as manhãs dirigia-se às aulas e ao terminal-as, isso ao meio dia, regressava para casa. Hoje, como de costume José Mello foi à escola depois de pendurar-se num longo abraço, no pescoço do pae. A manhã toda permaneceu sob aquella mesma melancolia suave que tanto se lhe desenhava na physionomia. À saída ainda se demorou em palestra com o seu companheiro, encaminhando-se para o meio da rua, afim de atravessal-a. Foi nesse instante trágico que se desenrolou o episódio brutal, que lhe roubou a vida, torturada pela immensa saudade.

Em carreira vertiginosa corria o automóvel de garage 1 112 e Jose, tão distraído ia que não o viu aproximar-se. Mais um momento e o vehiculo rodando sempre o alcançava, dando-lhe violenta pancada. Recebendo o choque, o corpo do menor foi projetado sobre o meio-fio, nelle caindo em cheio, fracturando, assim a base do craneo. E já o infortunado fechava os olhos para sempre, sem uma palavra pronunciar, e o automóvel sinistro desaparecia, numa nuvem negra densa de fumo.

O guarda civil rondante, correndo a um telephone próximo pediu, com urgência, os soccorros da Assistência que de nada valeram.

O commissario Figueiredo Rocha, do 6 districto policial, compareceu ao local nelle tomando as providencias precisas.

E assim, num lance trágico e brutal o orphãosinho infeliz deixou a vida, para elle cruel, cheia de saudades da mãe querida, que lhe desaparecera naquella noite triste de tempestade e de chuva.

A policia do 6º districto, entrando logo em investigações, apurou que o chauffeur que atropelara o menino José chama-se João de Azevedo Pereira e o (ilegível) 1 142, guarda-se na garage Cattete.”

Observa-se, no texto de *O Globo*, que o redator procura criar uma ambiência para cativar o leitor, preparando-o para o drama que vai noticiar. O título vem com o reforço de um ponto de exclamação – depois abolido do noticiário. Possivelmente usou da fantasia – o que hoje não é mais aceito nas redações – para recordar que a mãe do menino morreu em “noite tempestuosa e triste”. Prossegue lançando mão deste recurso para descrever cenas em que o pai consolava a criança das saudades e a distração por causa da saudade que, presume o repórter, levou o pequeno órfão a atravessar a rua sem prestar atenção.

Para que se observe melhor a diferença entre o texto de 1925 e o do jornalismo contemporâneo, nesta pesquisa se propõe um exercício, simulando modelo de época. A matéria publicada pelo jornal *O Globo* em 1º de dezembro daquele ano, reproduzida acima, se fosse editada hoje em dia não teria uma abertura pela ordem cronológica dos fatos. Poderia ter um *lead* assim: “O menino José de Mello, de dez anos, que recentemente se tornou órfão de mãe, foi atropelado e morto ontem ao sair da escola Rodrigues Alves, onde estudava. Policiais do 6º distrito informaram que o responsável pelo atropelamento é João de Azevedo Pereira”. Este seria um *lead* dramático, na classificação de Erbolato. A semelhança com o texto de 1925 consiste no uso de recurso de ordem emocional, também aproveitado pelo redator de 1925: a orfandade do menino José.

No mesmo dia 1 dezembro, *O Globo* noticiava mais tarde, em outra edição, que incluía na página 3, sob a chamada “Ultima Hora”:

“Depois de desfechar três

Tiros na namorada!

Atravessou o peito

com uma bala

do mesmo revolver

Ella morreu e elle, em estado

Desesperador

A tarde foi assignalada por uma violenta scena de sangue que se desenrollou em impressionantes condições numa modesta casa de avenida da rua Conde de Bonfim.

À hora em que escrevíamos estas linhas, as autoridades policiaes do 17 districto desenvolviam esforços para bem esclarecida deixarem a emocionante tragedia, cujas causas e detalhes se seguem.

Indo residir na casa n. 5 da avenida 283 da rua Conde de Bomfim, o ex-sargento do Exercito José Ferreira enamorou-se, logo, da jovem Maria Olga Lacerda que ali reside com os seus pais Sr. Obregon Lacerda e D. América Lacerda. Isso há dous mezes. Começaram a namorar-se e tão apaixonados se sentiam um pelo outro que quase não se separavam. Mas na terça-feira passada Maria Olga aborrecendo-se com Ferreira, rompeu os laços de amor que os ligavam, passando a votar-lhe um grande despreso.

Ferreira, entretanto, não se conformou com isso e, desde então, insistiu em tornar a falar-lhe.

Hoje à tarde, então, Ferreira conseguiu atraí-la para o quintal. Ahi, pondo em pratica o plano que concebera, sacando do revolver que estava armado desfechou, rápido, três tiros contra Maria Olga. E mal ella rodava nos calcanhares ao tombar, elle voltava a arma contra o próprio peito, descarregando as duas outras balas e ferindo-se gravemente.

Os estampidos atraíram as pessoas da casa, sendo logo chamada a Assistência. A Ambulância chegando ao Posto Central, ahi deixou os dous feridos. Tão graves eram os ferimentos de Maria Olga que ella veio, logo a fallecer. Ferreira, que conta 30 annos, recebeu soccorros e foi internado no Hospital do Prompto Soccorro.”

O título da matéria que narra uma história de amor que acabou em morte hoje poderia se tornar um *lead* completo se fosse assim redigido: “O ex-sargento do Exército José Ferreira matou ontem com três tiros a namorada Maria Olga Lacerda. Em seguida tentou o suicídio, atirando no próprio peito. O crime ocorreu na residência da moça, na casa 5 da avenida Conde de Bonfim”.

Observe-se no texto o termo “scena de sangue”, chavão que se repete em matérias de *O Globo*, *A Manhã* e *A Noite* da época. O redator procura impressionar o leitor, empregando este termo logo na primeira linha do texto, recheado de adjetivos, como se usava nos anos 25. É um exemplo do nariz de cera exagerado, modo de escrever que mereceu críticas do jornalista Evandro Carlos de Andrade, como já foi referido nesta pesquisa. A abertura do texto aborda o momento em que aconteceu o crime, talvez para demonstrar a rapidez com que o jornal fez a cobertura do fato, editou e lançou os exemplares na rua, à disposição dos leitores. Logo em seguida, o redator retoma o método habitual de relatar a notícia: a ordem cronológica dos acontecimentos.

O GLOBO – N. 126, 1-12-25, Segunda Edição. Matéria de capa, alto de página, suitando (termo usado no jornalismo para indicar a seqüência da matéria) em três colunas o crime passionai envolvendo o casal de noivos Maria Olga e José Ferreira. A edição abriu espaço para uma foto de Maria Olga deitada, com um pano atado à cabeça, e a seguinte legenda: ‘A namorada morta, Maria Olga Lacerda, photographada no Necrotério da Assistência’. Não trouxemos para esta pesquisa a foto de Maria Olga. Contudo, consideramos importante mencioná-la, bem como o texto legenda, para ambientar o leitor:

“MARIA OLGA

Ainda guardava na bolsinha de couro o retrato do seu matador!

Scenas desoladoras e detalhes compromettedores

A tragédia da rua Conde de Bomfim

Na tragédia que se desenrolou, à tarde, na casa V da rua Conde de Bomfim, n. 283, conforme divulgamos em a nossa edição das 17 horas, com abundancia de detalhes, há circunstancias que compromettem irremediavelmente esse jovem desvairado que dispoz da vida de uma pobre moça para desabafar a sua paixão bárbara. Olga, a morta, era uma creatura boa, que acreditava cégamente nas juras do seu namorado. Elle, José Ferreira, é um homem casado, máo esposo e peor pae, porque abandonara a mulher e dous pequenos innocentes, dedicando-se a essa vida de conquistas e de crimes.

Na casa de Maria Olga só há desolação. As suas irmãs choram convulsivamente sobre o leito em que a infortunada moça dormiu pela ultima vez.

Quando nos aproximamos de uma dessas soffredoras e perguntamos por José Ferreira, ella ergueu a cabeça, deu um passo e retirou de um móvel uma bolsinha de couro.

– Era a bolsinha de Maria! – disse a coitada.

Abriu-a, tremula, e quando os seus olhos se fitam um retrato de homem, guardado com carinho ao lado de uma flor murcha, disse a custo procurando deter os soluços que lhe apertavam a garganta.

– É elle! Maria Olga ainda guardava com amor a sua photographia!

Aos poucos, a proporção que iam entrando as pessoas amigas da família enlutada, íamos colhendo detalhes impressionantes que bem revelam a crueldade do assassinio. Foi assim que soubemos que José Ferreira, ex-sargento do Exército e actualmente barbeiro, é casado e tem dois filhinhos. A sua esposa abandonada curte a saudade que a tortura numa casinha modesta da rua dos Araújo, na Tijuca. Longe de voltar os olhos para essa moça a quem ligou a sua existência e para esses dois innocentezinhos sacrificados desde cedo, José dedicava todo o seu affecto, fingido ou não, á creatura que matou barbaramente. Há oito dias, um irmão de Maria Olga, Paulo José Lacerda, veio a saber dos antecedentes do namorado de sua irmã. Informado por um amigo de que Ferreira é casado, narrou esta verdade dolorosa aos seus pais, que passaram a impedir que Olga falasse a homem tão indigno do seu amor. Ella, triste mas corajosa, obedeceu aos pais, dizendo a Ferreira que considerava desfeito o namoro.

Foi esse tra(ilegível) se cruel para os dois namorados que motivou a horrível scena de sangue desta tarde.

Ferreira chegou mais cedo do que de costume, foi para o quintal, chamou Maria Olga e quando a viu diante dos seus olhos desfechou-lhe três tiros de revolver. Quandoa viu caída ao solo, voltou o cano contra o seu próprio peito e detonou a arma. Em seguida, correu para a cozinha, tomou nas mãos uma machadinha e vibrou vários golpes na cabeça e no rosto, caindo, então, numa poça de sangue.

O detalhe mais curioso em torno dessa tragédia é que Ferreira, para adquirir o revolver com que matou a namorada, furtou a capa do seu companheiro de quarto, Cecílio Álvaro Silva, vendeu-a e com a quantia apurada comprou a arma que servisse para cometer o crime.

Julgando-se perdido, em face dos seus ferimentos graves, Ferreira ao se accommodar num leito do Hospital de Prompto Soccorro, chamou o Dr. Pedro Paulo Paes de Carvalho e pediu-lhe fornecesse papel e lapis, pois desejava fazer uma ultima declaração ao delegado do 7.º districto policial. De posse dos objectos pedidos, o trágico Ferreira escreveu algumas linhas, entregando-as ao facultativo.

Esse bilhete, até a hora em que rematamos estas linhas, ainda não tinha chegado ás mãos do commissario Dr. João Napoli, em serviço naquella delegacia.

A leitura da matéria acima transcrita permite observar o tom dramático emprestado à notícia, desde o título, reforçado com um ponto de exclamação. Na abertura do texto, o repórter divulga novas informações, elogia a moça e condena o noivo, ex-sargento do Exército.

A matéria é descritiva e começa no segundo parágrafo. Ou seja, a abertura consiste no nariz de cera exagerado, destinado a criar um clima dramático para capturar o interesse do leitor. O noivo é descrito como um “jovem desvairado”, com a “sua paixão bárbara” por Maria Olga, “criatura boa”

O GLOBO, 1/12/1925, n. 126. Matéria de capa da segunda edição, na última coluna da direita, logo abaixo de uma nota, despachada de Berlim pela agência UP, informando que, com o “aumento da falta de trabalho”, havia naquela cidade cerca de 100 mil desempregados, dos quais 75% eram operários profissionais.

“Em torno de uma queixa

De espancamento

O que nos disse o investigador

Emygdio

Pela 3.^a delegacia auxiliar está correndo um inquerito para apurar a queixa de Francisco Nilo, morador á rua Portella n. 160 em Madureira, que diz ter sido espancado no Posto de Vigilância da 4.^a delegacia auxiliar no Meyer, pelo seu chefe o investigador Emygdio Rocha. A proposito desse caso procuramos ouvir, hoje, o investigador Emygdio, o qual nos declarou o seguinte: Na manhã do dia 27 do corrente, cerca de 11 horas, quando eu despachava o expediente do Posto sob a minha chefia, me foram apresentados Francisco Nilo e José Ferreira Alves, o primeiro, que estava sendo detido. Ouvindo os dous, verifiquei que se tratava de um facto que estivesse na minha alçada resolvel-o e, immediatamente, ordenei a liberdade de Nilo, passando uma reprehensão em Jose Ferreira Alves.

Ao retirar-se, Nilo mostrou-se muito satisfeito com a minha solução no caso e penhorado agradeceu-me. Foi esta a única vez que vi Nilo e quanto ao espancamento de que se diz victima, não o foi dentro deste posto, isto eu posso asseverar porque nem eu nem os meus auxiliares internos consentiríamos em semelhante cousa muito especialmente em se tratando de um facto que escapava á nossa alçada.

Quanto ás accusações que me fazem, eu aguardo com serenidade uma acareação para deitar por terra tudo quanto queiram dizer a meu respeito. Pois se eu tive a interferência no caso para pôr em liberdade Nilo. Se este foi espancado, só podia ter sido na rua e nem elle me fez sciente disso nem no meu conhecimento chegou senão pela leitura dos jornaes.

Esta é a verdade do facto?”

Selecionamos esta matéria para nossa pesquisa pelo tema – espancamento de preso – assunto recorrente na imprensa. O repórter interfere claramente na notícia. Põe em dúvida a declaração do policial acusado de espancar um detido, questionando-a com ironia no final do texto. Na abertura, quase surgiu o que poderia hoje ser considerado um lead, caso o texto de abertura incluísse a declaração do policial, negando a acusação.

Ainda na Segunda Edição do dia 1º de dezembro, *O Globo* noticia na página 2 um despejo que acabou com a detenção do locatário:

“O senhorio arbitrário foi

preso pela policia

Ficaram detidos tres

carregadores”

Leon An Dalle, de nacionalidade belga, estabelecido com commercio de vidros, oleados, etc á rua dos Ourives n. 59, sublocou parte da casa em que reside, á rua Eleone de Almeida, numero 14, a Alipio Rocha, empregado do escriptorio da firma Laporta&C. de sorteios de automóveis, ficando como responsável pelo aluguel, que importava em 125 \$ mensaes, o Dr. Ernesto Jardim.

Vencidos dois meses, Dalle procurou Alípio para receber os alugueres, pedindo este a aquelle que se dirigisse ao Dr. Ernesto Jardim ou á firma Laporta & Comp.

O fiador, porém, achava-se ausente, pelo que o inquilino solicitou do sublocatário que se dirigisse então á firma alludida, que esta estaria prompta para satisfazer o pagamento.

Dalle não fez caso do pedido e, hoje, apreçando vários carregadores despejou violentamente o inquilino, fazendo transportar para a rua todos os moveis e haveres de Alípio e sua família, que com elle residia.

O prejudicado então, procurou as autoridades do 9. ° districto que, providenciando como lhes competia detiveram o arbitrário locatário e os carregadores a quem foi incumbido o despejo illegal. São elles Cypriano Alves, morador á rua Gonçalves n. 54, Manoel da Silva, residente á rua Padre Miquelino n. 69 e João Gil, morador a rua Itapiru n. 65 ”.

O texto acima ordena os fatos pela ordem cronológica dos acontecimentos. A prisão do senhorio, que é o desfecho da história, está no final da notícia, mas é anunciada no título.

Também na mesma edição do dia 1º de dezembro, na página 6, recortamos a seguinte matéria:

“Furtou um embrulho

da tinturaria

O ladrão preso e as roupas

aprehendidas

O Sr. Áureo Souza Ayres, estabelecido com tinturaria a rua Voluntários da Pátria n. 280, queixou-se a policia do 7 ° districto de ter sido furtado, em seu estabelecimento, num embrulho contendo um terno de casemira e duas calças de flanela, tudo no valor de 500\$000.

O investigador Doria iniciou diligencias e em poucas horas, prendeu o verdadeiro autor do furto, o ladrão Antonio da Silva, que declarou ter vendido as roupas ao Sr. Euzébio Teixeira Pombo, no largo do Machado n. 291, onde foram apprehendidas.”

O redator emprega a ordem cronológica dos acontecimentos para relatar o roubo numa tinturaria e a prisão do ladrão. A matéria ocupa o canto da direita, no alto da página. O texto é redigido na ordem direta, sem nariz de cera nem adjetivos e responde primeiro à pergunta *quem* – o tintureiro que foi roubado, depois o *quê* – queixou-se à polícia de ter sido furtado em mercadorias no valor de 500\$000, *onde* – na tinturaria de sua propriedade. A redação do fato foi construída com concisão. A concisão, como preceituou Evandro Carlos de Andrade, é um requisito do jornalismo referendado com a adoção do *lead*.

Mas esta matéria ainda não configurou um exemplo, naquele ano, da objetividade que veio se encorpar décadas mais tarde no jornalismo de hoje em dia. Para que se proceda a uma comparação, é preciso perceber que a notícia, para o jornalismo contemporâneo, está na prisão do ladrão. Então, se fosse nos dias de hoje, o *lead* teria

que começar informando que “a polícia prendeu hoje ...” ou “foi preso hoje ...”. O título acompanha o pensamento ordenado pela cronologia dos acontecimentos:

O GLOBO, N. 127, dia 2/12/1925. Edição da Manhã (primeira edição da manhã), página três, no meio da página:

“Aggredido a cacete

Por ter sido aggredido a cacete na rua Clapp e apresentar ferimentos na cabeça, foi medicado no Posto Central de Assistência, o entregador José de Souza, de 29 annos, branco, solteiro e residente á travessa Costa Velho numero 7.

O texto acima, que relata a agressão sofrida por um entregador, é quase o que hoje se considera um *lead* completo. A matéria é uma nota de três linhas. Conforme Rabaça & Barbosa, nota é “pequena notícia destinada a informação rápida”.

O redator abre o texto com a informação que poderia atrair o leitor respondendo a três perguntas, que se confundem em uma: o que, como e por que. O texto responde também às questões onde e quem. Faltou apenas relatar *quando* ocorreu o fato. Se o pensamento do redator estivesse orientado pela referencial costumeira, a ordem cronológica, ele deveria redigir contando que o entregador foi agredido a cacete e depois foi medicado no Posto Central de Assistência. O texto é enxuto, sem nariz de cera e os adjetivos habituais.

Na mesma página, outro exemplo:

“Levou um coice

O cocheiro Manoel de Moraes, de 85 annos, morador á rua Visconde da Gávea n.129, levou hontem um coice de luar, na rua General Pedra, soffrendo fractura exposta do frontal.

A Assistência prestou soccorros á victima.”

Hoje poderia ser considerado um *lead* o texto acima, que faz um pequeno registro do fato. O redator abre a nota respondendo à pergunta *quem*. Em três linhas, informa quem, o que ocorreu, como foi, por que, quando e onde.”

O GLOBO, n. 127, dia 2/12/1925, página três, à direita e ao alto:

“UMA BRAVATA DO “BELLEZA”

Em culotte e mangas de camisa
promoveu desordens
esbordoando uma mulher
indefesa

O soldado n. 195 do 3º esquadrão, do regimento de cavallaria da Policia Militar, Marciano Monteiro, mais conhecido por suas revoltantes proezas pela alcunha de “Belleza”, confirmou mais uma vez o seu requinte de perversidade.

Estava na cancella da rua João Vicente, em Madureira, no seu mister de vender laranjas, a nacional Maria Bebian, a “Bahiana”, como é conhecida naquelle subúrbio, quando, approximando-se della, o soldado “Beleza” exigiu-lhe laranjas, impondo, ainda, a entrega da faca, immediatamente. A pobre mulher respondeu-lhe que elle tivesse paciência de esperar um pouco mais, por isso que a faca estava com o outro freguez, que se servia della no momento. Foi o bastante para que Marciano, ou antes o “Belleza, a esbordoasse desapiedadamente, jogando-a no chão.

Felizmente passava pelo local o guarda civil n. 1.079, José Reis, que vendo aquella scena brutal, effectuou a prisão de “Belleza”. Este

reagindo, tentou alvejar o guarda, sacando de uma pistola, mas aquelle mais ágil conseguiu subjugar-o entregando-o ao commissario Moreira de Souza, de dia no 23º districto, que autuou o desalmado, apreendeu a arma e recolheu o turbulento ao xadrez.

A Assistencia soccorreu a pobre mulher, que recolheu-se depois á sua residência, no morro do Vaz Lobo, naquella localidade.”

Na matéria intitulada “Uma bravata do Belleza” o repórter toma partido ao relatar o fato, embora escreva na terceira pessoa. Ele usa um chavão recorrente na imprensa em 1925 para criticar o soldado Marciano, acusado de “esbordoar” uma vendedora de laranjas: “requite de perversidade”. Com este recurso, procurou realçar o contraste de alguém que tem o apelido de “Belleza” e espanca uma mulher. O texto foi redigido pela ordem cronológica dos acontecimentos:

O GLOBO, n. 127, DIA 2/12/1925, Edição da Manhã, ao centro da página.

“PORQUE

foi medicar o pae

o amante espancou-a

Por ter ido ao encontro de seu pae sem o consentimento do amante Mario Balbino dos Santos, Sebastiana Gomes Ferreira, de 29 annos, viúva, brasileira, residente á rua Marina n. 15, foi por este espancada e pisada brutalmente, recebendo escoriações generalizadas.

As autoridades do 23º districto tiveram conhecimento do facto e fizeram medicar a victima na Assistência do Meyer.”

Hoje seria considerado um *lead* quase completo o registro de uma cena de ciúme, noticiada no *O Globo* do dia 2 de dezembro de 1925. O redator inicia a nota

respondendo à pergunta *por que*, a fim de chamar a atenção do leitor. Das clássicas indagações do *lead*, só ficou sem resposta a pergunta *quando* aconteceu o fato:

O GLOBO, n. 127, dia 2/12/1925, Edição da Manhã, título no alto da página.

“NA ‘CASA NEGRA’

do Andarahy

Ficou com a bocca

rasgada a navalha

E em estado grave

foi hospitalizado no Prompto

Socorro

Uma violenta scena de sangue veio agitar a noite de hontem, na tranquilla travessa Carvalho Alvim, quando os seus moradores entravam no maior socego. É que de um momento para outro, dous homens apareceram, terríveis, em luta, tudo levando a crer estarem elles dispostos a se matarem. De todos os lados correram curiosos e, em menos de cinco minutos uma numerosa multidão se comprimia em torno dos adversários que se degladiavam, furiosos. E a julgar pela violencia dos ataques, pela defesa ágil dos golpes e pela firmeza dos lutadores, acreditavam todos, prolongar-se a contenda por mais muito tempo, quando um delles mal amparando um golpe, num grito de dor cambaleou, enquanto deixando cair a arma que empunhava levava a mão ao rosto. Estava com a bocca horivelmente rasgada por um extenso e profundo golpe de navalha. Mesmo vencido o outro delle não se compadeceu. Tanto que avançando resolutamente ainda lhe desferiu

mais dous golpes nas costas e no braço. A esse tempo o perverso abrindo um claro ente os que lhe assistiam a façanha, a arma em punho, desapareceu. Com toda a urgência, foi, então requisitada uma ambulância da Assistência, que não tardou, levando ferido em estado de inspirar cuidados, para o Posto Central. Ahi o medico em serviço o soccorreu, fazendo-o internar, depois, no Hospital de Prompto Soccorro.

A esse tempo o commissario Joaquim Esteves, em serviço na delegacia do 16º districto, e o serviço em “promptidão” Antonio partiam para o local no intuito de apurar bem o facto, de cujo desenrolar tinham apenas vagos informes.

Assim foi que as autoridades chegando á travessa acima referida, verificaram que a scena de sangue se desenrolara no n.60 – a conhecida “Casa Negra”, onde freqüentemente se produzem pugilatos e factos de tal ordem, em consequência da jogatina desenfreada que ali se desenvolve. A alludida casa é um barracão de grandes dimensões que serve de habitação collectiva a operários e trabalhadores.

Pouco informaram ao commissario no local. Disseram-lhe alguns dos que ali encontrou que os dous adversários tinham tido uma desavença e brigado á toa...

No Posto Central de Assistência o commissario Esteves, ouviu a victima, o “garçon” da casa de pasto n.42, da Avenida 28 de setembro, de nome Epiphanio Monteiro, de 24 annos, solteiro e brasileiro, que lhe contou ter sido brutalmente anavahado por um seu desaffecto, cunhado do proprietário da “Casa Negra”, se esquivando, entretanto, de entrar em detalhes...

Emquanto as autoridades diligenciavam em capturar o criminoso, elle Manoel Rodrigues Miranda, conhecido desordeiro desaparecia, tomando rumo desconhecido. A esse tempo outra victima de Miranda, Isaias Oliveira apparecia no Posto Central de Assistência ferido na mão, e reclamando soccorro.

Foi aberto inquérito a respeito”.

Nesta matéria verifica-se o uso do chavão “scena de sangue”. As primeiras linhas do texto informam *quando* ocorreu o fato – uma briga de rua, durante a qual um dos contendores agrediu o outro a navalha –, valorizando o contraste: a briga foi à noite, quando as pessoas que moravam perto já estavam dormindo. O relato segue a ordem dos acontecimentos.

O GLOBO, N.129, dia 3/12/1925, página 7, à direita e ao alto da página:

“POR CAUSA DE UMA VELHA

RIXA

Um constructor, em Nilópolis,

foi agredido a tiros!

Nilópolis, do correspondente (E. do Rio), 2 – Às 19 horas de hoje, foi esta localidade testemunha de uma scena de sangue que causou grande indignação a todas as pessoas que a presenciaram.

À essa hora, achava-se num botequim da avenida Lazaro de Almeida, em companhia de vários amigos, bebendo cerveja, o conhecido constructor Raymundo Mendonça, brasileiro, casado, de 42 annos de idade, residente a rua Coronel Soares, quando delle se approximou o individuo José da Silva, homem de máos instinctos, que, sem dizer uma

palavra, sacou de uma pistola Mauser, descarregando-a sobre Raymundo que foi atingido por dois projecteis, um no maxillar inferior e outro na clavícula esquerda, caindo ao solo banhado em sangue.

O criminoso, que é de nacionalidade portugueza, solteiro, de 40 annos de idade, após ter commettido o crime, com a arma ainda fumegante, intimidou os presentes, pondo-se em precipitada fuga.

Scientificada a policia, do acontecido, esta não se fez demorar, tratando immediatamente de providenciar soccorros para o ferido, que se achava em estado desesperador, transportando-o para o Posto Central de Assistência dessa cidade.

O sub-delegado Sebastião de Oliveira Castro apurou que entre o criminoso e a victima existia uma velha rixa por questões de negócios.

Em seguida esta autoridade, em companhia dos commissarios Nilo e Antenor, emprehendeu varias diligencias para a captura do criminoso, que até a hora em que eram escriptas estas linhas, não tinham surtido effeito, embora a policia empregasse todos os seus esforços nesse sentido.

A população acha-se bastante revoltada deante do attentado criminoso de que foi victima Raymundo, pois, é tido pela mesma em grande estima, por ser um homem trabalhador e honesto”.

O redator utilizou um nariz de cera para narrar a matéria acima, valorizando a hora em que ocorreu a rixa e repetindo o chavão “scena de sangue”. Em seguida, relata o fato pela ordem cronológica dos acontecimentos.

O GLOBO, N.130, dia 4/12/1925, página 2, ao alto:

“ESTA NOSSA VIDA MILITAR...

"Das Laranjeiras ao Leme, para um duello

O orgulho do guarda noturno

O guarda noturno, estava ali, na praia do Leme, preocupado mais com a beleza extraordinária da noite, do que mesmo com a difícil e complicada obrigação de guardar o alheio...

Acompanhando o movimento da lua e extasiado ante as ondas, o “nocturno” viu uma senhora muito afflicta, correndo ao seu encontro.

Praguejou meia dúzia de palavras e fixou mais uma vez a atenção nas vagas barulhentas, na esperança de que a senhora passasse...

No entanto, parada já, diante do rondante a mesma exclamava:

– “Seu” guarda, venha depressa! Dous homens naquella outra esquina, vão se matar!

Levantando-se rápido, e assustado, o guarda correu na direcção da rua Gustavo Sampaio.

– Não é por ahi, moço.

Parando, o homem, oscilou a cabeça, e entre contrariado e indeciso, replicou:

– Ia telephonar para o necrotério...

Meia hora mais tarde, e na delegacia do 30º districto entravam dous homens conduzidos por um guarda noturno. Todo satisfeito pelo facto inédito de prender alguém, o “nocturno” dirigiu-se ao commissario de serviço, Dr. Carlos Machado, e falou:

– Estes dous homens foram salvos por mim, “seu” doutor. Iam se matando na praia do Leme.

E depois de historiar os transe todos daquela “quase” tragédia, arrematou:

– Cheguei mesmo no momento preciso... Avançando um passo, Claudimir Teixeira, chefe da copa do Hotel Bélgica, á rua das Laranjeiras n. 47 e residente nessa mesma rua n. 51 e um dos detidos, falou:

– Vim das Laranjeiras provocado por aquelle homem.

E apontou o outro: Augusto Ribeiro Barbosa, “garçon” do mesmo hotel e residente á rua do Cattete n. 169, que disse o seguinte:

– Há três dias que venho sendo espinhado. Hoje, quando deixava meu serviço, elle me convidou para brigar. Tive vontade de esganal-o, mas, depois pensei: “Não vale a pena, é melhor deixa-o viver...” Mas, deante mesmo da minha misericórdia elle insistiu. Quando tomei a resolução de brigar, fui convidado a vir ao Leme.

Augusto Ribeiro tomou a palavra:

– O provocado sou eu, no serviço do hotel. Este individuo leva a desfazer do meu trabalho. Ainda hontem...

– Bem, interrompeu a autoridade... Quero saber sobre a briga no Leme.

– Não foi nada, “seu” doutor. Se eu soubesse mesmo que era só para trocar bofetadas e ser preso não me teria largado até estas paragens, respondeu o chefe da copa.

– Também eu, emendou Augusto Ribeiro.

O commissario determinou que os dous homens descansassem um pouco em uma sala da delegacia. E, virando-se para o guarda:

– Póde ir...

O “nocturno”, fazendo uma continência falou desconsolado:

– E eu que estava todo contemplativo...

E já de “ bonet” na cabeça:

– Esta nossa vida militar, “seu” commissario, é tão atribulada...”

Ironia com a polícia e admiração pela “belleza da noite”, o “movimento da lua” e “as ondas” dão o tom de abertura do texto intitulado “Esta nossa vida militar”, publicado em *O Globo* do dia 4 de dezembro de 1925. A frase introdutória acaba com reticências, recurso usado ao longo do texto. Os personagens da notícia são homens do povo, um chefe da copa e o outro um garçon do hotel Excelsior.

O redator anuncia um “duello” no título, mas no corpo da matéria não descreve armas nem luta física entre dois homens acusados de briga. A violência da disputa entre os brigões é apenas insinuada pela mulher que denunciou o fato a um guarda noturno. O texto é quase todo redigido na forma de diálogos entre os brigões, o guarda noturno chamado para apartá-los, a mulher que pediu auxílio e o comissário de polícia.

O GLOBO, N. 130, dia 4/12/1925, “Ultima Hora”. Página três, título à direita e ao alto.

“A morte em “dóses

O papelsinho branco,

O chapéu de feltro e o lenço das lágrimas

Explicado o mysterio no 9º

Districto

Se eram caras as sedas que tão bem modelavam aquelle corpo esbelto de mulher, mais custosas ainda pareciam as jóias que lhe faiscavam nas mãos, nos braços e no peito. Mas o que causava estranheza, sem duvida, mais do que o apparato da creatura bonita, era o

facto esquisito della apparecer naquella avenida sombria, suja e mal calçada, batendo á porta da mais modesta das suas casas. E. em pouco, ella se sumia no interior da casa, a de n. 13.

Foi nessa occasião que surgiram, apressados e cautelosos, três homens – autoridades policiaes do 9º districto – que vinham no encalço da dama elegante. Ao espírito de quantos ali estavam veio, rápida, a visão de uma tragédia prestes a consummar-se. As autoridades bateram á porta. Ninguém respondeu. Tornaram a bater. E como ninguém respondesse, a porta foi arrombada. Os três homens entraram, então. Grande surpresa os aguardava, pois ali não havia nenhuma mulher. Sentiram apenas um vago e doce perfume embalsamando o ambiente. Dada rigorosa busca foram encontrar sobre uma mesa um papelzinho branco, um chapéo de feltro e um lenço branco, bordado caprichosamente, e humido de lagrimas. Aos fundos uma porta aberta de par em par explicou a razão do brusco desaparecimento. A dama, viciada do terrível tóxico, fugira com o vendedor terrível, á approximação da policia.

Pela manhã, hoje, o Dr. Cobra Olyntho, delegado do 9º districto e seus auxiliares, voltaram á mesma casa, nella surprehendendo os indivíduos Mario Affonso e Erondino Augusto da Silva, os vendedores da morte que há muito a policia queria prender. Conduzidos á delegacia, relataram o episodio da dama elegante, que pretendera, com a força das suas lagrimas, leva-los a vender o tóxico em proporções que não possuíam e reconheceram o chapéo como sendo de um delles.

Os perigosos vendedores de cocaína foram recolhidos ao xadrez e estão sendo processados”.

O tema desta matéria determinou a seleção para esta pesquisa. A cocaína já era notícia nos anos 25, com a prisão de “vendedores” da droga. Para prender a atenção do leitor logo no início da notícia, criando um clima de mistério, o redator usou o recurso do contraste: uma bela e elegante mulher, cheia de jóias, vestida com roupas caras, andando tarde da noite em uma rua mal freqüentada. Não se trata de um lead – técnica inexistente naquela época. Mas o recurso ao contraste também é usado hoje em dia no *lead* que Erbolato classifica de “lead de contraste”.

O GLOBO, N. 131, dia 5/12/1925. Ao alto e ao centro da página dois:

“No alto do morro, entre

as arvores ...

Maria Cabeté deve estar

esperando o almoço

Não se sente mais o odor de

gallinha assada

Dentre as árvores frondosas, no alto do morro, elevava-se, muitas vezes, o odor confortante de uma gallinha assada. Aquelles que, por miséria, não tinham nem lume, no fogão, approximavam-se cautelosamente do logar onde se espargia a essência embriagadora e, occultos por detraz de uma moita, espreitavam os felizes convivas daquelle banquete pitoresco. Uma aspiração forte, braços abertos para maior expansão dos pulmões, era quase um almoço... Muitos desciam para

os seus barracões convencidos de que haviam comido uma boa perna de galinha...

Depois do repasto, quando restavam no chão apenas alguns ossos partidos e as brasas da fogueira, um casal de velhos, braços dados, sorrisos nos lábios, como quem acaba de comer bem, deixava o morro, desdenhando daquelles outros a quem excitavam com a sua iguaria preciosa, muito rara naquellas paragens...

O ancião é Emilio de Albuquerque, que já completou 66 annos; a sua companheira é Maria Cabeté, que se fez sua amante, depois dos 50, para só então poder comer galinha... O morro do Leme é a cozinha e a sala de jantar do casal errante e singular.

Esta madrugada, o funcionário do Ministério da Agricultura, Armando Rocha, residente á rua Itapemirim numero 1, ouviu o cacarejar de uma galinha nos fundos do seu quintal. Ergueu-se do leito, dirigiu-se ao galinheiro e, então, pôde comprehender a razão de ser daquelle inesperado pedido de soccorro. Surprehendeu um homem, sacco nas costas, torcendo o pescoço de uma gallinha. Deitou-lhe as mãos no paletot, deu-lhe voz de prisão e o larapio, docilmente, deixou-se conduzir, depois de escancarar o sacco, onde jaziam, no silencio da morte, seis aves de pescoços torcidos...

A estas horas, o velho Emilio está no xadrez do 7º districto e Maria Cabeté já deve estar cansada de esperar e louca de fome.

Foi assim que cessou de vez o odor confortante de galinha assada que tanta água poz na bocca dos habitantes do morro do Leme..."

O relato da prisão de um ladrão de galinhas, que costumava assar as aves no alto do morro onde morava, preparando uma refeição para si e para sua companheira, foi redigido de forma a beirar uma crônica. O redator usou fatos do cotidiano – a pobreza e a fome dos moradores dos morros, o roubo para comer –, fantasiando-os: povoou o almoço do ladrão de galinhas com outros moradores do morro, que se escondiam e aspiravam o cheiro do assado, sentindo-se almoçados. Fez uma farta descrição do local, incluindo “árvores frondosas” e as “moitas”, atrás das quais ficavam os moradores famintos, escondidos, sentindo o cheiro de galinha assada que o vento lhes trazia. Cabe ainda ressaltar as reticências empregadas no texto. A matéria, isto é, a notícia, começa no quarto parágrafo, desdobrando-se em ordem cronológica.

Curiosa é uma coincidência com o noticiário deste mesmo dia do jornal *A Noite*, que publicou matéria sobre um ladrão de galinhas, apelidado pelo redator de “Barba Azul” de Copacabana, surpreendido com um saco cheio de galinhas roubadas e sem pescoço. Na matéria de *O Globo*, o ladrão não tem apelido.

O GLOBO, N. 131, dia 5/12/1925, “Edição das 19 horas”, capa, alto de página.

**“Não resistiu às torturas
da tuberculose**

E golpeou o pescoço á
navalha para morrer

Na casa n. 136 da rua Bomfim onde reside com a família, José Maria Sanches, de 40 annos, torturado pela terrível tuberculose que há muito lhe vem minando o organismo, apanhou de uma navalha, vibrando extenso golpe no pescoço. A Assistência foi chamada e o tresloucado

recebeu os socorros de que carecia, ficando em estado desesperador na própria residência, aos cuidados do medico da família”.

A matéria “Não resistiu às torturas da tuberculose”, de *O Globo* do dia 5 de dezembro, foi selecionada para esta pesquisa porque os jornais da época noticiavam com frequência as tragédias que envolviam os que contraíam aquela doença. A notícia seria completa na forma de um *lead* se não faltasse a resposta à pergunta *quando* o fato aconteceu. O redator não abriu com a informação de maior impacto. Ao contrário, preferiu iniciar o texto da nota informando o local onde ocorreu o fato:

O GLOBO, n. 136, dia 9/12/1925, “Edição das 19 horas”. Página cinco, no centro da página:

“Foi receber uma conta...

...E soffreu uma aggressão

a foice!

Não sabia o lavrador Antonio da Silva que surpresa bem desagradável o aguardava ali na estrada do Areal numero 9, onde ia receber uma conta. Assim foi. Saindo da casa de sua residência, na estação do Sapé, o lavrador Silva, ao penetrar no quintal da referida casa se sentiu abordado por um individuo de nome Juvenal que, sem mais o que, lhe vibrou violenta foiçada nas costellas, lado esquerdo. A policia do 23º districto abriu inquérito. A Assistência do Meyer soccorreu o ferido.”

O redator usou o recurso do nariz de cera para abrir esta nota, delineando o perfil de uma relação entre cobrador e devedor. O texto responde a todas as perguntas do *lead*.

O GLOBO, N. 136, dia 10/12/1925. Página quatro, ao centro e ao alto:

“Que horas são?

Hilario Maximiano,

por enquanto, não póde

responder...

Os ladrões deixaram o Sr. Hilário Maximiano numa situação embaraçosa. Até bem poucos dias o cavalheiro andava sempre no horário. Não perdia bondes nem trens e chegava ao lugar onde trabalha justamente na hora mathematicamente determinada. Agora, não trás mais no pulso o elegante relógio que lhe custou 85\$000: furtaram-lhe o precioso chronometro.

Na esperança de readquiril-o, o lesado, que reside á rua Machado Coelho 156, foi apresentar queixa á policia do 9º districto, que prometeu providencia”.

Aqui *O Globo* fez um pequeno registro do furto de um relógio. Possivelmente para valorizar a matéria, o redator redigiu com ironia. Aproveitou o nome do homem que teve o relógio roubado, Hilário, para fazer um jogo de contrastes no título da nota. O texto mantém o tom de chacota, usa nariz de cera e não informa *quando* nem *onde* aconteceu o fato. O relato seguiu a ordem cronológica.

O GLOBO, n. 138, DIA 12/12/1925. Página dois, ao alto e à direita.

“Os ciúmes do boxeur

Vibrou dous violentos soccos

no nariz da amante!

Mas foi autuado

Foi há quatro meses que o “boxeur” amador Euvaldo Baptista da Gama conheceu Judith Ferreira, uma dessas muitas infelizes que enchem os prostíbulos da zona do baixo meretrício. E æm que elles soubessem como, sentiram-se, desde logo attraidos por força irresistível e mysteriosa. Tornaram-se amantes. Mas desde os primeiros dias a incompatibilidade dos seus gênios se manifestou tão claramente que, com o escândalo da primeira desavença todos os outros moradores da casa, a de n. 46 da rua Pereira Franco, correram a sepparal-os. Assim se foi prolongando a vida em commum dos dous. De algum tempo a esta tarde, entretanto, mais serias se tornaram as rixas de Eovaldo e Judith; chegando a elles ao extremo de trocarem os insultos mais pesados. Hontem, como de costume, Eovaldo, que diz ter 129 annos de idade, chegou á casa da amante ahi trocando com ella, doestos grosseiros. Correndo a uma janella, Judith gritou por soccorro, para attrair a attenção da patrulha da cavallaria que se ia movendo, perto. Eovaldo, desagradado dessa attitude, avançou e, furioso, tal como se estivesse num “ring” em frente a terrível adversário, vibrou três violentos “directos” no rosto de Judith, prostrando-a ao chão. A esse tempo os cavallarianos e o 158 da 2ª, ambos do mesmo batalhão, chegavam a tempo de segurar o boxeador e, a custo, domina-l-o.

Palmyra Fernandes e Carlinda Fontes, residentes na mesma casa e testemunhas da aggressão, ampararam Judith, fazendo-a receber os soccorros do Posto Central de Assistência.

Levados para a delegacia, a victima e o accusado, ahi foram interrogados pelo commissario Sálvio de Azevedo Marinho. Judith, que conta 25 annos, contou que o amante o explora, arrancando-lhe todo o

dinheiro que ganha, e ameaçando-a de morte nas suas explosões de ciúme; que são constantes. A scena da madrugada, que teve desfecho tão ruidoso, foi motivada também pelas ciumadas de Eovaldo que lhe confessara estar disposto a arrancar-lhe a vida. Por sua vez Eovaldo se defende, asseverando que todas as suas economias Judith as consumiu chegando a perturba-lo com as suas exigências descabidas. Confessa o “boxeur” que o seu amor por Judith levou-o a commeter todos os desvarios, não compreendendo porque ella se magoou tanto da caricia que lhe fizera...

Eovaldo, que é official de barbeiro e reside á praia do Caju n. 173, foi autuado em flagrante.

As brigas entre uma prostituta e seu jovem amante, apelidado de “boxeur” pelo redator, talvez não merecessem nota no jornalismo de hoje em dia. O redator que em 1925 redigiu habilmente a notícia não informou se a moça teve o nariz contundido ou fraturado – disse apenas que ela foi medicada na Assistencia e depois foi prestar depoimento na polícia.

A notícia, que poderia ser mais uma briga de casal, ganhou força pela mão do redator. Os personagens faziam o gênero favorito de Nelson Rodrigues, possível leitor de *O Globo* e prestes a entrar para a redação de *A Manhã*. A narração seguiu a ordem cronológica do costume.

A MANHÃ

A primeira edição deste jornal, de propriedade de Mário Rodrigues, circulou no dia 29 de dezembro de 1925. O jornalista Ruy Castro, autor de *O anjo pornográfico*, diz que Nelson Rodrigues ganhava um salário de trinta mil réis por mês como repórter de

polícia em *A Manhã*. A equipe do jornal era formada por Danton Jobim, Orestes Barbosa, Joracy Camargo e Henrique Pongetti, entre outros. Colaboravam para o jornal Monteiro Lobato, Agripino Grieco, Ronald de Carvalho e Maurício de Lacerda, além de Apparicio Torelly, que tinha uma coluna diária.

A MANHÃ, 29/12/1925

“Foi há cerca de um mes que em Madureira, na rua Apody, o investigador Severiano, do 23º districto, feriu a tiros, mortalmente, o sargento da Armada João da Silva.

Após os soccorros de urgencia no Posto de Assistencia do Meyer, a victima foi removida, em estado melindroso, para o Hospital do Prompto Soccorro, para mais (ilegível) a observação do estylo, ser internada no Hospital de Marinha.

Agora, de ante-hontem para hontem, havendo necesssidade de uma intervenção cirurgica, João da Silva a ella se submetteu, vindo a fallecer momentos após, devido as lesões recebidas pelos tiros.

Hontem mesmo, com grande acompanhamento de collegas e amigos, foi dado á sepultura, no cemiterio de São Francisco Xavier, o corpo do inditoso sub-official.”

A matéria de polícia desta primeira edição é uma suite (continuação) de um fato ocorrido há cerca de 30 dias. Como naquela época os redatores costumavam redigir a notícia pela ordem cronológica dos acontecimentos, a notícia do dia (o enterro do sargento) foi deslocada para o final da matéria. O texto principia lembrando quando e como o sargento foi ferido pelo investigador Severiano.

Para que se possa melhor perceber as diferenças entre o texto de *A Manhã* de dezembro de 1925 e o texto jornalístico contemporâneo, nesta pesquisa se procede a um exercício. A notícia, redigida hoje em dia, poderia ser assim: “Foi sepultado ontem o sargento da Armada João da Silva, que há cerca de um mês foi ferido a tiros pelo investigador Severiano. Compareceram ao enterro, realizado no cemitério de São Francisco Xavier, amigos e colegas de farda do suboficial”.

A MANHÃ – dezembro de 1925. Não consta o dia, mas possivelmente trata-se da edição de 30/12, pela posição do exemplar, entre os dias 29 e 31 de dezembro, sendo, assim, o segundo dia de circulação do jornal.

“REQUINTE DE PERVERSIDADE!

Cegou o amigo atirando-lhe soda caustica que

atingiu mais tres pessoas

O facto ocorrido hontem á noite em
Madureira em que cegou por completo um operario e
receberam ferimentos tres outros, revela bem nitido o
instincto feroz do seu autor.

A provocação

No largo de Madureira, esquina da rua Marechal Rangel, á porta de um botequim conversavam amistosamente José Soares de Almeida, Pantaleão Rocha de Oliveira e Ary de Andrade quando do grupo se acercou o creoulo Celestino Alves de Souza Pinto, conhecido de Pantaleão.

Sem conhecer os demais, Celestino dirigiu uma pilheria pesada aos do grupo. Pantaleão rebateu a offensa e sem maior novidade Celestino retirou-se.

O crime

Haviam decorrido poucos minutos quando Celestino voltou ao grupo e dirigindo-se a Pantaleão disse – lhe: – “Eu estava brincando”...acto seguido, num gesto rapido e feroz, atirou ao rosto de Pantaleão o conteúdo de uma garrafa que continha soda caustica, fugindo em seguida.

Attingido em cheio, no rosto, a victima soltou um grito de dôr, enquanto os seus companheiros tambem attingidos pelo terrivel caustico, o foram, mais levemente, pediam soccorro.

Os soccorros

Populares que foram attrahydos pelos gritos das victimas, pediram os soccorros da Assistencia do Meyer, que rapidamente compareceu ao local, conduzindo as victimas para o Posto.

As victimas

São quatro, a saber: Ary de Andrade, branco, brasileiro, solteiro, com 27 annos, constructor, residente á rua Francisco Salles n. 127, attingido ligeiramente nos olhos; Jose Soares de Almeida, pardo, brasileiro, casado, com 39 annos, barbeiro, morador á rua Dr. Adolpho Bergamini n. 54, attingido na bocca e ligeiramente nos olhos; Constantino de Almeida, branco, com 18 annos, filho de José de Almeida, morador á rua Teixeira da Costa n.12; ligeiramente attingido no olho esquerdo e Pantaleão Rocha de Oliveira, de côr preta, com 37 annos de idade, casado, pedreiro, residente á tua Teixeira da Costa, 58.

Este attingido em cheio, no rosto teve os dois olhos completamente cégos e rosto bastante queimado. Todas as victimas foram soccorridas pelo Dr. Flavio de Moura, que reputou gravissimo o estado de Pantaleão,

removendo-o por isso, para o Hospital de Prompto Soccorro. Os outros, cujo estado é lisonjeiro, depois de medicados retiraram-se para as suas residencias.

O criminoso

Chama-se Celestino Alves de Souza Pinto, é de cor prêta, com 42 annos, casado, brasileiro, lustrador, residente á rua Oliveira maia 57. Pouco antes de cometter o crime, ás 7,15 horas, tinha terminado um serviço da sua profissão, em um botequim, fronteiro á delegacia do 23º districto policial.

A prisão

O Dr. Machado Junior, delegado do 23º districto, como de costume, rondava o seu districto e casualmente se encontrava proximo ao local do facto attraído pelos gritos das victimas, para lá se dirigiu e inteirado do occorrido, partiu para a casa do criminoso onde effectuou a sua prisão, o que foi feito sem a menor resistencia por parte do criminoso.

Ao conduzir-o para a delegacia, não foi sem grande custo que o Dr. Machado conseguiu deter o povo que queria aggredir o criminoso... Auxiliaram a prisão o soldado Manoel Almeida, o commissario Silveira e o investigador Severiano.”

O chavão “requite de perversidade”, usado também por *O Globo* em dezembro de 1925 aparece nesta matéria de *A Manhã*. O texto é descritivo, obedece à ordem cronológica dos acontecimentos, é trabalhado na forma de diálogo e o redator revela seu gosto pelas reticências. Contudo, não se pode afirmar que seja de Nelson Rodrigues, porque não está assinado. Título e subtítulo na capa, com ponto de exclamação para sublinhar o repúdio do redator ao fato narrado.

A MANHÃ, dezembro de 1925. Não consta o dia. A matéria é de capa e foi publicada na mesma edição em que saiu “Requite de perversidade”.

“DEPOIS DE ESBOFETEADA PELO AMANTE

Embebeu as vestes em Kerosene e ateou-lhe fogo – a victima falleceu no
hospital

Á rua da Passagem do Gado, em Santa Cruz, residiam os amantes
Antonio Januario e Olympia Maria da Conceição.

Por um motivo futil, Januario aggrediu no sabbado ultimo, a
bofetadas, sua amante.

Depois da aggressão de que fôra victima, Olympia, muito
desgostosa e desorientada mesmo de (ilegível) a existencia.

Aproveitando o ensejo de Januario estar ausente de casa, a infeliz
mulher, que contava apenas 20 annos de idade, embebeu as vestes em
Kerosene e ateou-lhes fogo.

Horriavelmente queimada Olympia foi removida para o Hospital
Pedro II, em Santa Cruz, e ahi, hontem, as primeiras horas da tarde, não
supportando os ferimentos, veio a fallecer.

Jannuario, conforme já foi noticiado, está recolhido ao xadrez da delegacia do 27º districto.

O corpo de Olympia foi dado á sepultura no Cemiterio de Santa Cruz.”

A notícia é relatada pela ordem cronológica, em texto enxuto, sem adjetivos e sem nariz de cera. A *MANHÃ*, ainda na mesma edição de dezembro de 1925 e também na capa em que saiu “Requinte de Perversidade”. O relato da notícia obedece à ordem cronológica vigente na época.

A MANHÃ. Não é possível distinguir o dia, apenas o mês e o ano: dezembro de 1925. Matéria de capa.

“DESVAIRADA!

Atirou-se sob as rodas de um bond para fugir á sua propria mae

Foi preciso um soccorro da Light para retirar o corpo da desgraçada

No caso que se vae narrar, apparece, em toda a sua evidencia pungente, a dor de uma filha que foge do lar, esquece o que lhe deram o ser, esquece tudo e se vae despedaçar, cheia de (ilegível) sob as rodas de um bond em excessiva velocidade. Quão desesperadores deviam ser os sofrimentos dessa pobre moça, que prefere ver escorrer o seu sangue todo a permanecer por mais tempo ao lado dos que, pela natureza da sua missao, deveriam ser o amparo e a razão de ser da sua existencia jovem!

Ninguem conhece as minucias do segredo dessa pobre moça, porque ella os guardou bem no fundo de seu intimo. Ainda sob as rodas do pesado vehiculo de ferro, ella, a coitada, diante dos que, em vão, pensavam na maneira de arranca-la daquelle supplicio horrivel, dizia,

tingindo de tragico o silencio sepulchral que então reinava em torno do quadro arrebatador:

– Foi ella a culpada! A minha mãe!

Repetia sem cessar estas palavras e os seus labios, á força da dôr extrema que a assaltava, não podiam dizer mais nada. Era tudo que podiam articular.

Foi na avenida suburbana, na estação da Piedade, defronte ao predio n. 2 542. O bond “Cascadura” n. 627, dirigido pelo motorneiro Jose Christovão Guimarães, corria com toda a velocidade, deixando atras uma nuvem de poeira. Subito, salta em meio da linha, como uma louca foragida, as mãos na cabeça, aquella pobre moça que queria morrer. Os seus ossos estalam lugubrememente e o seu corpo fragil é arrastado na linha ainda para pavor maior dos passageiros do vehiculo.

Quando o bond parou, foi preciso, para retirar o corpo da tresloucada, a intervenção de um soccorro da Light!

No posto de Assistencia a moça, soube-se que a infeliz moça se chama Ondina Peixoto Vargas, conta 18 annos e reside á rua da Serra, 42, na Piedade. Ella tem o corpo todo ferido, as pernas esmagadas e o seu estado é gravissimo.

Depois de medicada, a pobre moça, que ainda teve animo de dirigir algumas palavras ao commissario Dr. Jayme Costa Rosa, do 20º districto policial, foi com a sua grande dôr physica e a sua ainda maior tortura moral, removida para o Hospital de Prompto Soccoro, onde se acha em tratamento”.

O texto foge à rotina da ordem cronológica direta dos acontecimentos. O redator elaborou o primeiro parágrafo na forma de um floreado resumo dos fatos ocorridos, de maneira a ressaltar o conflito entre mãe e filha.

No segundo parágrafo ele descreve a tragédia, possivelmente usando da imaginação. Conta que, apesar de estar com as pernas esmagadas debaixo das rodas do bonde, a moça gritou para as pessoas em redor que a culpa do seu gesto era da mãe dela. O título qualifica o gesto da moça com um termo que Nelson Rodrigues empregou muitas vezes mais tarde. Não é possível afirmar que o texto seja de Nelson, pois a matéria não saiu assinada. Mas, se a matéria não é da sua autoria, ele certamente deve ter lido.

A MANHÃ, 31 (dia provável) de dezembro de 1925. Matéria de capa, com título forte.

EGOÍSMO DE NOIVO

Atacado de um mal incurável, o (ilegível) a noiva com uma navalha
Em seguida o desgraçado golpeou o próprio pescoço e ingeriu veneno,
morrendo na Assistencia

Quando, há pouco mais de um anno, os dois jovens se
conheceram e se amaram, mil sonhos lhes encheram a alma de
esperanças.

Modesto empregado no commercio, vivendo uma vida simples,
sem gosos, nem dissipações, elle viu naquella amor que lhe inspirara a
joven namorada toda a felicidade que um trabalhador honrado pode
aspirar. Aquella creatura tambem na sua situação modesta, vivendo do
trabalho na officina de onde só se retirava quando o sol se recolhia – era

agora a sua única preocupação, o unico motivo da allegria que o dominava inteiramente.

Por sua vez, ella, cuja alma parece que comprehendera bem a delle, tudo fazia para deixar transparecer claramente que a sua affeição tambem era infinita.

Sim, amava-o muito, com todo ardor do seu coração e, indo ao encontro dos desejos do namorado, julgava que a sua suprema ventura estava no casamento. E, assim, atravessando um noivado que nada ousava perturbar, os dois faziam os preparativos para as bodas quando, inesperadamente, uma molestia traiçoeira surprehende o pobre rapaz. E, a despeito dos recursos que elle procura na sciencia, o mal domina o seu organismo. A noiva se impacienta. Elle entristece. Passam-se os dias, e o desgraçado, com o mal terrivel abatendo-o lentamente, perde toda esperança de uma cura definitiva.

Já então a noiva, vendo desfeitos todos os sonhos que acalentara por tanto tempo, entregava-se apenas ao caridoso dever de confortar o noivo com palavras de carinho, até o momento em que elle, cuja vida estava por pouco, tombasse para sempre. Não era, entretanto, a mesma creatura apaixonada, segredando a todo momento ao ouvido delle os seus interminaveis projectos. Elle isso o percebera, bem o sentia. Nada, porem, se animara a dizer. Seu espirito começou a trabalhar na machinação de um plano tragico. Afinal tomou uma resolução:

– Mata-a-ei e suicidar-me-ei!

E o diabolico plano foi executado, de facto, hontem.

Indo em visita á noiva, o desgraçado, cujas forças se iam perdendo pouco a pouco, não deixou transparecer no mais simples gesto a idéia sinistra que levava. Por alguns minutos quedou-se silencioso, como que aspirando ar que lhe inundasse os pulmões quasi fundidos pela maldita tuberculose. Os da casa olhavam-n’o, compadecidos!

Logo depois o rapaz ficou a sós com a noiva. O momento era asado. Com um golpe certo da navalha, prostou-a com a carotida seccionada agonizante. Em seguida, desesperado, como se fôra tomado de subita loucura, golpeou repetidas vezes o proprio pescoço. O sangue jorrou, a arma cahiu-lhe da mão, e o desesperado, cambaleante, ainda sacou do bolso um frasco de veneno e ingeriu todo o conteúdo. Afrouxaram-se-lhe as pernas e o seu corpo cahiu ao solo como um fardo”.

Os personagens e os antecedentes do drama

O primeiro capitulo deste romance tão tragicamente finalizado data de um anno, pouco mais ou menos. Foi (ilegível).

Ella era Judith Alves de Miranda, operaria, branca e contava, actualmente, 19 annos. Elle, Bernardino Rodrigues, tambem branco, de 26 annos de idade e empregado e residente na Tinturaria “Mil côres”, á rua do Cattete n. 183.

Judith, si não possuia essa beleza que attrae aqui um olhar, aly uma sympathia, que é todo secreto orgulho das mulheres formosas, era, no seu todo, uma moça bonita.

Numa festa íntima, num baile, na casa de umas primas suas, veio a conhecê-la Bernardino Rodrigues. A rapariga fascinou-o. Nella deparou todo seu ideal sonhado.

Procurou namorá-la. Conseguiu-o depois de dizer algumas frases ternas nos volteios da contradansa.

Mezes passados, Bernardino pediu-a em casamento. Judith recebeu transbordante de contentamento a solicitação. Realizaria, assim, a grande aspiração de uma joven – casar-se.

Ella era o único arrimo de sua mãe sexagenária e viúva, e de um irmão menor. (ilegível) pela imaginação, no momento em que se sentia tão feliz.

Nos primeiros tempos de noivado, ella, radiante, só vivia para as visões do futuro, que lhe sorria côr de rosa.

Mas essa perspectiva de felicidade não tardou muito em ser annuviada. Envolveu-a uma espessa e negra nuvem. O noivo, em quem ella repousava todas as suas esperanças, fôra cruelmente contaminado da terrível peste branca.

Elle tentara todos os recursos da sciencia e descera mesmo até o curandeirismo para se livrar do mal. Este, porém, resistindo a tudo, progredia sempre, indiferentemente.

Agora, Bernardino era já quasi um trapo de gente...

Judith sentiu ruirem-se, fragorosamente, todos os seus sonhos. Reflectiu no seu futuro e dos seus, que precisava amparar, e pensou em acabar com o noivado. Pensou, mas nada transmitiu ao noivo. Esperava sempre uma oportunidade para falar-lhe, mas não encontrava essa

ocasião. A presença delle, seu estado physico, que era impressionador, tiravam-lhe o animo, desarmavam-n'a. E ella protelava para o dia immediato a comunicação do seu proposito, para, no dia seguinte, protela-lo novamente...

Bernardino compreendeu o que se passava no espirito da noiva e, possuido de um egoismo feroz, planejou, fria e calculadamente, mata-la, matando-se tambem. Judith não lhe pertenceria, mas outro, tambem, não a teria como esposa.”

A tragedia

Eram, precisamente, oito horas da noite, quando Bernardino Rodrigues chegou á residencia da noiva, á rua Conselheiro Myrink n. 71, casa II.

Judith costura na sala da frente, sentada num sofá. Elle (ilegível) aparentemente (ilegível) as terriveis idéas que lhe escaldam o cerebro.

– Como vaes da doença? – foi a primeira pergunta de Judith, ao vê-lo, depois dos cumprimentos.

No mesmo tom respondeu elle, alçando os hombros com um gesto que traduzia indiferença.

– Foste ao medico?

– Não.

E Bernardino nada mais disse. Calou-se fitando (ilegível) demoradamente Judith, (ilegível) continuava a coser.

Depois, erguendo-se do lugar onde se sentara e approximando-se da noiva, tomou-lhe as mãos, falando:

– Quero falar-te uma (ilegível); falta-me, porém, (ilegível) gem.

A moça, fitando-o inqu(ilegível) o com brandura:

– Falle ... Que se trata?

Bernardino, sem dizer (ilegível) uma palavra, saccando do (ilegível) de dentro do paletot (ilegível) navalha e, como reunindo (ilegível) as forças que lhe restavam, vibrou-lhe um profundo e violentissimo golpe no pescoço.

Judith não teve tempo de opor o menor gesto de defesa (ilegível) fôra atingida na carotida. O sangue, vivo, espalhou-se (ilegível) atapetando de vermelho o (ilegível) ...lho do aposento. A moça rodou sobre si (ilegível) para cair, e levantar-se seg(ilegível) depois e fugir, aos tro(ilegível), tentando gritar e não (ilegível)dendo, pois as palavras (ilegível) conjuntamente com o sangue que escorria dos labios do ferimento. Foi ao interior da casa e, desorientada, voltou sobre seus passos, indo baquear no portão da rua.

Enquanto se desenrolava esta scena, Bernardino, ainda sob o mesmo impulso, executava (ilegível) a segunda parte do seu sinistro plano: cortava com a (ilegível) navalha, o pescoço e o (ilegível) do braço direito. E foi (ilegível) todo ensanguentado e (ilegível) gravemente ferido (ilegível) um vidro de veneno, (ilegível) ocultava em seu poder (ilegível) todo o conteúdo de (ilegível) de um trago! Depois, faltara(ilegível) forças e elle tombou, (ilegível)jando no seu proprio as(...ilegível) de sua victima.

Os primeiros socorros

Toda a lamentável tragedia tinha uma testeunha (ilegível): Alsira de Azevedo, mãe de Judith.

Alsira, attonita, ante o que se passava, refugiou-se no quarto e pediu socorro. (ilegível) vizinhos Manoel Espinheiro Costa e João José Silveira Gastão dos Santos accudiram mas nada puderam fazer (ilegível) rapidez em que se desenrolou (ilegível) o crime.

Um desse homens correu (ilegível) um telephone das proximidades e communicou o facto (ilegível) autoridades policiaes do 1 (ilegível) districto e á Assistencia do Meyer.

Pouco depois ao local chegava uma ambulância e Judith (ilegível) ao ser submetida aos primeiros curativos veio a morrer.

Bernardino, ~~em~~ (ilegível) foi transportado para o Hospital do Prompto Socorro onde tambem expirou.

Os cadaveres de ambos foram removidos para o Necroterio, onde serão hoje necropsiados.

A policia do 18º districto, representada pelo commissario Angelo Camara, tomou conhecimento do facto. A navalha, arma utilizada nessa tragedia, foi apreendida.

Judith, como já disse (ilegível) é arrimo de sua mãe viuva e de um irmão menor. A (ilegível) se chama Marcellina (ilegível) e aquelle Cosmo (ilegível)”.

O “mal incurável” citado no título e mencionado no texto como “moléstia traiçoeira” só é nomeado no oitavo parágrafo, depois que o redator criou um clima de suspense. Como se percebe em todas as matérias publicadas em dezembro de 1925 envolvendo a tuberculose, a morte não chega em consequência da doença, mas de gestos extremos da pessoa enferma.

O redator exercitou a imaginação para contar aos leitores um diálogo que não ouviu, entre o noivo e a noiva no momento do crime. Para relatar a tragédia daquela história de amor, a narrativa foi construída opondo esperanças ao desencanto, a saúde à doença, a alegria à tristeza, o sonho à decepção. O relato obedece à ordem cronológica.

A MANHÃ, 26/01/1926:

“O epílogo de um drama passiona

NO ALTO DAS PAINEIRAS UM JOVEM MATA A NOIVA E
SUICIDA-SE DEPOIS, A TIROS DE REVÓLVER

Os antecedentes da impressionante scena e quem são os seus
protagonistas

A cidade amanheceu, hontem, sob a impressão dolorosa de um drama pungente, cuja noticia se espalhou com a rapidez electrica dos telegraphos... Esse drama, que, conhecidos que foram os seus personagens, encheu a cidade inteira de consternação, tivera por scenario um dos pontos mais pitorescos do Rio – as Paineiras – onde a natureza se expande em encantos para acolher, na sonbra amiga das árvores, pessoas que para alli accorrem em dias de calor.

Foi o epilogo tristissimo de um romance de amor, cujas páginas, de um forte colorido, vinham sendo escriptas pelos jovens Waldemar de Oliveira e Silva e Alice Joyce Paranhos da Silva, unidos agora na morte que procuraram voluntariamente, num pacto indissolúvel.”

“Obstaculos de um noivado

Há mezes, residindo o Dr. José Bernardino Paranhos da Silva, diretor da secção de Expediente do Departamento do Ensino á rua

General Bruce n. 68, sua filha a senhorita Alice Joyce Paranhos da Silva, travou conhecimento com Waldemar de Oliveira e Silva, porteiro dos auditórios dos Feitos da Fazenda Municipal, que era vizinho próximo.

Não tardou muito que aquella jovem aceitasse a corte que lhe fez Waldemar tornando-a, então, sua namorada. Como, porém, não lhes fosse possível palestrar pessoalmente, ambos se communicavam pelo telephone.

Conhecido o namoro, da familia Paranhos da Silva, a senhorita Alice foi chamada á ordem por seu pae que lhe demonstrou a inconveniencia da união projectada. A joven, entretanto, não quis ouvir as ponderações paternas. Em consequencia o telephone foi immediatamene cortado, providenciando o Dr. Paranhos para mudar de residencia. Sabedora disso, a joven, que se obstinava em manter o namoro com Waldemar, tentou suicidar-se ingerindo 300 grammas de iodo.

Depois desse facto, que tão fundos desgostos causou á familia de Alice, parecia que a mallograda joven esquecera o seu namorado. Tal não se dera, no entanto, pois mais tarde, Waldemar procurava um irmão de Alice, José Maria, no internato do Collegio Pedro II, dizendo que queria falar ao Dr. Paranhos. Por duas vezes ali foi ter. Por esse tempo a senhorita Alice, abrindo-se francamente com seu pae, dizia que se elle não consentisse no seu casamento com Waldemar, poria termo á vida. Foi então, que falando do caso ao Dr. Rocha Vaz e ouvindo do Director do Departamento de Ensino que devia ceder uma vez que Alice já tinha fixa a idéa de matar-se, resolveu consentir no noivado.

A ausencia de Alice

Actualmente a familia Paranhos está residindo á rua Vinte e quatro de maio n. 38, onde a joven Alice era visitada por seu noivo Waldemar de Oliveira e Silva.

No sabbado á tarde ella pediu licença para ir á casa da vizinha Mme. Backer Azamor, dizendo que após frisar ali os cabellos, iria á residencia do Dr. Quintino do Valle. E saíu só, visto como a casa de Mme. Azamor fica ao lado, no n. 36. Mais tarde o automovel que serve ao Dr. Paranhos foi mandado á residencia do Dr. Quintino do Valle para conduzir Alice.

Ali disseram que ella não estava. Ficaram todos suspensos, dominados por um pressentimento terrível.

Todas as diligencias foram feitas para a descoberta do paradeiro, mas tudo foi debalde.

Uma inquietação dolorosa reinava na familia Paranhos, que, dados os factos anteriores ao noivado de Alice, temiam pela sorte da pobre moça, embora não houvesse motivo para ella executar o plano sinistro que lhe trabalhou o espirito por longo tempo. E nessa inquietação foi que, na madrugada de hontem, a desolada familia foi surpreendida pela noticia da (ilegível) tragedia que se desenrolou nas Paineiras.

Como soube do caso

Seriam, talvez, onze horas da noite, quando compareceram á delegacia do 13º districto dois cavalheiros de nacionalidade allemã. Um delles, o mais joven, o Sr. Ernesto Kolkce, abeirando-se mais da mesa do commissario que estava de serviço e num jacto de phrases, como se o

horrível da narrativa estivesse a premir-lhe a alma, contou o que ambos acabavam de ver e ainda lhes impressionava vivamente. Iam a passeio, no automovel particular (apagado) queriam ir até as Paineiras, se a estrada o permitisse.

Ao transpor o carro certo recanto, onde o caminho faz uma reentrancia, seus pharóes que espancavam a escuridão da noite, bateram em cheio sobre dois corpos, caídos, um quasi ao lado do outro.

– Que fazem ali aquellas creaturas – perguntou-lhe o amigo.

– Dormem, talvez – respondeu-lhe.

– Vamos descer.

– Na volta.

E o carro prosseguiu. O estranho encontro, porém preocupava os dois homens.

Chegados nas Paineiras, pouco, ali, se demoraram. Regressaram momentos depois.

Na volta, fizeram o auto parar no ponto onde devisavam os corpos. Saltaram. Encaminharam-se para ver o que era. Approximaram-se dos vultos. Primeiro estava um rapaz. Acenderam um phosphoro. Viram-n’o melhor. Cobria-lhe as feições uma mascara de sangue coagulado. Nenhum sinal de vida. Estava morto. Proxima brilhava, sinistramente, um revólver ainda novo. Um pouco mais adiante, era uma joven caída de bruços. Examinaram-n’a rapidamente. Tambem estava morta.

A autoridade tomou o nome dos communicantes e acceitando um offerecimento destes, embarcaram no 4. 188, que os conduziu ao local.

No local

Chegando ao ponto indicado, no Silvestre, a autoridade procedeu como é aconselhavel em casos identicos: examinando, antes de mais nada, o local e a posição dos corpos.

Desse exame evidenciado ficou logo como se desenrolou a scena. Ao rapaz coube a Principal figura. Elle, com a arma que lá estava, o revólver numero 60.801, marca “India”, desfechou um tiro no ouvido esquerdo da moça, que, por certo, morreu immediatamente. Feito isso elle poz em execução seu suicidio. Atravessou o craneo com uma bala.

A joven vestia um vestido branco, calçava sapatos e meias da mesma côr. O chapéo era de palha, dos modernos.

Waldemar trajava roupa cinzenta e botinas amarellas.

Junto ao corpo do rapaz, em ponto bem visivel, estavam suas cartas escriptas pelo desvairado explicando seu tragico acto.

A autoridade arrecadou essas cartas e cartões, a quantia de 210\$000, uma “trousse”, um collar e um par de brincos de fantasia, dois anneis de ouro, sendo um com perola e brilhantes e outro com rubi e brilhantes, e uma pulseira-relogio.

Ainda a autoridade arrecadou duas allianças de ouro, que estavam nos dedos annullares de ambos os jovens.

Cartas e cartões

Como já dissemos acima, ao lado de Waldemar a policia encontrou varias cartas e cartões.

Foi por meio destes documentos que as autoridades conseguiram estabelecer a identidade dos protagonistas desta tragedia e, depois,

prossequindo em sindicancias, conheceu seus antecedentes e causa determinante.

Assim diziam as cartas e cartões citadas:

24 de janeiro de 1926 – 2,50 horas – Ao mundo. – Alice e Waldemar, num beijo profundo, despedem-se do mundo. – Alice e Waldemar.”

Com esse escripto, viam-se cartas fechadas, com os seguintes endereços: Ao Dr, Paranhos; Aos meus irmãos Julio, Guiomar e Hermes; á gentilissima senhorita Ida.

Os cartões de visita de Waldemar tinham as seguintes epigraphes: Aos meus irmãos; Aos meus sobrinhos Newton e Julinho; Ao Sr. Oswaldo e sua Exma. Esposa; Ao bom irmão Hermes; Ao Annibal; á boa irmã Guiomar – e filhos.

É do teor seguinte a carta deixada por Waldemar a seus irmãos:

Rio, 22 de janeiro de 1926.

Meus idolatrados irmãos e amigos incondicionaes.

A vida, para mim, não tem valor.

Mas, se ainda fosse util V.V., me conformava em viver.

Vendo que não sou e que, mais dia menos dia, terei que vê-los, passarei miserias, não porque V.V. me obriguem a gastos extraordinarios, mas tão sómente, pela minha falta de juizo, resolvi suicidar-me, juntamente á Alice.

V.V. pensarão, naturalmente, que meu gesto tresloucado foi, unicamente, devido á Alice.

Mas não. Dá-se justamente, ao contrario.

Sabendo, por mim, que desejava suicidar-me, procurou demover-me dessa idéa, ameaçando-me de communicar ao Julio o que só não fez com receio de zangar-me, devido tel-o ameaçado accordando, então, em suicidarmo-nos juntos, o que ora faremos.

Peço a todos V.V. mil perdões, não só pela situação de penuria em que vou deixá-los, o que não teria a minima importancia, não fosse eu profundo conhecedor dos sentimentos affectivos de V.V., mas, principalmente, pela dôr profundissima que vou causar-lhes.

Meus amigos, que V.V. sejam mais felizes do que eu é o que lhes deseja este irmão infelicissimo e amigo incondicional.

Waldemar de Oliveira e Silva.

Os cartões dizem o seguinte:

Á boa irmã Guiomar e filhos: Walter, Lucia e Rubem, muitos abraços, beijos e saudades profundas.

“Julio.

Como bom irmão que sempre fostes para mim, peço-te que não te aborreças com esta ingratidão de minha parte. E que perdoes estes teu irmão incondicional.

Annibal.

Tudo quanto puder fazer por você eu farei, esteja certo disso. Saudades do cunhado e amigo.

Aos sobrinhos Newton e Julinho.

Muitos abraços, beijos e saudades do seu tio amigo.

Meus irmãos.

Morro, imaginando a dôr que vocês hão de sentir. Mas esse é o meu destino, e o destino, meus irmãos, é formidável, não há esse capaz de vencê-lo. Não quero em absoluto ir para casa.

Julio, Guiomar e Hermes, tres nomes que nem na hora da morte serão esquecidos por mim. Saudades. Saudades. Saudades. Saudades.

Julio, meu bom irmão.

Pela ultima vez faço-te um pedido. Espero que serei atendido. Não quero ir para casa, vivo ou morto. Quero enterro de ultima classe. Dispensó flores.

No mais, muitas saudades.

Meus bons irmãos:

Não chorem nem me lastimem e não se abatam com mais esse revez. Sei perfeitamente a dôr formidável que vou fazê-os soffrer, mas me perdoam é o que pede Waldemar.

Ao bom irmão Hermes.

Um conselho: assim como o Julio não deve ser contra voce, em hypothese alguma, voce não deve fazer certas coisas que possam aborreçê-lo; ao contrario, deve ser obediente para evitar factos que se eu fosse vivo me aborreceriam bastante.

Abraços e saudades profundas.

Nota: Todos esses bilhetes, como dissemos, estão assignados por Waldemar de Oliveira e Silva.

A morta

A senhorita Alice Joyce Paranhos da Silva era, como dissemos, filha do Dr. José Bernardino Paranhos da Silva. Dotada de uma educação

aprimorada, iniciada no collegio Sacre Coeur e concluida em casa, a infortunada joven, que contava apenas 23 annos de idade, era um espirito fino e um coração bonissimo, captivando a todos quantos della se aproximavam... Por isso mesmo o seu fim tragico causou uma magua profunda na sociedade carioca, onde a sua familia é muito relacionad. Coisas do destino...

O destino não tem sido propicio á familia de Waldemar. Pelo menos o seu pae, um pacto inspirado pela paixão que nutria por uma mulher sua amante tambem poz termo á vida de maneira impressionante.

Foi em 29 de maio do anno passado. O coronel Miguel Olympio de Oliveira e Silva, que occupava o logar agora exercido pelo filho, para quem, em carta dirigida ao Sr. Presidente da Republica, pedira a nomeação depois de um longo passeio com sua amasia Angela Queiroga, recolheu-se á casa da rua General Caldwell n. 238.

Ali ambos tomaram morphina em dose violenta. Ella morreu logo. Elle morreu no dia seguinte.

O criminoso suicida

O principal protagonista da tragedia, Waldemar de Oliveira e Silva, contava 23 annos e residia com seus irmãos, Osorio e Julio (ilegível).

Trabalhava elle como porteiro dos auditorios do Juizo dos Feitos da Fazenda Municipal, logar que seu pae occupava. Era sportman conhecido nas rodas sportivas cariocas, elle pertencia ao São Christovão A.C., do qual fôra “goal-keeper”, de reputação.

O enterro das victimas

Do local em que se desenrolou a tragedia os cadaveres de Waldemar e Alice foram transportados para o necroterio do Instituto Medico Lega, onde os autopsiou o Dr. Rego Barros. Como causa da morte de ambos os jovens attestou aquelle perito o seguinte;

Destruição parcial da substancia cerebral por projectil de arma de fogo.

Depois dos trabalhos de autopsia o cadaver da joven Alice foi vestido por varias senhoras amigas da familia Paranhos e transladado para a casa da rua Vinte e quatro de Maio n. 38, de onde sahiu o enterro, á tarde, para o cemiterio de São Francisco Xavier; o enterro de Waldemar sahiu mesmo do necroterio, para o mesmo cemiterio, sendo feito a expensas do seu irmão Julio de Oliveira e Silva.

A abertura da matéria avisa ao leitor que ele irá acompanhar a história de um “drama”, contado como se fosse “um romance de amor” cujos protagonistas eram os jovens Waldemar de Oliveira Silva e Alice Joyce Paranhos da Silva. A narrativa dos fatos, em seqüência cronológica, só começa no terceiro parágrafo, sob o entretítulo “Obstáculos de um noivado”. Como o texto não está assinado, podemos apenas supor que seja de autoria de Nelson Rodrigues, apesar dos diálogos, das reticências e da temática do amor infeliz que acaba em tragédia, que se tornou favorita do Nelson cronista e dramaturgo.

A MANHÃ, 27/01/1926, capa.

À direita e à esquerda do logotipo do jornal, desenhos em “tirinhas” denunciam a corrupção existente no início do século XX, como o contrabando, a droga, a gatunagem

e mortes “encomendadas”. O consumo de drogas como a cocaína preocupava a sociedade da época. Na tira da esquerda, há um balcão onde um homem de chapéu, bengala e fraque (paletó preto e calça listrada) e um menino fazem compras. Acima do balcão está um letreiro: “Vende-se cocaina opio morphina a varejo e por atacado”.

Outra tira mostra dois homens conversando, encostados em uma porta onde se vê uma caveira com dois ossos cruzados. Acima da porta lê-se: “Agencia criminal! Aceitam-se encomendas de assassinatos, roubos envenenamentos”. Na terceira tira, sob a legenda “Grande fabricação de moeda falsa” vê-se um homem de boné, roupa escura, carregando ao ombro um grande saco, de aspecto pesado. O homem estava prestes a entrar por uma porta aberta. Ao lado da porta, encostado à parede, um cartaz de propaganda: “Recebe-se moambas, objectos furtados. Paga-se bem”.

À direita do logotipo, na primeira tira um homem desce uma escada carregando um fardo no qual se lê “contrabando”, enquanto o guarda lê um jornal, sentado em um banco ao pé da escada. Na última tira, um funcionário de terno e gravata, sentado à mesa de trabalho, atende um casal. Acima deles a inscrição: “Casamentos divorcios papeis para polygamia arranjam-se testamentos falsos”.

Na página 4 desta edição foram publicadas três matérias de interesse para este estudo. A primeira delas aborda um delito que explica a crítica de uma das tiras da capa:

“MAIS DINHEIRO FALSO

Preso na Caixa Economica

e apresentado á policia

A matéria relata a descoberta de dinheiro falso quando o maquinista do vapor “Tabagy”, da Companhia Commercio e Navegação, Eduardo da Silva Serra, tentou depositar na agencia central a quantia de 3:000\$, dinheiro destinado a uma caderneta. Três cédulas eram falsas.

No mesmo dia, possivelmente em outra edição, a primeira matéria, à esquerda e ao alto da capa, percebe-se que continua a campanha do jornal contra a corrupção:

**CONTINUAM AS
APPREHENSÕES A BORDO
DO TIBAGY”**

No texto, o redator (anônimo) noticiava a apreensão de contrabando de “fazendas, perfumarias, bicyclettas, etc”.

Ainda na mesma edição do dia 27 encontramos a seguinte matéria:

DEGOLLADA!

Praticada a estúpida façanha o criminoso fugiu

Lá no morro do Kerozene, naquelles barracões sordidos, repetem-se com frequencia esses casos esquisitos de amor. Dizem por lá, até, que a mulher que não apanha do homem não lhe pode ter amor. Então, Maria Bonifacia devia amar como ninguem ao seu Ladislau da Rocha, um pedreiro máo que tem, talvez por inffluencia do officio um coração de pedra. Sim, elle era impiedoso para com a rapariga com quem vivia, há dois annos, num barracão daquelle morro. Maltratava-a sempre, com pancadas crueis, a ponto de deixa-la às vezes de cama. Todos sabiam da vida do casal no morro, porque gritos de dôr e ruido de pancada não se escondem assim dos outros. Ladislau é um bruto, ciumento ao extremo.

Há quinze dias depois de ser espancada brutalmente pelo amante, Bonifacia pediu abrigo em casa de sua amiga, Maria Thomazia, ali mesmo, no morro. E as duas passaram a morar juntas.

Bonifacia arranjou um emprego na rua Barão de Petropolis, mas foi logo despedida, porque a patrôa teve medo de uma desgraça, pois via a rodar-lhe a casa, ameaçador, á procura de Bonifacia, o terrivel Ladislau.

Ante-hontem, a rapariga, cerca das 20 horas, disse á Thomazia que ia buscar um balde dagua e saiu. Seguida de perto pela amiga, Bonifacia foi vista em conversa com Ladislau, que se mostrava amavel.

Ao ver aproximar-se Thomazia, o amante de Bonifacia chamou-a á parte e disse:

– Queres arranjar as pazes?

– Não. Não me metto nestas cousas...

Voltou e se acomodou no seu barracão.

Às 22 horas, vendo que a amiga ainda não regressára, Thomazia deixou o seu barracão e foi ao local onde, duas horas ante, vira os dois amantes. Elles, porém, ali não mais estavam.

A rapariga voltou, então, para a sua casa, convencida de que os amantes tinham feito as pazes e iam dormir juntos.

Hontem, às 6 horas da manhã, bateram á porta do barracão de Thomazia. Era um conhecido que vinha perguntar por sua amiga Bonifacia.

– Não sei della – disse a mulher.

– Pois está morta, lá em baixo, no barranco.

Impressionada com o tragico aviso, Thomazia correu ao local indicado e viu, entre um circulo de curiosos, á beira de um abysmo, preso nos galhos de uma arvore, o cadaver de Bonifacia. A pobre rapariga tinha a cabeça quasi separada do corpo, pois o pescoço estava horivelmente cortado, ao que parece, por uma navalha.

Avisada, compareceu ao local a policia do 9º districto, que pediu o comparecimento de um medico legista e do photographo do Gabinete Medico Legal.

Findas as formalidades indispensaveis, o cadaver foi transportado para o necroterio, de onde saiu o enterro, hontem mesmo, para o cemiterio de São Francisco Xavier.

Além das declarações de Thomazia, foram tomadas por termos as que fez o trabalhador Sebastião Machado.

Este individuo affirma que, ante-hontem, ás 18 horas, ao pasar por um botequim da rua Itapirú, ouviu um homem de côr dizer a uma mulher tambem de côr e vestida de azul:

– Vae, que depois eu te mato.

Realmente, a pobre degolada é de côr preta e foi encontrada morta com um vestido azul.”

Percebe-se nas entrelinhas uma das questões que mais atraíram polêmica em torno de Nelson Rodrigues: mulher gosta de apanhar. O texto não está assinado. Não se pode afirmar que seja de sua autoria, embora Nelson já trabalhasse como repórter de polícia daquele jornal há quase um mês.

Mas certamente ele deve ter ao menos lido a matéria. E talvez dali tenha retirado a discutida idéia em torno da mulher. O estilo do redator era o mesmo que mais tarde tornou famosos os textos de Nelson, usando recursos como o diálogo e as reticências. O assunto sempre foi um dos seus temas favoritos: amores trágicos. E os protagonistas da notícia eram pessoas do povo, personagens que costumava retratar.

A MANHÃ, 28/01/1926.

“A PRISÃO DE VENDEDORES

DE TOXICOS

Pela policia do 9º districto, foram presos Raymundo Pedro da Silva e Antônio Hyppolito Bandeira de Mello, vendedores de cocaina. O delegado Cobra Olyntho fez enviar os dois delinquentes para a 4ª delegacia auxiliar.”

O texto da nota que registrou a prisão de “vendedores de cocaina” difere do jornalismo que atende à ordem cronológica dos acontecimentos, uma praxe na época. A nota é curta e objetiva – quase um *lead* do jornalismo contemporâneo. Responde às perguntas *quem*, *o que*, *por que*. Faltaram respostas às perguntas *onde* e *quando*:

A MANHÃ, 30/01/1926, página 5, ao alto.

Nesse dia o matutino alardeava o lançamento de uma nova “secção” que assim se intitulava: “**Como? Por que? Quando? Onde? Quem?**”. Percebe-se que são as perguntas-chave para a escrita do *lead* jornalístico. Mas as perguntas que nomeiam a nova “secção” do jornal *A Manhã*, no primeiro dia de janeiro de 1925, apontam para um modo de pensar, ou melhor, sugerem ao leitor a sistematização de um método de pensamento objetivo para esclarecer dúvidas.

Nas perguntas que intitularam a nova coluna de *A Manhã*, em janeiro de 1926, só faltou indagar *o quê* para configurar a idéia que produziu um sentido – o da objetividade – um quarto de século depois, na imprensa brasileira, passando a dominar o exercício do jornalismo. Mas raízes destas idéias já se encontravam em 25, 26. No jornalismo da época, surgem nas pequenas notas objetivamente redigidas em *O Globo* de dezembro de 1925 e também em *A Manhã*. Uma forma de pensar, de dizer e de fazer já se fazia presente, discreta.

Embora as perguntas que nomeiam a coluna de *A Manhã* não estejam vinculadas à produção de matérias – pois se propunham a responder a dúvidas dos leitores em diferentes áreas, como português e geografia –, a publicação levantou as questões fundamentais que norteiam oficialmente a abertura das notícias, entrevistas e reportagens do jornalismo desde a segunda metade do século XX, no Brasil. A sociedade da época produzia sentido, dando sinais da presença da objetividade na realidade social histórica.

A significação que se produzia na nova seção do jornal chegava no espaço da educação – campo de atividades da coluna. Ali encorpou-se a idéia da objetividade, adotada como método para responder às dúvidas do público. E, como a coluna era publicada diariamente, era cotidiana a publicidade – embora indireta – do pensamento voltado para a objetividade.

O título da nova coluna de *A Manhã* foi colocado em meio a um desenho em bico de pena, no qual um homem gordo, de terno e gravata borboleta, fala ao povo, por meio de um megafone, o que ouve – e lhe entra nos ouvidos – pelos fios da rede de eletricidade. O texto que apresenta a novidade aos leitores é o seguinte:

“Esta secção destina-se á curiosidade dos nossos leitores: “Onde?”, – “Como?”, “Por que?”, “Quando?” Quem?” – perguntas que a todos os instantes nos accorrem e para os quaes, muitas vezes, não temos uma resposta fácil. Recorrer aos livros, nem sempre é possível ou commodo, ante a multiplicidade de aspectos que cada uma dessas interrogações póde comportar, ou pela simples precariedade de tempo nas contingências vertiginosas da vida actual.

Foi por isso que *A Manhã*, no cumprimento do seu programma de jornal moderno, feito para satisfazer integralmente a todas as necessidades dos seus leitores,

resolveu crear a presente secção, dando-lhe o character informativo o mais amplo possível.

Para todas as perguntas, da mais simples á mais complexa, teremos a competente resposta; sendo que para as de assumptos de especialidade scientifica, não nos faltará a capacidade dos technicos, a quem recorreremos, de accôrdo com as consultas recebidas.

Teremos, assim, a macima satisfação em receber as ordens dos nossos presados leitores, que deverão nos enviar as suas consultas por escripto e endereçadas á Secretaria deste jornal”.

Em seguida ao texto que comunica o surgimento da coluna, o jornal emenda a resposta a uma questão levantada pelo leitor Denovais a respeito de ortografia, entrevistando o professor Silva Ramos, membro da Academia de Letras.

A NOITE

Deste jornal, foram seleccionadas duas matérias de polícia publicadas em dezembro de 1925.

A NOITE, 5/12/1925, centro da página 2, ao alto, sem assinatura.

“A DEGOLLA!

Foi preso o “Barba Azul” de Copacabana

(degolava galinhas de madrugada e guardava
as cabeças em um saco)

Ou o Albuquerque tinha feito promessa, ou havia motivos particulares, intimos,
para sair todas as noites, depois de meia-noite.

– Estás te saindo – dizia-lhe a mulher a resmungar. É coisa, é coisa

– Pudesse mettel-as todas numa nau e eu como piloto ...

Isso durava muitos dias já. Hontem após a mesma scena, Albuquerque consentiu em que a mulher o acompanhasse, mas com a promessa de ficar quietinha e nunca bater com a lingua nos dentes.

Ia a Maria, por fim, desvendar aquelle mysterio!

Ás doze badaladas, o casal saiu. Elle levava um facão e um sacco.

Que seria? – pensou Maria. E esteve para arrepender-se. Antes se tivesse arrependido.

Copacabana vinha sendo abalada por acontecimentos estranhos. Vinham sendo comentados encontros mysteriosos. Vultos eram percebidos na meia escuridão da noite, junto aos muros das casas, como quem espreita o momento proprio á acção criminosa.

E pela manhã, quando as vivendas acordavam os famulos iam encontrar, nos fundos dos quintaes, ou nos terrenos baldios, ali proximos, pegadas, rastos de sangue!

– Gente morta? Algum cadaver? perguntava uma criada a outra criada.

– Não. O que se tem falado é que só se encontram as cabeças das victimas.

– Muitas cabeças?

– Não sei bem, mas sei que ainda hontem isso foi verificado, e que a policia, scientificada, está agindo, desenvolvendo grande actividade, pesquisando, a ver se deita a mão no tal Barba Azul de nova especie ...

– Credo! Que coisa essa ...

Alta madrugada, hoje, a policia do 7º districto estava alerta, desenvolvendo-se no sentido de descobrir o mysterioso caso. O investigador Doria havia tomado a passagem que vae dar no morro do Leme. De repente, surgem dois vultos – um homem e uma mulher. Caminhavam vagarosamente, conversando baixinho. Escondeu-se elle no matto e ficou á espreita, ouvindo. O casal para exactamente defronte.

– Quantas?

– Cinco cabeças. Mas vejas lá. Se abre a boca, corto-te a tua tambem.

E dizendo isso, o homem brandiu o enorme facão.

– A minha?

– Duvidas?

Não havia duvida. O Barba-Azul de Copacabana estava ali. O investigador apertou na mão o revólver, tomou uma resolução e, num impeto, saltou sobre o homem, subjugando-o. A mulher, aproveitando a impetuosidade da scena, fugiu, como se criasse azas.

O homem foi levado para a delegacia, carregando o seu sacco ás costas. Dentro do sacco havia qualquer coisa humida, desconjuntada!

O investigador estava impressionado, apesar de se achar de posse do enorme facão do mysterioso homem. Na delegacia, tudo se esclareceu. O homem era o Albuquerque, Emilio de Albuquerque, de nacionalidade portugueza, com 66 annos de idade. Não quis dizer quem era a mulher. Não sabia o que tinha no sacco, pois este lhe fora entregue pela tal mulher, para que o levasse á cidade, que ella o acompanharia até onde fosse.

Foi aberto o sacco. Despejado, espalharam-se pelo chão cinco cabeças ... de galinhas.

Aperta daqui, aperta dacollá, e a policia veio a saber que as galinhas eram do quintal da casa n.1 da rua Itapemirim, residencia do Dr. Rocha Miranda.”.

Nelson Rodrigues não trabalhava nesta redação. Mas o redator que escreveu as matérias seleccionadas redigiu no estilo de Nelson – ou Nelson, leitor, aproveitou o estilo do redator para trabalhar seus próprios textos: muitos diálogos, reticências e, como personagens, pessoas do povo. A temática do ladrão de galinhas, registrada em *O Globo* no mesmo dia daquele mês, se repete agora neste jornal, com nova roupagem: o ladrão se chamava Albuquerque e seu apelido era Barba Azul. Mas tinha mais de 60 anos, como o ladrão de galinhas noticiado no *O Globo*, também tinha uma companheira e também agia à noite.

A NOITE, 23/12/1925, página 2

“OS DRAMAS DA VIDA REAL

Não disse a ninguem o seu segredo

Antes de nascer o dia – Um tiro que não foi ouvido

Aquelle homem a gemer, a lampada do quarto accesa até aquella hora da manhã, assustaram a empregada da pensão, logo ao acordar-se.

Que teria acontecido ao moço?

A senhora Rosa da Silva Machado, a encarregada, bateu á porta do quarto numa grande aflicção. As suas primeiras pancadas não foram attendidas. Os gemidos continuavam. A sra. Rosa insistiu. Responderam,

então, de dentro, em voz sumida, quasi imperceptivel. Que entrasse, dizia o moço que gemia.

Nervosa, a encarregada da pensão abriu a porta do quarto 14, onde tudo estava se passando. E logo em seguida recuou apavorada para depois do primeiro momento de indecisão, approximar-se mais, entrar no quarto. E o moço que gemia estava sobre um lago de sangue. Havia sangue espadanado nas paredes, pelo soalho, formando poças, por todo o quarto.

– Que foi isso, Senhor Antonio! Exclamou a senhora apavorada.

O moço, desfallecendo já, branco como uma folha de papel, arquejando, falando a custo, apontou a cabeça, de onde saia um filete de sangue, vivo ainda e disse:

– Matei-me!

Estava mesmo a morrer. Havia varado o craneo com uma bala. Ninguém ouviu, no entanto, naquella casa, o estampido, que fôra desfechado de madrugada.

Minutos em seguida, o moço a morrer era levado para o posto de Assistencia, onde o pensou o dr. Roberto Pessoa, declarando, logo, gravissimo o seu estado, pelo que foi internado na Santa Casa de Misericordia.

A policia, a esse tempo scientificada do occorrido, chegava á casa de pensão, que é de propriedade do sr. Manoel Hilario Cabiari e fica á rua Senador Euzebio n. 538 ouvindo lá as pessoas que podiam adeantar informes sobre o caso. Soube-se ali que o moço tem o nome de Antonio Fernandes Martins é solteiro com 28 annos de idade, hespanhol. A arma com que tentou suicidar-se foi apprehendida.

Quanto aos motivos que teriam levado Fernandes Martins a tentar o suicídio, nada ficou apurado. O moço era, até bem pouco tempo, motorneiro da Light, de onde saiu. Ao que se diz, foi essa a causa determinante da tentativa de suicídio, – a perda do emprego. Há quem afirme, porem, que reside o motivo num caso de amor. Fernando Martins teria rompido o contrato de casamento que tinha com certa moça das vizinhanças de sua casa.

Mas, tudo vago ...

Na delegacia local foi aberto inquerito. A policia não encontrou nenhuma declaração escripta do quasi suicida, que a ninguem, na pensão, revê-lara antes os seus terríveis propósitos.”

O redator desta matéria, pela maneira de escrever, deve ter sido o mesmo que redigiu o texto sobre o ladrão de galinhas “Barba Azul” de Copacabana. Talvez fosse Nelson Rodrigues. O jornalista e escritor Ruy Castro, que fez a biografia de Nelson, acreditava que ele às vezes fazia pequenas incursões em outros jornais, embora pertencesse à redação de *A Manhã*. Mas, se não foi Nelson quem redigiu a matéria que segue, ele deve ter lido o texto. O título “Os dramas da vida real” parafraseia a coluna “A vida como ela é”, que ele mais tarde iria assinar durante dez anos no jornal *Última Hora*.

O GLOBO, julho de 2003.

O tempo mudou. Em 2003 a imprensa brasileira vive a época da informática e da velocidade da informação. O texto mudou. O ritmo não é mais o cronológico, como em 1925. Prioriza agora o resumo dos fatos mais importantes da notícia, formatado em uma

forma padronizada a partir da configuração do *lead*. Economiza palavras. Contextualizado, personalizado, valorizando o lado humano, emocional, racional, direto ou não, com ou sem nariz de cera o modo de abordagem pelo resumo dos fatos mais importantes ainda organiza o texto, através do *lead*, no jornalismo contemporâneo.

Ou seja, continua válida a maneira mais prática de trabalhar o texto – pela objetividade – que chegou nas redações cariocas no início dos anos 50. Como se pode perceber nas matérias de polícia selecionadas em *O Globo*, a leitura é mais rápida. Usa-se menos palavras, pode-se ler mais depressa, porque ‘tempo é dinheiro’, como se costuma dizer hoje em dia.

Nesta pesquisa, decidiu-se reproduzir somente o *lead* das notícias de polícia publicadas em julho de 2003, considerando-se que o interesse do estudo envolve o *lead*, evidenciado na abertura da matéria, ao contrário do que ocorria em 1925. Todas as vezes que se considerou necessário, porém, foram reproduzidos outros trechos dos textos.

Dia 8 de julho de 2003

“Inquérito em cima do muro

Polícia deixa para o Ministério Público decisão sobre Chiquinho da
Mangueira

O destino do secretário estadual de Esportes, Francisco de Carvalho, o Chiquinho da Mangueira, está nas mãos do procurador-geral de Justiça, Antônio Vicente da Costa Júnior. A Polícia Civil entregou ontem o inquérito que apurou a denúncia do ex-comandante do 4º BPM (São Cristóvão) tenente-coronel Erir Ribeiro da Costa Filho, de que o secretário teria pedido uma trégua no combate ao tráfico de drogas da Mangueira em fevereiro deste ano. O procurador disse que em 15 dias

decidirá se indicia Chiquinho da Mangueira ou alguma outra pessoa citada no inquérito, ou se arquiva o caso”.

O repórter Dimmi Amora, que assina o texto a propósito de uma denúncia contra o secretário estadual de Esportes, Chiquinho da Mangueira, usou o recurso do nariz de cera, construído de forma dramática e suitando (dando prosseguimento) o noticiário sobre o secretário. O nariz de cera não segue o estilo vigente em 1925, que era longo e floreado. As palavras atendem ao requisito de concisão.

18 de julho de 2003.

“Favelas em pé de guerra

Conflitos entre traficantes de Vigário Geral e Parada de Lucas causaram

11 mortes

Moradores das vizinhas favelas de Parada de Lucas e Vigário Geral voltaram a viver em clima de terror depois de um período de paz. Em menos de 48 horas, 11 pessoas foram assassinadas em consequência de uma guerra entre quadrilhas de traficantes. Duas delas morreram ontem de manhã em troca de tiros com PMs depois de invadirem, com seis cúmplices, uma casa no Jardim América e tomarem mãe e filha como reféns.

Uma traição deu o início à guerra. Segundo policiais da 38ª DP (Brás de Pina), dois bandidos da quadrilha de Vigário Geral, pertencente à facção criminosa de Luiz Fernando da Costa, o Fernandinho Beira-Mar, passaram para o bando de Parada de Lucas, subordinado à facção de Paulo César dos Santos, o Linho. Como prova de lealdade, a dupla delatou sete criminosos que faziam parte do comando do tráfico em Vigário Geral e

acabaram sendo seqüestrados na mdrugada de quarta-feira. Por menos de 24 horas, traficantes de Parada de Lucas controlaram os pontos de venda de drogas na favela rival.”

A matéria foi selecionada para esta pesquisa porque nela foi utilizado o recurso do nariz de cera, para criar um clima dramático. Ao mesmo tempo, a repórter Cristiana de Cássia, que assina o texto, fez uma suite (continuação) do conflito armado entre as duas favelas, ressaltando um ângulo da notícia – a guerra entre as favelas, que em dois dias provocou a morte de 11 pessoas.

Depois do *lead*, a matéria faz um relato pela ordem cronológica dos fatos, a partir da traição que deu origem à questão entre os bandos rivais. Novamente o redator angulou a matéria pelo impacto dramático. Mas não há semelhança com os textos de 1925, que eram iniciados através da cronologia dos acontecimentos, ainda que estes se reportassem a fatos sem impacto, ou pela data em que a história começava. Reproduzimos aqui também o segundo parágrafo da matéria que, tecnicamente, é chamado de sublide. Optamos por recortar o desdobramento do *lead* porque percebemos o tema da traição que, em 1925/26 era relacionado a crime passionai, e no início do século XXI faz referência a uma guerra entre bandidos rivais.

Dia 10 de julho de 2003

“MP: caso da Estácio de Sá não está concluído

Garotinho apresenta traficante e diz que a investigação está encerrada,
mas a arma do crime continua desaparecida”

Contrariando o anúncio do secretário estadual de Segurança,
Anthony Garotinho, que considerou o caso Estácio de Sá encerrado, o

Ministério Público estadual sustenta que as investigações sobre os disparos que atingiram a estudante Luciana de Novaes no *campus* da universidade em abril só poderão ser concluídas quando for encontrada a arma do crime. A arma de onde saíram os disparos continua desaparecida.

Na matéria-suíte sobre o tiro que deixou paraplégica uma estudante da Universidade Estácio de Sá, a repórter Letícia Matheus optou por um *lead* de contraste, fazendo uma velada crítica ao então secretário estadual de Segurança, Anthony Garotinho.

Dia 14 de julho:

“Nem a polícia escapa de ter carro arrombado

Ladrões agem ao lado de delegacia no Centro
e uma mendiga aproveita para dormir dentro de veículo oficial

Até a polícia foi roubada ontem de madrugada ao lado de uma delegacia e em frente à Chefia de Polícia Civil, no Centro. Ladrões arrombaram três carros, inclusive um veículo descaracterizado da polícia. Os carros estavam parados na Avenida Gomes Freire. O prédio da Chefia de Polícia Civil fica ao lado da 5ª DP.”

A habilidade do redator juntou na abertura um *lead* completo, de contraste e com nariz de cera, lançando um olhar de ironia sobre a ação de ladrões perto de uma delegacia. O nariz de cera consiste na primeira frase do lead.

Dia 16 de julho.

“Comerciante é baleado na Linha Amarela

Vítima, que foi interceptada na via expressa, na altura do

Méier, leva tiro nas costas ao fugir de seqüestradores

O comerciante Adilson Vieira Correia, de 49 anos, foi baleado nas costas ontem, por volta das 5h30min, ao fugir de dois bandidos que tentaram seqüestrá-lo na Linha Amarela. O crime aconteceu na altura do Méier. Os criminosos ocupavam um Chevette verde, de placa não anotada, e fecharam o Peugeot de Adilson, arrancando-o do veículo. Quando tentaram jogá-lo no porta-malas, o comerciante reagiu e saiu correndo. Os bandidos atiraram nele e fugiram.”

O relato de um tiroteio na Linha Amarela foi construído a partir de um *lead* completo, no qual o repórter Ronaldo Braga, autor da matéria, optou para iniciar o texto respondendo à pergunta *quem*.

Dia 19 de julho

“Homem morto com cinco tiros em Botafogo

Desempregado é baleado após sair do metrô, a 300 metros

de onde funcionária da da Dataprev foi assassinada”

No mesmo dia em que funcionários da Dataprev fizeram manifestação para lembrar a morte da analista de sistemas Sandra Ramos Decorte, em Botafogo, outro assassinato chocou o bairro no início da noite de ontem. Maurício José de Oliveira Filho, de 40 anos, levou pelo menos cinco tiros por volta das 18 h na esquina das ruas Voluntários da Pátria e Nelson Mandela, logo após sair da estação do metrô. O crime ocorreu a cerca de 300 metros de onde Sandra foi assassinada.”

Os repórteres Elenilce Bottari e Flávio Pessoa construíram um nariz de cera dramático para abrir o *lead* sobre a morte de um homem, a tiros, na zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Observe-se que o nariz de cera é a frase inicial do parágrafo, revelando o ângulo escolhido: reforçar a idéia da insegurança no bairro, ao ‘puxar’ para a abertura da matéria do homem morto a tiros a manifestação pela morte da analista, que havia sido assassinada há um mês.

As pequenas notícias resumidas que *O Globo* costumava publicar em 1925 também fazem parte do corpo do jornal em 2003. Agora não se encontram mais espalhadas nas páginas. São agrupadas em uma coluna: “notas”, e costumam oferecer ao leitor a notícia completa. O texto das notas se assemelha ao dos pequenos registros de notícias de 1925: é curto, econômico em palavras, não tem nariz de cera e responde apenas às perguntas do *lead*.

Alguns exemplos: dia 16 de julho.

Estão publicadas três notas, na Editoria Rio, página 19. São curtas, apenas registrando a notícia, em poucas palavras.

“Acusado de atentado é preso

Policiais do 2º BPM (Botafogo) prenderam anteontem Celso Fontes Pontes, acusado de participação no atentado à estação de trem do Corcovado, em março passado. Suspeito de ser traficante do Morro Cerro Corá, ele foi reconhecido por um oficial que estava na cabine da PM no dia do ataque e escapou dos tiros”.

A nota que abre a coluna responde a quase todas as questões do *lead* de maneira direta, privilegiando a resposta à pergunta *quem*:

“Mulher cai e morre

A faxineira Maria da Conceição Rocha, de 50 anos, morreu na tarde de ontem ao cair da janela do 4º andar de um prédio da rua Afonso Pena, na Tijuca. Segundo testemunhas, ela teria se desequilibrado de uma escada quando limpava a vidraça. Uma ambulância do Corpo de Bombeiros foi acionada, mas quando chegou ao local ela já estava morta.”

Quem, o que, quando, como, onde, porquê. Esta é a ordem de entrada das informações da segunda nota, configurando um *lead* completo.

“Ladrão preso

Apontado como um dos maiores ladrões de carros de bairros como Méier, Piedade, Engenho de Dentro e Todos os Santos, o bandido Magno Gomes Moreira, de 22 anos, foi preso na tarde de ontem por policiais civis. Apens na 24ª DP (Piedade), ele ressonde a 29 inquéritos por roubos de veículos. Ontem seis vítimas o reconheceram”.

Na terceira nota, o redator também usou a ordem direta, privilegiando a resposta à pergunta *quem* na abertura do texto.

Dia 17 de julho:

Trens aumentam

A SuperVia reajusta hoje a tarifa dos trens para R\$ 1,35. Segundo a empresa, conforme o previsto no contrato de concessão, o bilhete deveria passar de R\$ 1,20 para R\$ 1,50, porém ficou decidido que será aplicado o valor promocional (R\$ 1,35), mas por tempo limitado (não divulgado pela empresa). O último reajuste das passagens de trens ocorreu em janeiro, quando a tarifa custava R\$ 1,15.”

O Globo publica nota sobre o aumento do preço das passagens de trem. O redator privilegia o *quem* de forma curiosa. A Supervia reajusta a tarifa, diz o redator da nota na primeira frase de abertura do texto. Na segunda frase, ressalta que “segundo a empresa”. Mas a empresa não fala nem reajusta a tarifa. Quem decide a medida é o presidente da empresa.

1.2 Tempo e lugar da objetividade

O *lead* do texto jornalístico impresso, recortado nas matérias de polícia, revelou-se um laboratório precioso para acompanhar o modo como a imprensa olhava a realidade social e histórica da sociedade carioca dos anos 25/26 em comparação com a contemporânea. Nesta pesquisa buscava-se perceber semelhanças e diferenças, na tentativa de lançar uma ponte entre os textos nestes dois períodos de tempo. O trabalho de análise permitiu ambos os registros.

Na pesquisa, foi comprovada a hipótese de que raízes de um particular modo da imprensa olhar a realidade social e histórica, configurando um modo de pensar pela objetividade, surgiu pelo menos um quarto de século antes de 1950, data oficialmente admitida para a chegada do *lead* ao Brasil, no *Diário Carioca*, pelas mãos do jornalista Pompeu de Sousa.

Como se pode observar, o texto direto, objetivo, econômico em palavras, proporcionando uma leitura rápida estava nas páginas de *O Globo*, *A Manhã* e *A Noite* nos anos 25, restrito a pequenos registros de notícias. Nos dias de hoje verifica-se que lá, em 1925, estavam presentes raízes de um modo de olhar a realidade, de pensar e de escrever que seria percebido e reconhecido décadas mais tarde como importado dos Estados Unidos.

Como diz o recado nos versos de T.S. Elliot, o tempo futuro se faz “contido no tempo passado” (ELLIOT, T.S. *Quatro quartetos*. Edições Ática, 1983, trad: Maria Amélia Neto). Assim como encontramos o passado presente no ano de 2003, no texto das pequenas notícias que, em 1925, sinalizavam o futuro.

Entre 1925 e os dias de hoje o texto jornalístico passou por um período de transição. O olhar dos jornalistas nos anos 25 recortava a notícia e as singularizava em tragédias, dramas ou ironias. Costumava trabalhar a emoção. A narrativa, de modo geral, seguia o ritmo do tempo natural, era redigida pela ordem cronológica. Havia menos pressa, mais tempo para se ler.

Reparando no modo como se escrevia o texto jornalístico em 1925 e hoje em dia, encontram-se algumas semelhanças e diferenças. Em 1925 o jornalista contava a história toda, mas deixava o fato mais importante para o final, devido à obediência à ordem cronológica dos acontecimentos, como se viu em diversas matérias: “Requinte de perversidade” e “Egoísmo de noivo”, de *A Manhã*, e “Os ciúmes do boxeur”, de *O Globo*, entre outras. Mais importante, então, era acompanhar no relato o ritmo da época.

A partir de 1950 a abertura do texto pela ordem cronológica foi abolida. O ritmo lento tornou-se apressado. O *lead* chegou e se consolidou, vindo dos Estados Unidos, onde foi percebido pelos jornalistas brasileiros, embora, conforme já vimos, as raízes deste modo objetivo de olhar a realidade e escrever a notícia já estivessem presentes no jornalismo carioca no início do século XX.

Em 2003 o *lead* mantém seu espaço conquistado, mas agora “amaciado” e aberto à personalização, como diz a jornalista e professora Ana Arruda Callado, em texto citado no corpo desta pesquisa. Ou busca a contextualização da matéria, como defende Alberto Dines.

O nariz de cera, criticado pelo estilo floreado e pelo excesso de palavras antes da chegada do *lead*, guarda as preferências de alguns repórteres e redatores hoje em dia, mas com diferenças: a revisita a esta técnica enxugou o modo floreado e o excesso de palavras, adaptando o texto ao ritmo da época, a partir de meados do século XX.

Matérias como as dos ladrões de galinhas, de autoria anônima, publicadas em *A Manhã* e em *A Noite*, hoje seriam consideradas personalizadas, e provavelmente levariam a assinatura do autor (talvez fosse o então repórter de polícia Nelson Rodrigues).

CAPÍTULO 2

O FATO, O ARTISTA, O ARTESÃO E OS IDIOTAS DA OBJETIVIDADE

A proposta deste capítulo é comparar a análise acerca do *lead* realizada no capítulo anterior com as idéias expressas no texto “Os idiotas da subjetividade”, de Nelson Rodrigues, extraído da coletânea “A cabra vadia” (CASTRO, Ruy (seleção de textos). SP: Companhia das Letras, 2002, 3ª reimpressão) e também do que foi publicado pela primeira vez em 22/02/68, na coluna “As confissões de Nelson Rodrigues”, em O Globo. Aproximações, semelhanças e diferenças serão observadas nos textos jornalísticos estudados no trabalho inicial desta pesquisa, acrescidas de referências a outros textos, de outros veículos de informação, sempre que se julgar necessário.

Para proceder à condução da análise, os instrumentos selecionados são aqueles indicados, explicitamente ou não, no pensamento de Nelson Rodrigues, no texto acima citado, na documentação de estudiosos que explicam e defendem a objetividade do *lead* e nas observações registradas ao longo do estudo do referido parágrafo inicial do texto jornalístico.

Como a discussão que Nelson empreende acerca da objetividade no jornalismo se dá em um espaço mais próximo da literatura – a crônica – aqui também se pretende recorrer a outros estudiosos das narrativas jornalística e literária.

Em seções anteriores, tomamos como ponto de partida para a reflexão acerca da “objetividade” e da “subjetividade” no texto jornalístico o *lead* das matérias de polícia nos períodos referidos no capítulo anterior, em contraste com modos de escrita anteriores a esta formatação textual.

Contudo, sabemos que a proposta da objetividade total não se realiza plenamente, na medida em que cada jornalista faz um recorte do real, através de sua subjetividade. É o que ocorre, por exemplo, quando o repórter decide o ângulo de enfoque da matéria, priorizando-o no *lead*. A pauta (relação de notícias que serão trabalhadas pela reportagem) já contém subjetividade, que transparece no recorte de escolha das matérias.

Nesta pesquisa, considera-se que o cerne da questão envolve o apagamento do subjetivo não apenas pelas palavras (algumas pré-escolhidas, pré-moldadas para produção de sentido pelo viés do objetivo) com as quais os jornalistas modelam realidades (objetivas) no texto, manejando verbos no pretérito perfeito ou firmando posição para se destacarem ou se aproximarem da ficção, mas pelo olhar que engessa o não-visível, não-imediato, não-existente no real, não-mensurável no papel de “sub”, ou seja, de menor importância, sem relevância, diluído e fluido, por isso carecedor de interesse jornalístico, um não-fato.

Como (re)conhecemos o mundo pelo que está nomeado, talvez haja necessidade de uma ampliação do vocabulário relacionado aos verbos que devem ser empregados na construção do texto jornalístico, verbos estes pré-determinados, há décadas recomendados em manuais de redação e também por estudiosos para reforçar a produção de sentido pela objetividade nas matérias.

Portanto, neste capítulo tentaremos de forma sintética tratar do horizonte não apenas da apuração dos fatos noticiosos mas dos termos jornalísticos que regem o trabalho dos profissionais da mídia, considerando a obediência ao recorte objetivo da realidade como um comprometimento ideológico ligado à herança positivista e também, em última análise, ao modo de viver da sociedade de mercado, como se verá adiante.

2.1 A nova fronteira do jornalismo

A “subjetividade” (aqui nos referimos ao modo de escrita vigente na imprensa anteriormente ao império do *lead* e defendido por Nelson Rodrigues) começou a desaparecer das matérias de polícia dos jornais pesquisados quando o pensamento relacionado à “objetividade” alcançou as redações dos jornais cariocas, na forma de notas, pequenas notícias, no primeiro quarto do século passado. Chegou com o modo de viver mais apressado e racional do homem carioca, proporcionado pelo uso das máquinas – ou com a crença na máquina. Veio com um novo jeito de viver e reforçou este novo modo de ser. No início do século XX, as matérias que relatavam o noticiário de polícia apenas pelo viés objetivo eram pequenas e em número reduzido, em comparação com as demais.

Também é possível perceber que ali se delineava uma tensão: o jornalismo se afastava da ficção, no sentido de que uma certa maneira de produzir textos começava a ser admitida apenas no campo da literatura, e não mais nas matérias jornalísticas.

As mudanças se faziam visíveis na geografia do Rio de Janeiro. Era preciso abrir espaço para os carros se movimentarem, poupando tempo (cronológico) para o homem. No início do século XX, o então prefeito Pereira Passos organizava a cidade. Morros vinham abaixo, substituídos por praças e avenidas. A palavra de ordem era a ordem, a organização, para que a sociedade, re-organizada, rumasse de forma ordenada para adiante.

Movimento semelhante viveu Paris (referencial do modo de vida europeu que predominava no imaginário carioca da época) mais de cinquenta anos antes, quando as reformas implantadas na cidade pelo então prefeito Haussman trouxeram a abertura de largas avenidas.

O poema em prosa “A perda da auréola”, de Charles Pierre Baudelaire, faz uma leitura da chegada da sociedade de massa, a vida que se fazia mais apressada e a mudança no espaço que até então ocupavam os poetas. No poema, o poeta perde a sua auréola ao correr no momento de atravessar uma das novas avenidas, para fugir das velozes carruagens e das patas dos cavalos em disparada.

O jornalista e escritor Paulo Barreto, o João do Rio, resumiu seu pensamento acerca do impacto da chegada da máquina no homem que vivia na cidade do Rio de Janeiro no início do século passado: “Vida vertiginosa”, título de uma de suas obras (Rio, João do. *Vida vertiginosa*. Ed. H. Garnier, Livreiro Editor, 1911).

Um dos textos que João do Rio publicou em 1911 na obra acima referida foi “O dia de um homem em 1920”, no qual ensaiava como seria a vida no Rio de Janeiro nove anos depois.

O homem movido pela pressa ordenava seu tempo. Controlava sua vida pela máquina (ou se fazia por ela controlar): acordava às seis com “um jacto de luz sobre os olhos produzido por um despertador electrico”, fazia ginástica sueca, tomava uma ducha escocesa enquanto ouvia “uma voz phonographica de leilão” anunciar as “ultimas noticias”. Vestia-se e saía para a rua. Embarca no “coupé aereo” e vai cuidar dos negócios. Na volta entra de novo no coupé e o motorista quer saber a direção:

– Para? Indaga o motorista com a vertigem das alturas.

– Para a frente! Para a frente” Tenho pressa, mais pressa. Caramba! Não se inventará um meio mais rápido de locomoção?

João do Rio explica que, então, o homem apressado se recosta na almofada do “coupé aereo”, enquanto “milhões de homens disparam na mesma ancia de fechar o mundo, de não perder o tempo, de ganhar, lucrar, acabar...”.

É relevante para esta pesquisa frisar que o personagem criado por João do Rio era um homem de classe média, com poder aquisitivo para habitar uma residência com serviços de água e luz elétrica, ter rádio, despertador elétrico, banheiro equipado com uma ducha e andar de carro.

Ou seja, o referencial da pressa, da economia de tempo já se introjetava no modo de viver do homem carioca de classe média (talvez naquele momento se instalassem os germes da idéia que “tempo é dinheiro”, própria da sociedade de consumo e muito comum na sociedade carioca ainda em meados do século XXI). Poucos conseguiram perceber e nomear o referencial do tempo apressado, como fez João do Rio.

Este referencial da pressa, da economia de tempo, encontramos explicitado também em um texto, reproduzido na íntegra no primeiro capítulo desta tese, que apresentava uma nova “secção” do jornal *A Noite*, em novembro de 1926, cerca de 15 anos depois que João do Rio publicou “Vida vertiginosa”.

Ao introduzir para os leitores a nova “secção” do jornal, intitulada “Como? Por que? Quando? Onde? Quem?” o redator (anônimo) explicou a utilidade do serviço oferecido ao público, considerando a dificuldade de procurar e encontrar as respostas nos livros pela “simples precariedade de tempo nas contingências vertiginosas da vida atual”.

Nas redações dos jornais – lugar onde trabalhavam em geral pessoas letradas, de classe média ou remediada, que gostavam de escrever e observar o ambiente onde viviam (como fazia João do Rio), esta referência instalou-se configurada pelo texto objetivo, enxuto e despido de emoções de pequenas notícias, como se percebeu no primeiro capítulo desta tese: objetividade e percepção do mundo pelo olhar voltado para o tempo cronológico, configurado no aspecto exterior do homem. Ou seja, estas

pequenas notas resumiam a notícia de forma semelhante à que o jornalismo desenvolveu a partir dos anos 50, com a chegada do *lead* ao Brasil.

No real, visto desta maneira, já não cabia o prolongamento para o interior do homem. Emoções e sentimentos começavam a ficar à margem. Este também é um dado curioso, pois naquela época já se difundiam as idéias de Sigmund Freud, ou seja, difundiam-se as idéias do (re)conhecimento do interior do homem e da necessidade de estudá-lo.

A organização do *lead* já se encontrava naquele relato jornalístico, embora sua presença tenha sido reconhecida décadas mais tarde, quando foi introduzido no *Diário Carioca*. A idéia da ordem, da ordenação da notícia encontrava-se desde então subjacente à organização do pensamento, mais tarde configurado no *lead* (não por acaso, pode-se supor, com a função de “linhas guia” – linhas iniciais que resumem e ordenam os principais fatos da notícia).

Olhando por este viés, é possível perceber que, na área da imprensa, o pensamento relacionado à ordem, à ordenação chegou ao Brasil com pequena diferença de tempo cronológico em relação aos Estados Unidos, e não décadas depois, como se pode comprovar no primeiro capítulo desta tese. Este registro é interessante porque Nelson Rodrigues reclamou da importação de idéias estrangeiras ao modo de ser do brasileiro, como se verá adiante. No entanto, as pequenas notas, que resumiam a notícia, trabalhando o texto pelo recorte da objetividade, já se faziam presentes na época em que Nelson entrou para a redação de *A Manhã*.

O texto das pequenas notas de polícia publicadas no início do século passado organizavam o real, despidido de emoção, pela ordem de importância dos acontecimentos, respondendo a perguntas clássicas do *lead*. As palavras empregadas nos títulos também

anunciavam a notícia de modo enxuto e seco. Ali já se eliminavam os pontos de exclamação que reforçavam a emoção em outras matérias de polícia.

Este modo de ver e relatar o real objetivamente naquela época oferece leitura singular. Pode ser comparado a um rito de passagem do tempo no espaço do texto – ou a uma reorganização – ou uma recriação do espaço do texto, visibilizado na realidade objetiva e de acordo com o modo de viver diferenciado da época que se anunciava.

As matérias maiores incluíam a subjetividade e a objetividade, os títulos carregados de emoção, às vezes sublinhadas até com pontos de exclamação. Nas menores, o relato se fazia apenas pelo viés objetivo. Nestas, até mesmo o título era seco. É o que se pode observar, por exemplo, em duas matérias publicadas na página 3 da Edição da Manhã de *O Globo* do dia de dezembro de 1925:

“Aggredido a cacete

Por ter sido aggredido a cacete na rua Clapp e apresentar ferimentos na cabeça, foi medicado no Posto Central de Assistência, o entregador José de Souza, de 29 annos, branco, solteiro e residente à travessa Costa Velho numero 7.”

“Levou um coice

O cocheiro Manuel de Moraes, de 85 anos, morador á rua Visconde da Gávea n. 129, levou hontem um coice de muar, na rua General Pedra, soffrendo fractura exposta do frontal.”

Com este ritual, o *lead* e o corpo do texto se despediam do modo de redigir as reportagens de polícia da época, quando a realidade incluía objetividade e subjetividade, narradas pela ordem cronológica dos acontecimentos. Mas o texto da matéria, desembaraçado do *lead*, às vezes se aproximava do texto literário. Por este motivo, consideramos importante para esta pesquisa recortar um pequeno fragmento da

reportagem intitulada “Egoismo de noivo”, publicada no dia 31 (dia provável) de dezembro de 1925, no jornal *A Manhã* e transcrita na íntegra no primeiro capítulo desta tese:

“EGOÍSMO DE NOIVO

Atacado de um mal incurável, o (ilegível) a noiva com uma navalha

Em seguida o desgraçado golpeou o proprio pescoço e ingeriu veneno,
morrendo na Assistencia

Quando, há pouco mais de um anno, os dois jovens se conheceram e se amaram, mil sonhos lhes encheram a alma de esperanças.

Modesto empregado no commercio, vivendo uma vida simples, sem gosos, nem dissipações, elle viu naquelle amor que lhe inspirara a joven namorada toda a felicidade que um trabalhador honrado pode aspirar.
[...].”.

A abertura do texto lembra o início dos contos de fada, “era uma vez ...”, procurando introduzir o leitor em um sonho de amor, o romance de dois jovens. Ou seja, parte do imaginário coletivo do sonho de amor e usa o substantivo “sonho” para contar a história da operária Judith e seu noivo, Bernardino, empregado de uma tinturaria. O redator não está apressado, nem espera pressa na leitura do texto, guiado pela emoção, como se escrevesse “era uma vez um casal de noivos que se conheceram e se amaram...”:

Nelson Rodrigues já trabalhava na redação de *A Manhã*, como repórter de polícia, quando a matéria “Egoismo de noivo” foi publicada. Supõe-se que o texto seja de sua autoria. O repórter “apurou” o que se passava no “espírito” do rapaz, trazendo

para o leitor a informação, fantasiada na forma de um monólogo do noivo tuberculoso, decidido a matar sua noiva e depois se suicidar:

“— Mata-a-ei e suicidar-me-ei!”

A atribuição de emoções ao ser humano marcou os textos de Nelson Rodrigues. Nelson desenvolveu habilidades para verbalizar sonhos que se instalavam no imaginário coletivo, investigar sentimentos supostamente reprimidos no inconsciente. Suas crônicas, peças de teatro e matérias jornalísticas oferecem esta leitura, importante porque nomeava para o público o que já circulava na sociedade, muitas vezes de forma não percebida ou consentida.

Exemplos dessa habilidade são as peças com personagens homossexuais e negros, minoria que procurava expressão na sociedade. Nas crônicas de futebol, enxergou que “numa simples ginga de Didi, há toda uma nostalgia das gafieiras eternas” (Castro, Ruy. “A pátria em chuteiras”, Companhia das Letras, 1996). Ou seja, percebeu que o brasileiro joga futebol no ritmo e ginga do samba, música tocada nas gafieiras (Mariani, Luiza Helena Sampaio Corrêa. *Futebol, imaginário e autonomia: uma versão rodrigueana da sociedade brasileira*. Dissertação de Mestrado, PUC-Rio, 1999)).

Para quem lidava com o jornalismo trazendo elementos de “subjetividade” para as suas matérias, a chegada do *lead* voltado apenas para a realidade “objetiva” dos fatos não foi bem aceita. Nelson revidou do jeito que estava habituado. Escreveu.

2.2. Os idiotas da objetividade

O texto mais conhecido acerca dos “Idiotas da objetividade” foi publicado no dia 22 de fevereiro de 1968 na coluna “As confissões de Nelson Rodrigues”, que este autor

assinava na página dois de *O Globo*. Naquela época já havia o *copy-desk*, redator incumbido de dar ao texto a forma final objetiva, normatizada, com o *lead* no devido lugar, permitindo maior rapidez na apreensão do conteúdo da matéria.

O texto acima referido foi republicado, com alterações, na coletânea “A cabra vadia: novas confissões” (Companhia das Letras, 2002, 3ª reimpressão), que reúne trabalhos de Nelson selecionados pelo jornalista e escritor Ruy Castro. As alterações dizem respeito ao título e ao corte do número do capítulo, LV e da numeração dos parágrafos do texto, referenciais importantes para o desenvolvimento do presente trabalho, como se verá adiante.

Na coletânea, o texto de Nelson foi intitulado de “Os idiotas da objetividade”. No original não havia título, propriamente. No alto da coluna, à guisa de título, Nelson escreveu: “E, Súbito, as Redações foram Invasas pelos Idiotas da Objetividade”. Nesta pesquisa, decidiu-se trabalhar com o título “Os idiotas da objetividade”, adotado na coletânea “A cabra vadia: novas confissões”, porque é o mais conhecido. Mas respeitou-se a numeração dos parágrafos, como era costume de Nelson Rodrigues.

A ilustração do texto original, publicado dia 22 de fevereiro de 1968 em *O Globo*, oferece leitura singular, como se Nelson fosse figura muito antiga, teimando em se fazer ainda presente: um senhor de cabelos brancos desalinhados, bigode, barbas brancas na altura do peito, martelava desvairado as teclas de uma máquina de escrever.

É também esta a impressão que oferece a apresentação do texto no livro “A cabra vadia”, embora a ilustração não figure na edição. O leitor não é informado da alteração no modo como Nelson Rodrigues alinhava seu texto, numerando-o no alto da coluna em algarismos romanos como se fôsse um capítulo, e numerando também em arábicos cada parágrafo. O apagamento proposital do passado indica uma necessidade de “atualizar” a reedição dos trabalhos de Nelson Rodrigues pelo método da “tabula rasa”, isto é, que

tenta eliminar até mesmo vestígios do antigo, omitindo dos leitores do livro esta decisão editorial.

Ainda que não tenha sido intencional, pois a editora tenta recuperar e preservar a memória de um jornalista e escritor do porte de Nelson Rodrigues, o que se percebe ao comparar o texto original com o publicado no livro é que a “objetividade” presente na nova versão do texto mais uma vez tenta apagar a “subjetividade”, tão defendida por Nelson.

Paradoxalmente, porque se trata de uma editora que valoriza a memória, buscando resgatar o trabalho de Nelson Rodrigues, aponta também para uma vivência cultural “objetiva”, de menosprezo por um passado que talvez os leitores tivessem desejo de conhecer. Escamoteia ainda dos leitores o direito de adquirir conhecimento, pela comparação do modo como Nelson Rodrigues escrevia há quase meio século com o modo como escrevem os cronistas hoje em dia.

Ele assim começou seu texto:

“OS IDIOTAS DA OBJETIVIDADE

1 Sou da imprensa anterior ao *copy desk*. Tinha 13 anos quando me iniciei no jornal, como repórter de polícia. Na redação não havia nada da aridez atual e pelo contrário: – era uma cova de delícias. O sujeito ganhava mal ou simplesmente não ganhava. Para comer, dependia de um vale utópico de cinco ou dez mil réis.

2 Mas tinha a compensação da glória. Quem redigia um atropelamento julgava-se um estilista. E a própria vaidade o remunerava. Cada qual era um pavão enfático. Escrevia na véspera e no dia seguinte via-se impresso, sem o retoque de uma vírgula. [...] E nenhum estilo era profanado por uma emenda, jamais.”

No texto, Nelson alinhou fatos e argumentos contra a objetividade. Suas idéias foram apresentadas do jeito que ele trabalhava as matérias no jornal, pela ordem cronológica. Ou seja, do modo como os jornalistas escreviam as matérias de polícia na segunda década do século XX. Nelson estava aborrecido, preocupado e carregou na ironia.

As emendas no texto aborreciam Nelson Rodrigues porque ele as considerava uma profanação ao estilo de cada repórter. Quase 30 anos depois da publicação de “Os idiotas da objetividade”, o *Manual de Redação e Estilo do jornal O Globo*, editado em 1992, tem um capítulo de dez páginas dedicado ao estilo, do qual recortamos um fragmento:

“ESTILO

‘O estilo há de ser fácil e muito natural.’

Padre Antônio Vieira

Como escreve um jornalista? Numa palavra: depressa.

Não apenas isso, claro, mas há razão para mencioná-lo de saída: em nenhum outro ofício de escritor a pressão das horas é tão cruel e inevitável. Relatórios têm de ser informativos e precisos, a obra literária pede elegância de estilo; só o jornalismo requer tudo isso, e depressa, sem que a rapidez seja desculpa válida para o erro ou a mediocridade. A qualquer velocidade, exige-se fidelidade a três requisitos: exatidão (para não enganar o leitor), clareza (para que ele entenda o que lê) e concisão (para não desperdiçar nem o tempo dele nem o espaço do jornal).”

A introdução do capítulo, na página 19 do Manual de O Globo, explica o movimento da objetividade jornalística, relacionado à pressa. Pressa, desperdício,

economia de tempo (para o leitor), aproveitamento do espaço do jornal são palavras-chave nas indicações preceituadas aos jornalistas.

Também no *Manual de Redação e Estilo de O Globo*, admite-se que a padronização da linguagem jornalística é indesejável, porque padronizaria o estilo e seria “destituído de imaginação”. O comentário é instigante porque, de certa maneira, colide com a proposta normativa de abertura das matérias, contida na organização do *lead* que, aliás, faz parte do capítulo acerca do estilo, mas está separado do item relativo à linguagem. A proposta da “imaginação” e a posição firmada contra a padronização trazem para a superfície a subjetividade, um prolongamento do real. Está anotado no Manual:

“Linguagem

Não é boa idéia estabelecer normas e padrões sobre o que seria a linguagem própria do texto jornalístico: por esse caminho, na melhor das hipóteses chega-se a um estilo padronizado, fiel seguidor de receitas e destituído de imaginação. A única padronização recomendável refere-se a coisas como aspas, maiúsculas [...]e nada tem a ver com a qualidade do estilo.”

Nos primeiros fragmentos extraídos do *Manual de Redação e Estilo de O Globo*, aqui citados, evidencia-se o olhar do profissional da mídia sobre si mesmo: pela aproximação do jornalista com o escritor – pois é com estas palavras que ali se descreve o ofício do jornalista: “ofício de escritor”.

Há outras aproximações. Indica-se a necessidade da imaginação na produção do texto jornalístico – e, considerando que o uso comum da palavra imaginação refere-se à ficção, o que não é o caso do jornalismo, denota um desejo de aproximação com a

literatura. Se assim não fosse, a orientação do Manual não reconheceria a existência do “artesão e do artista” que há em cada jornalista.

Nesta pesquisa, a referência à aproximação do jornalista com o escritor ganha relevo porque encerra uma contradição. Nas entrelinhas é possível ler o reconhecimento da subjetividade que se pretende apagar pela impessoalidade na apuração e na redação do fato jornalístico, percebido pela objetividade. Pode-se depreender que a subjetividade desarruma a idéia da ordem.

A propósito do distanciamento exigido dos profissionais de imprensa, o jornalista e escritor norte-americano Gay Talese, considerado referência no chamado “New Journalism” (quando a prática do jornalismo se aproximou mais da ficção, nos anos 60 do século passado) escreveu, em “O reino e o poder: uma história do New York Times” (Companhia das Letras:2000):

“[...] Esse distanciamento do mundo que observam lhes rouba uma experiência mais profunda que brota do envolvimento e, às vezes se tornam (os jornalistas) meros *voyeurs* que vêem muito e sentem pouco. Encaram a morte e a tragédia de modo tão trivial quanto uma greve no porto [...]”.

Este recorte, contudo, não significa que Talese prolongue a idéia do jornalista que “sente pouco” enquanto pessoa, quer dizer, alguém que não tem ou não pode ter sentimentos no momento do trabalho, em nome da imparcialidade.

Um pouco adiante, no livro em que relata a história do New York Times, Talese separa a pessoa do jornalista do profissional de imprensa, explicando que, como redatores de cartas, os jornalistas transpõem as fronteiras de limitação impostas pela profissão e contam também o que sentiram e o que pensaram, além daquilo que viram, ouviram e observaram na apuração dos fatos.

2. 3. O artesão e o artista

Percepção semelhante se encontra no reconhecimento do “artesão e do artista” em cada jornalista, como consta no *Manual de Redação e Estilo de O Globo*, citado nesta pesquisa. No manual, *O Globo* reconhece e admite na pessoa do jornalista, pelo viés da sensibilidade, o prolongamento do real no interior do homem. Esta leitura envolve a preocupação com o estilo, de relevante interesse para o jornal, a tal ponto que “enxerga” em cada jornalista a existência de um “artesão” e de um “artista”: “[...]a preocupação com o estilo – no artesão e no artista que convivem em cada jornalista – é indispensável para atrair a atenção do leitor”.

Na presente tese, entendemos como “artista” o jornalista aberto também às emoções que permeiam o fato a ser noticiado, registrando na matéria o que percebeu no ambiente, isto é, percebendo a subjetividade que convive com o real objetivo.

Recorremos a uma licença para melhor nos fazermos entender. Na período que ficou conhecido como “anos de chumbo”, a chefia da reportagem da sucursal carioca de “O Estado de São Paulo” incumbiu o repórter Sérgio Galvão de acompanhar o desembarque na Base Aérea do Galeão do então ministro da Aeronáutica, brigadeiro João Paulo Burnier. Com os demais jornalistas, Sérgio foi mantido a metros de distância do local onde o ex-ministro passou em revista uma tropa de soldados perfilados.

O repórter observou que a sombra da cruz de uma igreja desenhava-se sob as botas dos militares, projetada pelo sol da tarde. De volta à redação, descreveu de modo conciso a cena que presenciou. Ou seja, utilizou a sua habilidade de “artesão” no manejo da língua portuguesa e no domínio da técnica de escrever o texto jornal. Testemunhamos este fato, bem como os aplausos que Sérgio recebeu dos colegas de redação.

Difícilmente encontramos nas matérias de polícia do jornalismo cotidiano contemporâneo a apuração e a redação contempladas pela idéia do “artista” – que nesta pesquisa se vê como a idéia daquele que lê o real também pela sensibilidade, ou seja, pelas emoções, pela subjetividade.

O jornalismo contemporâneo, de modo geral, contabiliza a notícia. Quando extremistas desencadearam um ataque suicida contra as Torres Gêmeas em Nova Iorque, no início a deste século, a cobertura da imprensa refletiu de modo expressivo a dualidade entre os relatos objetivo e subjetivo (ou do artesão e do artista), numa demonstração de que ambos os olhares são importantes, necessários e se complementam.

As manchetes, no dia seguinte ao atentado, contavam o número de mortos e as toneladas de ferro, aço e cimento que vieram abaixo com a derrubada das Torres Gêmeas. No Jornal do Brasil, também merecendo chamada na primeira página, mas não a manchete, outra matéria, assinada por Dorrit Harazin (também publicada no sítio No.), desvelava a emoção. Traduzia o sentimento dos moradores da cidade: “Medo surdo, quase animal. Durante cinco horas Nova Iorque ficou de joelhos”. Quer dizer, a repórter nomeou o sentimento que percebeu na população.

Em outras palavras, Dorrit noticiou o tempo subjetivo, do interior do homem, que ocorria em um dado momento histórico, na sociedade norte-americana. Em suma, objetividade e subjetividade emergiram em uma reportagem.

Ao redigir o texto acerca do medo “quase animal” que percebeu entre os moradores de Nova Iorque na ocasião do atentado, Dorrit não escreveu na primeira pessoa. Manteve o texto na terceira pessoa. Quer dizer, para fazer referência à subjetividade dos moradores, ela não precisou redigir na primeira pessoa.

Da opinião de Ana Arruda Callado em relação ao lead, citada na página 12 do primeiro capítulo desta pesquisa, consideramos pertinente repetir um pequeno trecho:

“[...] uma volta ao estilo pessoal. A interpretação vai assumindo o papel principal, uma vez que a notícia seca, rápida, o flash, vem pelo rádio, pelas chamadas urgentes da TV e pela Internet. O perigo do texto interpretativo, porém, é a editorialização, isto é, a perda da objetividade da notícia com a introdução da opinião”.

Se a volta ao estilo pessoal ocorrer, poderá diminuir a fronteira entre a crônica e o texto jornalístico, desde que admita o viés da subjetividade na apuração e na redação da notícia.

A convivência do objetivo com o subjetivo na matéria jornalística é possível. Era assim nas primeiras décadas do século passado. Hoje não se admitiria o exagero, ou a fantasia da notícia. Mas objetividade e subjetividade coexistiam no texto jornalístico.

Exemplos desse modo de olhar o real que a imprensa tinha na época não faltam, relacionados no capítulo anterior. Um deles menciona um “pacto indissolúvel”, o pacto que levou à morte um jovem casal, narrado na matéria cujo título principal e “O epílogo de um drama passionai”, ocorrido no alto das Paineiras:

“Os antecedentes da impressionante scena e quem são os seus
protagonistas

A cidade amanheceu, hontem, sob a impressão dolorosa de um drama pungente, cuja notícia se espalhou com a rapidez electrica dos telegraphos. Esse drama, que, conhecidos que foram os seus personagens, encheu a cidade inteira de consternação, tivera por scenario um dos pontos mais pitorescos do Rio – as Paineiras – onde a natureza se expande em encantos para acolher, na sonbra amiga das árvores, pessoas que para alli accorrem em dias de calor.

Foi o epílogo tristíssimo de um romance de amor, cujas páginas, de um forte colorido, vinham sendo escriptas pelos jovens Waldemar de Oliveira e Silva e Alice Joyce Paranhos da Silva, unidos agora na morte que procuraram voluntariamente, num pacto indissolúvel.”

O recorte que o jornalista fez do real remete ao imaginário romântico de época que via o amor indissolúvel e levado às últimas conseqüências. O repórter menciona o sentimento que tomou conta dos moradores da cidade, quando tomaram conhecimento do fato.

A idéia acerca do artista sugerida no *Manual de Redação e Estilo* de O Globo – aquele que vê a realidade também pelo viés da subjetividade, encontra-se na matéria, a meio caminho entre o jornalismo e a literatura. Mas há uma diferença porque, conforme os cânones vigentes, na crônica o jornalista é livre para a ficção, se quiser.

Foi na forma de uma crônica, sem lançar mão da fantasia, num texto carregado de emoção que Nelson Rodrigues redigiu sua denúncia contra a objetividade. A crônica, de acordo com Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, do jornalismo aproveita o interesse pela atualidade informativa, e da literatura imita o projeto de ultrapassar os simples fatos (Técnica de Reportagem – notas sobre a narrativa jornalística, Summus Editorial, 1986).

Antonio Candido não faz referência à atualidade informativa. Para o autor, a crônica “não é um gênero maior” (“A vida ao rés-do-chão”) e, por este motivo, trabalha “o miúdo” e dele revela “uma singularidade insuspeitada”:

“[...] Por meio dos assuntos, [...] ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural.”.

[...] Ora, a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário

excelso, numa revoada de adjetivos e de períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitada. [...]”.

No texto que escreveu sobre a crônica, Antonio Candido mostra que a temática deste gênero aborda divertimentos, experiências e também a reflexão. Ele revela também o olhar do cronista, ou seja, o método de trabalho do escritor: “[...] Tudo é vida, tudo é motivo de experiência e reflexão, ou simplesmente de divertimento, de esquecimento momentâneo de nós mesmos a troco do sonho ou da piada que nos transporta ao mundo da imaginação”.

No texto “Os idiotas da objetividade”, Nelson abordou uma questão interna da redação dos jornais, a objetividade exigida na narrativa do fato jornalístico, fez uma reflexão e revelou ao público seu protesto contra o modo como o fato era narrado ao leitor. Assim, ele conseguiu o que Antonio Candido chamou de “uma singularidade insuspeitada”, porque o modo como trabalham os jornalistas, isto é, o método empregado na apuração e na redação da notícia, quase não é divulgado ao público. Quer dizer, o viés da objetividade no tratamento do fato jornalístico é ainda hoje praticamente desconhecido do público.

De modo geral, o profissional de imprensa não o revela na matéria que redige acerca do fato a ser noticiado. A idéia da objetividade, neste caso relacionada à pressa e à concisão, determinam o comportamento conhecido nas redações de redigir de modo a “ir direto ao fato”. A tensão que se observa acerca do método de trabalho do jornalista não está restrita ao campo de trabalho do cronista, espaço aberto à ficção e à subjetividade, sem os condicionamentos da objetividade exigida aos profissionais de imprensa.

Comparado ao trabalho do historiador, do qual se aproxima porque ambos buscam a verdade (do fato), o do jornalista dele se distancia porque não explicita a metodologia empregada na apuração e na redação do fato. O historiador, ao contrário, expõe o seu método de pesquisa.

Alzira Alves de Abreu, que trabalhou na organização do livro “Eles mudaram a imprensa – depoimentos ao CPDOC” (RJ:FGV, 2003), ao escrever o prefácio, destacou a necessidade de ouvir depoimentos de alguns jornalistas de relevo no meio, devido à “escassez de informações disponíveis” sobre temas como a reconstituição de diferentes fases da evolução da imprensa no Brasil nas últimas décadas e o pensamento e os valores de jornalistas de reconhecida importância em seu meio profissional.

A pesquisadora enfatizou a diferença entre o método de trabalho do jornalista e o do historiador:

“[...] Frequentemente jornalistas e historiadores se interessam pelo mesmo objeto de estudo, pelos mesmos personagens históricos. O resultado de seu trabalho é, no entanto, diferente. O jornalista, assim como o historiador, tem o compromisso de buscar a verdade. A pesquisa e as fontes que ambos utilizam para esclarecer os fatos podem até, muitas vezes, ser as mesmas. A diferença está na forma de trabalhá-las. De modo geral, o jornalista considera que os dados que obtém através da pesquisa podem levá-lo diretamente à versão verdadeira dos fatos. O historiador procura demonstrar a validade do seu método explicitando as questões colocadas e as fontes utilizadas. As exigências do ofício fazem com que o jornalista muitas vezes transmita o resultado de seu trabalho sem revelar para o público sua maneira de trabalhar, ou seja, seu método de obter a informação e sua forma de construir a notícia”.

Uma das questões que se pode observar é que o jornalista oferece ao leitor a versão objetiva do fato, mas o leitor não sabe que está recebendo apenas a informação objetiva. Então a realidade se apresenta parcial e fragmentada, prejudicando um conceito fundamental do exercício do jornalismo, o da imparcialidade. Prejudicado se torna também um dos objetivos da imprensa, apontado por Barbosa Lima Sobrinho ao prefaciar o livro “Jornalismo é...” (editado pela ABI, sem data da edição).

Dirigindo-se aos jovens jornalistas, o ex-presidente da Associação Brasileira de Imprensa afirmou, no prefácio do livro que jornalismo é “defender as causas nacionais” e também “ajudar a formar conceitos”. Ou seja, oferecer ao público informações que ajudem o público a formar conceitos. Se o jornalismo trabalha primordialmente com o viés objetivo da realidade, deixará de oferecer ao público outras informações que poderão ajudar a este mesmo público a formar conceitos, se assim o desejarem leitores, ouvintes de rádio ou telespectadores.

Quer dizer, a produção de sentido oferecida circula restrita à objetividade e isto não é dito ao público. Vale, por assim dizer, o que está “oficializado”. O que está reprimido no espaço do inconsciente ou “circula” no imaginário coletivo dificilmente encontra espaço e se torna notícia no viés objetivo.

Alzira Abreu enumera algumas diferenças entre o trabalho de jornalistas e historiadores. De interesse para esta pesquisa é o que ela aponta no trabalho do historiador e que remete à subjetividade de entrevistados, quando a proposta é trabalhar uma entrevista com objetivo histórico. Indaga, por exemplo, “a ascendência familiar, influências políticas e ideológicas, relações estabelecidas ao longo da vida profissional e sua influência nas direções tomadas”, quando utiliza “biografias e histórias de vida no estudo da mudança social”.

O registro de Alzira Abreu é pertinente porque ela o elabora pela comparação com o método de trabalho dos jornalistas. Então, é curioso observar que o termo subjetividade não é por ela nomeado, embora a abertura para o interior do homem esteja presente no trabalho do historiador. Por exemplo, a autora citou a ideologia, que fica no inconsciente e dificilmente o homem deixa de nela caminhar no seu dia-a-dia.

Nelson Rodrigues observava a realidade sem descurar do prolongamento do real para o interior do homem, para o que percebia no imaginário coletivo. Para ele, os sentimentos, as emoções têm posição relevante no real.

Nem sempre Nelson nomeava os sentimentos. Como se pode observar nos textos que se supõem de sua autoria (as matérias não foram assinadas), apresentados no primeiro capítulo desta pesquisa, ele usava recursos da literatura, como os diálogos, e fantasiava aquilo que imaginava se passar no íntimo das pessoas. Alguns exemplos, publicados em *A Manhã* e *A Noite*, em 1925, citados no primeiro capítulo desta pesquisa (do primeiro deles pode ter surgido um dos bordões de Nelson – “mulher gosta de apanhar”):

“DEGOLLADA!

Praticada a estúpida façanha o criminoso fugiu

Lá no alto do morro do Kerozene, naquelles barracões sordidos, repetem-se com frequencia esses casos esquisitos de amor. Dizem por lá, até, que a mulher que não apanha do homem não lhe pode ter amor. Então Maria Bonifacia devia amar como ninguem ao seu Ladislau da Rocha, um pedreiro máo que tem, talvez por influencia do officio um coração de pedra. Sim, elle era impiedoso para com a rapariga com quem vivia, há dois annos, num barracão daquelle morro. Maltrava-a sempre, com pancadas crueis, a ponto de deixal-a às vezes de cama.”

“A DEGOLLA!

Foi preso o “Barba Azul” de Copacabana

(degolava galinhas de madrugada e guardava as cabeças em um saco)

Ou o Albuquerque tinha feito promessa, ou havia motivos particulares, íntimos, para sair todas as noites, depois de meia-noite.

Estás te saindo – dizia-lhe a mulher a resmungar. É coisa, é coisa...

Pudesse mettel-as todas numa nau e eu como piloto ...

Isso durava muitos dias já. Hontem após a mesma scena, Albuquerque consentiu em que a mulher o acompanhasse, mas com a promessa de ficar quietinha e nunca bater com a lingua nos dentes. [...]”

Para quem apreciava como Nelson o estilo pessoal e a inclusão da subjetividade no texto jornalístico, ficou difícil então aceitar a fiscalização do *copy-desk*.

“3 Durante várias gerações foi assim e sempre assim. De repente, explodiu o *copy desk*. Houve um impacto medonho. Qualquer um na redação, seja repórter de setor ou editorialista, tem uma sagrada vaidade estilística. E o *copy desk* não respeitava ninguém. Se aparecesse um Proust, seria reescrito do mesmo jeito. Sim, o *copy desk* instalou-se como a figura demoníaca na redação”.

O *copy-desk* era o redator que chegou nas redações para retrabalhar os textos da reportagem, guardando as normas e a orientação do *lead*, da objetividade. Os textos deixaram de sair sem emendas. Nelson não poupou adjetivos para criticar e ironizar a novidade que desrespeitava “qualquer um na redação”.

Nelson sabia que foi Pompeu de Souza quem trouxe o *lead* para o Brasil e o lançou na redação do *Diário Carioca* e não queria brigar.

“4 Falei no demônio e pode parecer que foi o ‘Príncipe das Trevas’ que criou a nova moda. Não, o abominável ‘Pai da Mentira’ não é o autor do *copy desk*. Quem o lançou e promoveu foi Pompeu de Sousa. Era ainda o *Diário Carioca*, do Senador, do Danton. Não quero ser injusto, mesmo porque o Pompeu é meu amigo. Ele teve um pretexto, digamos assim, histórico, para tentar a inovação.”

Ao admitir que Pompeu “teve um pretexto, digamos assim, histórico, para tentar a inovação”, Nelson novamente revelou a fina percepção que tinha acerca da realidade, ou seja, fez uma referência ao momento histórico vivenciado nas redações. Observou a tensão provocada pela chegada do novo, a objetividade, nas redações onde cada jornalista tinha seu modo próprio de redigir, sem emendas, carregando nas tintas das emoções. Seu olhar, porém, não era ingênuo.

“5 Havia na imprensa uma massa de analfabetos. Saíam as coisas mais incríveis. Lembro-me de que alguém, num crime passionai, terminou assim a matéria: –“E nem um goivinho ornava a cova dela”. Dirão vocês que êsse fecho de ouro é puramente folclórico. Não sei e talvez. Mas saía coisa parecida. E o Pompeu trouxe para cá o que se fazia nos Estados Unidos – o *copy desk*”.

Nelson reconhecia que nem todos sabiam redigir e foi sarcástico ao afirmar que no jornal “saíam as coisas mais incríveis”. Para exemplificar, citou o texto de uma notícia que narrava um dos seus temas favoritos, o crime passionai.

“6 Começava a nova imprensa. Primeiro, foi só o *Diário Carioca*; pouco depois os outros, por imitação, o acompanharam. Rapidamente, os nossos jornais foram atacados de uma doença grave: a objetividade. Daí para o “idiota da objetividade” seria um passo. Certa vez encontrei-me com o Moacir Werneck de Castro. Gosto muito dele e o saudei com a

mais larga e cálida efusão. E o Moacir, com seu perfil de Lord Byron, disse para mim, risonhamente: “Eu sou um idiota da objetividade”.

O alcance da mudança introduzida oficialmente nas redações não escapou do olhar sagaz e irônico de Nelson Rodrigues. Ele percebeu e nomeou a “objetividade” como “uma doença grave”. A publicação do texto de Nelson repercutiu não apenas no meio de jornalistas.

Nelson fez ainda uma referência a Roberto Campos que, “em discurso, diria: “Eu sou um idiota da objetividade.”. Mas não era assim que ele via Roberto Campos e Moacir Werneck de Castro. Nelson os enxergava como “dois líricos”. Para Nelson, o responsável pela objetividade que alcançou as redações era um só: “Aliás, devo dizer que o *copy desk* e o idiota da objetividade são gêmeos e um explica o outro”, escreveu.

Depois de introduzir o tema da objetividade, Nelson prosseguiu relatando como a questão se desdobrou, alterando e determinando um novo olhar dos jornalistas sobre a realidade. Neste olhar, a emoção foi suprimida:

“8 E tôda a imprensa passou a usar a palavra “objetividade” como um simples brinquedo auditivo. A crônica esportiva via times e jogadores “objetivos”. Equipes e jogadores eram condenados por falta de objetividade. Um exemplo da nova linguagem foi o atentado de Toneleros. Tôda a nação tremeu. Era óbvio que o crime trazia, em seu ventre, uma tragédia nacional. Podia ser até a guerra civil. Em menos de 24 horas o Brasil se preparou para matar ou para morrer.

9 E como noticiou o *Diário Carioca* o acontecimento? Era uma catástrofe. O jornal deu-lhe esse tom de catástrofe? Não e nunca. O *Diário Carioca* nada concedeu à emoção nem ao espanto. Podia ter pôsto na manchete, e ao menos na manchete, um ponto de exclamação. Foi de uma casta,

exemplar objetividade. Tom estrita e sêcamente informativo. Tratou o drama histórico como se fôsse o atropelamento do Zêzinho, ali da esquina”.

Para Nelson Rodrigues, o tratamento que o jornal deveria dar a uma “tragédia” pedia outro tom e outra forma, diferentes do modo como o *Diário Carioca* noticiou o “atentado da Toneleros”, sem “emoção” e sem “espanto”. A nova formatação textual da “tragédia” desagradou ao jornalista e cronista Nelson Rodrigues. O seu modo de perceber a tragédia não cabia na visão da objetividade.

Nelson, indignado, enumerou outras reportagens em que a emoção foi alijada da matéria. Ele recortou exemplos de mortes que provocaram comoção nacional e internacional, casos que chegaram contidos ao noticiário. Ou, quando entravam no noticiário, vinham com velada crítica (à emoção), segundo a leitura de Nelson:

“10 Era, repito, a implacável objetividade. E, depois, Getúlio deu um tiro no peito. Ali, estava o Brasil, novamente, cara a cara com a guerra civil. E o que fez o *Diário Carioca*? A aragem da tragédia soprou em suas páginas? Jamais. No princípio do século mataram o Rei e o Príncipe Herdeiro de Portugal. (Segundo me diz o Álvaro Nascimento, o Rei tinha o olho perdidamente azul.). Aqui, o nosso Correio da Manhã abria cinco manchetes. Os tipos enormes eram um sôco visual. E rezava a Quinta manchete: “Horível Emoção!” Vejam vocês: – Horível Emoção!”

Aqui, Nelson Rodrigues nos diz com clareza qual é o modo de escrita jornalística da sua preferência. Ele remete diretamente ao período em que os jornalistas narravam as tragédias do modo que lhe era familiar: “A aragem da tragédia soprou em suas páginas? Jamais”. Percebemos o termo “tragédia” que ele utiliza e põe em relevo, porque os textos das notícias de polícia também faziam uso desta palavra no início do século XX.

Desenvolvendo sua reflexão, Nelson percebe que o real, alijado da emoção, fica partido, desconectado do fato que originou a matéria de interesse jornalístico:

“11 O Diário Carioca não pingou uma lágrima sôbre o corpo de Getúlio. Era a monstruosa e alienada objetividade. As duas coisas pareciam não ter nenhuma conexão: – O fato e a sua cobertura. Estava um povo inteiro a se desgrenhar, a chorar lágrimas de pedra. E a reportagem, sem entranhas, ignorava a pavorosa emoção popular. Outro exemplo seria ainda o assassinato de Kennedy.

12 Na velha imprensa as manchetes choravam com o leitor. A partir do *copy desk*, sumiu a emoção dos títulos, e subtítulos. E que pobre cadáver foi Kennedy na primeira página, por exemplo, do *Jornal do Brasil*. A manchete humilhava a catástrofe. O mesmo e impessoal tom informativo. Estava lá o cadáver ainda quente. Uma bala arrancara o seu queixo forte, plástico, vital. Nenhum espanto na manchete. Havia um abismo entre o *Jornal do Brasil* e a tragédia, entre o *Jornal do Brasil* e a cara mutilada. Pode-se falar na desumanização da manchete”.

Nos exemplos selecionados por Nelson percebe-se que o repórter se colocou na realidade apenas pelo viés da objetividade. Ou seja, tomando emprestadas as expressões “artesão” e “artista”, referidas no Manual de Redação e Estilo de O Globo, houve o apagamento do “artista”. Restou o trabalho do “artesão” nos textos mencionados por Nelson Rodrigues. Mudaram o tom e o tipo de escrita que o jornal dava à temática da tragédia.

O recorte do real que exclui a subjetividade talvez esteja na origem da banalização da violência na mídia carioca contemporânea. Percebe-se, na leitura das páginas dos jornais, a mudança no olhar do jornalista em relação à morte, isto é, ao

sentimento de medo da morte. No Manual de Redação de O Globo, por exemplo, há uma norma acerca deste assunto. O jornal deixa para segundo plano a morte de uma pessoa nos casos em que as conseqüências de um acontecimento possam afetar numerosas pessoas: privilegia-se o que poderá afetar a vida de muitos. A morte perdeu o impacto. A recomendação, no Manual de Redação de O Globo é:

“O enfoque a ser dado à notícia depende quase sempre de seu impacto na comunidade, avaliado segundo o número de pessoas afetadas pelo acontecimento. Se um anônimo morre num choque de carros, e o acidente provoca cinco horas de engarrafamento na Avenida Brasil, a notícia mais importante é o problema no trânsito. Pode não ser agradável reconhecê-lo, mas, em geral, a tragédia de um importa menos que o desconforto de mil”.

A resistência em aceitar a emoção no exercício do jornalismo foi objeto de trabalho da estudiosa Cremilda Medina, no livro que escreveu acerca da “Entrevista: o diálogo possível”. A autora recusa a total inserção na objetividade que se recomenda nas redações dos jornais. Para defender a necessidade da emoção, da sensibilidade na relação jornalista-entrevistado, Cremilda Medina lembrou a atitude dos jornalistas depois que a economista e professora Maria da Conceição Tavares chorou, durante uma entrevista à TV Globo:

“Maria da Conceição Tavares, economista e professora universitária, TV Globo, março de 1986, imediatamente após o decreto-lei da Reforma Monetária (28 de fevereiro). O programa, de mais de duas horas de duração, se propõe destrinchar o “pacote”, colocar na linha telespectadores e jornalistas para questionarem os mentores das medidas adotadas, pedirem explicações e análises aos especialistas no tema. Tudo

se dá no domínio da tradicional informação objetiva, na aridez racional dos dados numéricos, econômicos. Como então receber, num dado momento, as lágrimas da professora Maria da Conceição Tavares? A imagem, carregada de subjetividade (concreta, nas lágrimas), entrou nas câmaras, explodiu os cânones do enquadramento sob medida. Depois, só depois, muitos comentaristas analisaram a situação como pieguismo; que a Globo faturou o “destempero” emocional da professora; cena, jogo de cena; o governo se reforçou pelo sentimentalismo. E outros diagnósticos. Não importa o que digam, o fato é que todos se emocionaram, uma significativa audiência se identificou com aquele instante humano da pesquisadora, a subjetividade à flor da pele. Real e imaginário trançaram mais do que números de tabelas na cabeça preocupada de cada telespectador”.

O artista e o artesão também se fazem presentes no livro de Cremilda Medina, quando ela comenta o embaraço de um repórter para redigir uma entrevista em que fluiu o viés subjetivo. Este repórter, por hipótese, recordaria um diálogo lido em um texto literário, percebendo então que é possível representar um diálogo que foge à objetividade. A autora explica o espanto que teria sentido o suposto repórter: “O que esse repórter não se dá conta é que o artista percebe muito bem a interpenetração de real e imaginário e lida como um bom maestro diante desses dois mundos que convivem na *realidade* do homem.” A autora explica também porque insiste no imaginário, “domínio da arte por excelência”, recorrendo a Greco (Greco, Milton. *A aventura humana entre o real e o imaginário*. São Paulo: Klaxon, 1984):

“Diz-se: o domínio do jornalismo é o do real aparente e imediato. Mas, ao se tratar do Homem, não há como desvincular essa ambigüidade entre o

real e o sonho, o objetivo e o subjetivo. Mesmo que se trate da notícia de sobrevivência imediata. Desde milhões de anos, “para sobreviver é necessário interpretar o mundo” (Milton Greco).[...].

Além da tessitura do real com o imaginário recomendada para entrevistas pela autora, interessa a esta pesquisa recortar o uso que Cremilda Medina fez do termo fato, quando descreveu o momento das lágrimas da professora e economista Maria da Conceição Tavares. Houve quem considerasse um “destempero” emocional da professora, outros mencionaram sentimentalismo. Cremilda destacou: “[...] o fato é que todos se emocionaram [...]”. Ou seja, ela inseriu subjetividade no sentido da palavra fato.

Este termo é importante para esta pesquisa porque a palavra fato está no vocabulário de Nelson Rodrigues no texto “O idiota da objetividade”. Esta palavra é familiar aos jornalistas. Nas redações dos jornais é voz corrente que não existe o fato, e sim a versão do fato. Se a versão do fato não pode ser isolada do jornalista que escreve a matéria noticiando o fato, fica implícita a existência da singularidade de cada jornalista em relação à notícia. Quer dizer, fica subentendida a subjetividade do jornalista. Ou seja, fica assim demonstrado um outro fato, a existência da subjetividade de cada jornalista no olhar que ele lança sobre o fato e na redação que ele utiliza para escrever a matéria.

No jornalismo, a narração do “fato” está atrelada à objetividade, pelo viés da impessoalidade. Em outras palavras, o fato deve ser narrado na terceira pessoa. Pressupõe-se que a “pessoalidade” que poderia “contaminar” a narração do fato jornalístico estaria eliminada “a priori” com ao apagamento do emprego da primeira pessoa. Quer dizer, a cautela na busca da narração do fato da maneira mais neutra possível estaria resguardada, uma vez que não aparece a pessoa do jornalista, ou talvez fosse melhor dizer que não aparece a autoria, o narrador fica escondido.

Não é apenas a fórmula do *lead* que está em xeque. A objetividade que se busca pela aplicação da fórmula de construção do *lead* é o resumo perspicaz do fato. A questão da objetividade está situada em um nível mais profundo do real, o registro da subjetividade. A proposta da contextualização da notícia, pela remissão ao passado, passando pela projeção para o futuro, surge envolvida no mesmo esquema de narração.

Quer dizer, o fato é apresentado pelo registro do real articulado tão somente pelo nível da objetividade. O subjetivo subverte esta ordenação do relato. Desacomoda o que já estava arrumado. Inquieta, porque pode trazer novidades antes não percebidas ou aquilo que assusta, preocupa. Exemplo disse é a matéria, citada nesta pesquisa, “Egoísmo de noivo”, que comoveu os moradores da cidade, segundo o texto do redator, ao narrar a história da consumação de um ideal romântico no amor, o pacto de morte.

Na redação, lida-se com o fato (notícia), percebido na realidade pelo prisma da objetividade. Qualquer indício de uma chegada ao interior do homem, ou com as estruturas mais profundas da sociedade, vale dizer, da realidade, isto é, do real – para deixar bem articulada a relação que o jornalista faz entre o fato e o real – é (pré)concebida como não real, coisas da imaginação, indignas de registro.

Nas campanhas desencadeadas pelo governo em prol da leitura, desde alguns anos, a nota mais constante é a repetição da importância do hábito da leitura. Não se explica o porquê nem como se dá esse porquê. A atitude é sintomática. Desdenha-se a emergência do sujeito, há um afastamento deste momento de celebração, do diálogo com o autor, da construção do livro do leitor no instante da leitura.

Nesta pesquisa, percebeu-se uma relação do uso da palavra fato com o imaginário criado na época em que o positivismo marcou a sua presença no Brasil, mais especificamente na sociedade carioca, espaço-tempo de trabalho da presente tese. Na ocasião, o termo reforçou ideologicamente o pensamento positivo.

A corrente política inspirada no positivismo chega ao auge nos anos 1890. Em 1920 começa o declínio, mas a influência do pensamento positivo foi tão forte que chegou a ser “quase uma religião de estado, a qual não era desvantajoso praticar”, segundo registrou José Veríssimo (O Positivismo no Brasil, in: Estudos de Literatura Brasileira, 1ª série, Garnier, Rio, 1901, página 56), autor referido pelo filósofo Antônio Paim em seu livro “História das idéias filosóficas no Brasil”. Paim voltou a Verissimo (Op.cit., página 57) para citar a gíria positivista que este autor anotou e que, segundo percebemos, esboça um panorama das idéias positivistas no imaginário popular – poderíamos dizer que elas representam o pensamento positivo:

“Pulularam por êsse tempo os positivistas, pois sê-lo era uma boa recomendação. Viu-se em Roma a mesma coisa, quando, com Constantino, os Césares se fizeram cristãos. A gíria positivista “a anarquia mental”, “a pedantocracia”, “o regime normal”, “a ordem é fator de progresso”, “a integração do proletariado”, “os mortos governam os vivos”, tôdas as formas e variações das palavras do sistema, integração, incorporação e que tais, queridas da escola, entraram a fazer parte obrigatória de todos os discursos, de tôdas as arengas, de tôdas as discussões, e viram-se jornais de província, que de Augusto Comte até o nome ignoravam na véspera, alardearem com frases positivistas a sua prosa sôbre a politicagem local”

Segundo Paim (op.cit; página 192) observou, “a ascensão do positivismo, ao longo da República, trouxe como consequência, no seio da intelectualidade, de uma atitude mental difusa mas persistente”. Esta atitude, ele denominou de “mentalidade positivista” e, recorrendo a Lalande, considerou mentalidade como um “conjunto de

disposições intelectuais, hábitos de espírito e crenças fundamentais de um indivíduo”, que ele buscou analisar.

“A característica marcante do positivismo – ou pelo menos a que deitou raízes mais profundas no espírito nacional – parece ser a tese que não admite outra *realidade* além dos *fatos*. Proclama-se como saber *positivo* (afirmativo, fecundo, verdadeiro) justamente porque só se ocuparia das *relações* entre *fatos*. Deixando de lado as nuances do comtismo e as contradições no próprio interior do sistema – como por exemplo o aparente rigorismo na investigação e o caráter arbitrário com que se postula a “necessidade” da religião da humanidade – o aspecto que se indicou poderia ser formulado do seguinte modo: o dado sensível, dele partisse para erigir-se em sistema, adstrito ao campo da representação. Esse postulado é que fundamenta o total desprezo à metafísica, subjacente à reforma levada a efeito por Benjamin Constant e que configurou toda a evolução posterior do ensino no período republicano.”

O autor percebeu que, no pensamento positivo aqui enraizado, fatos e realidade estão profundamente relacionados entre si e que esta ligação se faz pelo viés da objetividade.

CAPÍTULO 3

ORDENANDO O PENSAMENTO

Ao longo do trabalho até agora elaborado, algumas questões se apresentaram, a partir das pistas e descobertas proporcionadas pela discussão do *lead*, do estudo e da análise comparativos das aberturas do texto das matérias de polícia no período estudado e na contemporaneidade, além da localização de matérias que supomos serem de autoria do jovem Nelson Rodrigues, em 1925/26,

Para aprofundar o estudo, retomamos a análise da crônica “Os idiotas da objetividade”, quando Nelson de algum modo reivindicou a volta de um modo de escrita anteriormente vigente para o noticiário dos jornais, ao condenar a imagem de “objetividade” que a nova formatação de matérias, após a década de 50, tornou obrigatória.

O objetivo é comparar Nelson, adulto, jornalista e autor de “Os idiotas da objetividade”, com Nelson adolescente, repórter recém-chegado na redação de *A Manhã* para trabalhar matérias de polícia.

Nelson Rodrigues nos oferece uma pista dos problemas referentes à implantação de um novo modo de escrita e dos mecanismos de “controle do texto” (de que o *copy desk* era uma manifestação), em “Os idiotas da objetividade”:

“13 O Jornal do Brasil, sob o reinado do copy desk, lembra-me aquela página célebre de ficção. Era uma lavadeira que se viu, de repente, no meio de uma baderna horrorosa. Tiro e bordoadas em quantidade. A lavadeira veio espiar a briga. Lá adiante, numa colina, viu um baixinho olhando por um binóculo. Ali estava Napoleão e ali estava Waterloo. Mas

a santa mulher ignorou um e outro; e veio para dentro ensaboar a sua roupa suja. Eis o que eu queria dizer: – a primeira página do Jornal do Brasil tem a mesma alienação da lavadeira diante dos napoleões e das batalhas”.

A leitura do fragmento acima citado nos conduz a uma indagação. Por que Nelson Rodrigues nomeou como “alienação” o que o Jornal do Brasil passou a oferecer aos leitores, depois da chegada do copy-desk nas redações?

Nelson sabia de onde estava falando. Como jornalista e como cronista, ele se posicionou no lugar do escritor que considera relevante manter o tipo de escrita, o tom e a temática próximos do folhetim. Recorreu a uma metáfora, e foi buscar na ficção a imagem que enxergou através da atitude do Jornal do Brasil. Uma lavadeira indiferente a Napoleão em plena batalha de Waterloo. Foi assim, com ironia, que ele contestou a nova maneira de escrever no Jornal do Brasil.

Mas talvez tenha contido a sua manifestação – e aqui digo talvez, porque Nelson era sagaz e pode ter percebido um motivo mais profundo para a sua reivindicação. É possível que ele soubesse de um outro lugar, no qual se colocava para se expressar, um espaço que encontrou no tempo interior, social e histórico e lhe foi necessário para se colocar na realidade através do texto.

O fragmento de número 13 de “Os idiotas da objetividade” é muito rico para esta pesquisa. Aponta o envolvimento afetivo de Nelson com a luta que ele travava pela volta ao noticiário dos jornais de um tempo/espaço que lhe era familiar, expresso com uma linguagem mais “literária” para narrar os fatos. Mas o fragmento referido nos oferece ainda mais, se comparado com outro texto dele:

O rato ...

Hontem á tarde, em frente á Bibliotheca Nacional ..Estava recostado numa arvore, olhando, desconsolado, os meus sapatos sujos. Decidia, de mim para mim, que os pobrezinhos assim estavam empoeirados e enlameados. Bem mereciam as caricias brilhantes da graxa. E a idea, primeiro vaga e indecisa, depois viva, urgente, inadiável de leva-los ao engraxate, começava a voar e a revoar em torno da minha vontade. Foi quando avistei, espichado na calçada o cadaverzinho humilde daquelle rato. O pobrezinho com certeza ficara sob os pneus assassinos dum automóvel e o peso brutal sobre a sua frágil organização physica, dera-lhe morte instantânea. Approximei-me commovido. E com laivos de melancolia no olhar lacrimoso perdi-me na contemplação daquella scena desoladora. O ventre rachitico estava escancarado e expluia tripas. Os últimos raios sanguineos do sol se afogando no horizonte em sangue davam uma pittoresca reverberação ao interior rasgado do infeliz ratto! [...]"

O texto, assinado por Nelson e publicado na página 3 de A Manhã do dia 16 de março de 1928, também já redigido com ironia, traz algumas marcas do estilo que o tornou famoso, como o uso das reticências, desde o título, e pontos de exclamação. A assinatura, Nelson Rodrigues, foi diagramada logo abaixo do título, à direita. Observe-se também como Nelson guardava e incorporava alguns termos ao seu vocabulário,

“Sanguíneo”, por exemplo, é um termo familiar a Nelson. Ele usou esta palavra no feminino quando descreveu o raiar da madrugada na redação feita para a escola. Castro (CASTRO, Ruy. O anjo pornográfico. São Paulo: Companhia das Letras, 1997) conta que Nelson Rodrigues abandonou a escola aos 13 anos e que, ainda estudante,

escreveu uma redação acerca do adultério, seguido de morte (mais tarde, um dos seus temas favoritos).

Segundo Castro, Nelson iniciou o texto da redação com uma frase retirada de um verso do poema “As pombas”, de Raimundo Correia. Dizia ele que “A madrugada raiava sangüínea e fresca” (1997:24).

No fragmento de “O ratto...” que transcrevemos acima, o cenário é o sol poente, e a palavra volta agora no masculino. Percebemos que o sangue e a cor vermelha do sangue impregnavam o imaginário de Nelson. A estes termos recorria para falar de dramas e tragédias.

– “É um rato...

Peguei nas três palavras, e uma por uma, com cuidado, com atenção, fui examinando-as todas. Segurei, primeiro, no “é”, e bati nas suas paredes, com o dedo da minha astúcia, a ver se encontrava nellas o oco onde estaria encafuado o thesouro. Infrutífero, porém, as pesquisas no “é”. Peguei no “um” e, em seguida no “rato”. Ahi é que o exame foi mais meticoloso. Era a derradeira esperança. Caso me abandonasse, ficava eu a chuchar o dedo... assim, empreguei toda minha atenção, toda minha argúcia. E de uma feita, num cantinho das paredes do “ratto”, senti, com irreprimível contentamento, o oco tão ansiado, o bem amado oco, o oco que era, na angustiosa conjuntura, o Chanaan dos meus desejos. Furei... E achei, com os *oles* de alegria retumbante, o thesouro. [...] era, rato, tripas, ventre. Mas isso apenas, não. Era também o retropecto de todos os passos de nossa vida democrática. [...] Fiquei sabendo que a essência das tripas, do ventre, do rato, não se contentou apenas, com a historia de nossa vida democrática. Ambiciosa como

Napoleão, desejou mundos. [...] Então, assumindo as atitudes de Napoleão, no Egypto reclamando, qualquer coisa para as pyramides, vou lançar um pouco de luz nas trevas de tua ignorância, leitor. Se tivesse passado junto ao rato insepulto, dirias, com inabalável convicção:

– Eis, ali, um rato...”

No texto primoroso, Nelson deixa transparecer seu afeto pelas palavras e pela escritura, ao contar, carinhoso e irônico, como se empenhou para esclarecer o “mysterio” que cercava a palavra “ratto”. Aos 15 anos, percebeu “um oco” na palavra, e esforçou-se para descobrir o que havia. O texto dialoga com o leitor de modo singular, estilo que o consagrou mais tarde. Muitas palavras, usadas no diminutivo, deixam transparecer o cuidado e o amor que ele sentia no ato de escrever, embora usasse a ironia.

Napoleão Bonaparte, que ele cita no texto “Os idiotas da objetividade” (publicado na coluna A Cabra vadia em 1968, no jornal *O Globo*), já estava incluído no seu discurso de O rato..., publicado em 1928, dois anos e meio depois que ele começou a trabalhar na redação do jornal do seu pai. Talvez Napoleão já habitasse o tempo interior de Nelson desde janeiro de 1928, alguns meses antes de assinar “O rato...”.

No dia 17 de janeiro A Manhã publicou na página dois o texto “A dulcinéa de azeviche”, assinada por “Napoleão das Dores”.

“A dulcinéa de azeviche

Assis estava no auge de seu delírio romântico. Acabava de ler as “Flores do Mal” do Baudelaire, e, vivia (trecho ilegível) abstracto, (ilegível), remoendo por entre dentes os versos do poeta defunto. Todos os dias, por amor às paisagens marinhas, abalava de casa pela manhã e ia

para a Praia Vermelha, tremulo, allucinado. Defronte da imensidão azul caía num doce torpor.

O autor, que supomos ser Nelson Rodrigues, inicia o texto comentando as impressões do personagem Assis, admirador de Charles Baudelaire (Nelson Rodrigues também gostava do poeta francês). No mesmo texto, um pouco adiante, recolhemos indícios de uma das frases que Nelson depois, adulto, gostava de usar:

“[...] _ Todo o grande homem é um tarado. [...]

[...]Imaginou logo que o tarado é um grande homem. Sendo elle, portanto, um tarado, seria também grande como Napoleão, como Hugo, como Baudelaire...[,,]”.

Nelson lia bastante e o seu texto mostrava a influência dessas leituras, como pudemos perceber na comparação entre fragmentos de “O ratto...”, “A dulcinéa de azeviche” e de “Os idiotas da objetividade”. Por que ele lutava pelo retorno das emoções nas matérias dos jornais? Novamente encontramos no seu texto um laboratório que oferece algumas pistas de seu particular modo de narrar. Por que ele redigia deste modo tão singular, desde a adolescência?

Neste ponto da nossa reflexão, decidimos considerar, entre outras coisas, a possibilidade de manifestação de afeto que Nelson levava para o seu texto, o particular modo de Nelson Rodrigues olhar a vida. Assim, podemos dizer também que os jornais, com a chegada do lead, passaram para outro espaço, o lugar onde se buscava a exclusão do afeto.

Pesquisamos as leituras de Nelson Rodrigues aos treze anos de idade através de duas fontes. Jornais publicados no Rio de Janeiro que circulavam na época e provavelmente ele leu e os livros citados pelo autor que o biografou, Ruy Castro.

Segundo Castro, Nelson Rodrigues gostava de ler sentado no meio-fio, nas calçadas do Andaraí, onde morava com a família. Ele leu bastante. Castro enumerou autores que chegaram às mãos de Nelson Rodrigues.

Nelson leu Ponson du Terrail – “Rocambole”; Eugène Sue – “Os mistérios de Paris”; Michel Zevaco – “Epopéia de amor”, “Os amantes de Veneza” e “Os amores de Nanico”; Xavier de Montépin – “As mulheres de bronze”; Enrique Pérez Escrich – “A esposa mártir”; Hugo de América – “Elzira, a morta virgem”; “O conde de Monte Cristo” e “Memórias de um médico”, de Alexandre Dumas pai (1997:29). Mais tarde, já adulto, Nelson leu Balzac e Machado de Assis.

Conforme nos informa Castro, Nelson Rodrigues descobriu Dostoiévski aos treze anos e fez do intelectual burguês e pobre Raskolnikov, personagem de “Crime e Castigo”, um companheiro que costumava citar. A vida do escritor russo é conhecida. Foi atribulada. Ele quase foi executado, acusado de conspiração contra o czar Nicolau II e, de tempos em tempos, passou fome.

Segundo Hauser (HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Ed. LTDA, 1994, pp. 873, 874), Dostoiévski percebeu “um importante princípio da psicologia moderna, a ambivalência dos sentimentos, e a natureza dividida de todas as atitudes espirituais que se expressam em formas exageradas e superdemonstrativas” tais como amor e ódio, vaidade e auto-humilhação, o anseio do sublime e a nostalgia da torpeza.

Em Dostoiévski, conforme o autor acima citado, “tudo se encontra em um estado da mais terrível tensão, do medo mais mortal, e do mais desvairado caos, tudo aguarda ser purificado, aliviado [...]” (1994:874). A obra de Hauser foi traduzida para a língua portuguesa depois do falecimento de Nelson. Assim, não acreditamos que Nelson tenha lido o comentário acerca de Dostoiévski.

“Morbidez? Sensacionalismo? Não. E explico: a ficção, para ser purificadora, precisa ser atroz. O personagem é vil, para que não o sejamos. Ele realiza a miséria, inconfessa em cada um de nós. A partir do momento em que Ana Karenina, ou Bovary, trai, muitas senhoras da vida real deixarão de fazê-lo. No “Crime e Castigo”, Raskolnikov mata uma velha e, no mesmo instante, o ódio social que fermenta em nós estará diminuído, aplacado. Ele matou por todos. E no teatro, que é mais plástico, direto e de um impacto tão mais puro, esse fenômeno de transferência torna-se mais válido. Para salvar a platéia, é preciso encher o palco de assassinos, de adúlteros, de insanos e, em suma, de uma rajada de monstros. São os nossos monstros, dos quais eventualmente nos libertamos, para depois recriá-los.” (1997:273)

O trecho acima, citado no livro de Castro, foi escrito por Nelson Rodrigues em junho de 1957, para a revista *Manchete*, dias antes da entrada em cartaz da peça “Perdoa-me por me traíres”. Nele se percebe o Nelson adulto, conhecedor do fenômeno da transferência, e o seu objetivo de resgatar valores da sociedade através da ficção, que deve ser “purificadora”. Aliás, a idéia de “purificação” relacionada ao teatro é bastante antiga, sendo este termo usado como tradução da expressão grega “katharsis”¹.

Observar esta problemática é instigante. Poderia ser apenas uma reflexão que Nelson fez a partir da leitura de “Crime e Castigo”, uma vez que fez de Raskolnikov seu companheiro, ou uma retomada de idéias vigentes no século XIX sobre como a apresentação de “impurezas” no teatro pode “purificar” a platéia – ou até o retorno puro e simples da idéia de catarse (termo que era traduzido do grego como “purificação”).

¹ Confira-se as notas à tradução de Eudoro de Souza da *Poética* de Aristóteles. (p. 483) CF. ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. e notas Eudoro de Souza. Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1973. p. 439-512.

É importante para esta pesquisa tentar elucidar a origem destas idéias de Nelson Rodrigues. Para tanto, vamos observar jornais de 1924, 1925, 1926. Decidimos trazer também para esta pesquisa informações coletadas pouco antes de Nelson estreitar como repórter de polícia em dezembro de 1925, na redação de *A Manhã*, jornal recém-lançado por seu pai.

Não podemos perder de vista o fato de que Nelson gostava de ler e possivelmente leu mais autores do que os citados na sua biografia. Consideramos os jornais também como fonte importante de suas leituras. Portanto, ampliaremos o campo de investigação, pesquisando também noticiário de época outros jornais, como *O Paiz*, o *Jornal do Brasil* e o *Jornal do Commercio*, além de *O Globo*, *A Noite* e *A Manhã*, já referidos em nossa pesquisa.

“O nosso folhetim

(Camara Lima traduz)

Escolhemos para nosso primeiro folhetim o célebre romance ‘Crime e castigo’, de Dostoievsky procurando assim tornar conhecido do nosso público uma das obras mais extraordinárias da literatura russa.

O grande povo moscovita apresenta várias afinidades com o nosso. As obras dos escriptores russos são além disso profundamente humanas, agitando sempre as grandes tragédias moraes, os tremendos dramas sociaes, enfim, todos os problemas que mais affectam a collectividade.

Dostoievsky foi, sobretudo, um profundo conhecedor da consciencia humana.

Por isso, quase todos os seus livros são implacavelmente autobiographicos.

Do mais tremendo período da sua vida, quando após ser condenado á morte por fazer parte de um grupo socialista moderado, viu, já no patíbulo, a sua pena commutada em quatro annos de trabalho forçado na Sibéria, deixou a visão dantesca das ‘Recordações das casas dos mortos’.

Ahi desvenda de maneira crua, implacável, o hediondo abysmo da physionomia moral dos criminosos.

Tão perfeita foi essa descripção, que os grandes criminalistas do mundo inteiro, muitos annos após, surgidas as grandes conquistas scientificas, não fizeram, em muitos pontos, senão repetir as observações do genial psychologo russo.

Cumprida a pena, Dostoievsky foi ainda obrigado a servir nas fileiras do exercito, seguindo mandava o Código Penal Russo de então.

A sua saúde, já bastante precária, ressentiu-se ao extremo.

Na prisão tivera crises fortíssimas de epilepsia.

Comtudo, após cumprir integralmente a pena, iniciou uma phase de intensa producção literária.

Dostoievsky foi em varias épocas de sua existencia tormentosa dominado por um vicio terrível: o jogo. Chegou, mesmo, a perder grandes sommas que o acorrentavam a credores. Geralmente tomava adiantado aos editores o preço de varias obras, muitas vezes em phase rudimentarissima de elaboração mental. Era assim forçado a uma grande atividade.

Desse período data a sua obra prima, ‘Crime e castigo’. É um desses livros que transportam os leitores ao ambiente moral onde se debate a consciencia do personagem.

Quando deparava com a figura amargurada de Raskolnikoff, sentimos a mesma asphyxia lenta e dolorosa, o desespero cruciante do irreparável, e, á medida que se annuncia a aurora de uma ressurreição moral, invadidos pelo mesmo allivio bemdito, sentimos o desejo enternecido de ser bons...

Os personagens de ‘Crime e castigo’ são figuras reaes, descriptas com verdade surprehendente. Os grandes problemas sociaes, que há séculos vêm agitando o espírito humano, são debatidos por um cérebro gigantesco que também soffreu as angustias crueis dos humilhados”.

Foi assim que o jornal *A Manhã* comunicou aos seus leitores sua inserção em um modo de ser fundamental na cultura da época: a publicação de folhetins. Era dia 30 de dezembro de 1925. Avisou, da mesma forma, que a série a ser publicada em capítulos viria sob a rubrica “folhetim”. Acreditamos que Nelson Rodrigues leu o texto acima, publicado na capa do jornal. Supomos que talvez tenha atraído o seu interesse a questão da “ressurreição moral” de personagens de Dostoievski, cujos crimes este autor descreveu de maneira “crua e implacável”, conforme as palavras do redator anônimo de *A Manhã*.

Também consideramos a possibilidade de que esta leitura o influenciou quando acompanhou o desenrolar da obra de Dostoievski nas páginas de *A Manhã*. Se assim não o fosse, como explicar as referências que ele faz ao papel da ficção em 1957, dias antes da estréia de “Perdoa-me por me traíres”? Ali, mais uma vez encontramos no

texto de Nelson Rodrigues adulto, autor de teatro, traços que supomos originários dos anos 20, quando *A Manhã* iniciou a publicação de “Crime e Castigo”.

A obra de Dostoievski começou a ser publicada também no dia 30 de dezembro de 1925, mas não foi na mesma página em que os leitores foram informados acerca do folhetim. No microfilme disponível na Biblioteca Nacional não é possível distinguir a numeração das duas páginas mas, pela sua posição no miolo do jornal, supõe-se que o início do primeiro capítulo de “Crime e Castigo” saiu na página três e o aviso aos leitores na de número cinco.

A abertura do primeiro capítulo foi editada no rodapé. Sob uma rubrica ilegível no microfilme, percebemos o esmero do jornal na apresentação, distribuída em quatro linhas: “Crime e castigo; tradução Câmara Lima; Volume I; Capítulo I.”. Aqui, novamente, encontramos traços do modo de escrever de Nelson Rodrigues adulto, isto é, a preocupação em numerar com algarismos romanos os textos que redigiu para a coluna “A vida como ela é”. “Os idiotas da objetividade”, por exemplo, tem o número XXIV.

Na mesma página o leitor encontra a coluna “Clubs & Dancings”, com notícias das atividades de sociedades carnavalescas como os “Brilhantes de São Christovão; “Lyrio de Amor”; “Ameno Resedá” e “A monumental batalha de confetti que a Corbeille de Flores, promove para o dia 31, no Largo do Machado”. O jornal informa ainda acerca da próxima chegada de “footballers portugueses ao Rio de Janeiro”, e um incêndio em Buenos Aires.

No dia seguinte, 31 de dezembro, a rubrica que anuncia o folhetim está legível: “Romance d’A Manhã de Dostoievsky”. A página é a de número quatro. O folhetim, editado no rodapé ao longo da página, compartilha o espaço com noticiário de esportes “em terra...”, no mar e no ar”: e de polícia:

“Desvairada

morreu no hospital a jovem Ondina

Teve o desfecho que fora previsto a scena impressionante antehontem á noite, occorrida na avenida Suburbana e que noticiamos detalhadamente. A jovem Ondina Peixoto Vargas, a protagonista do triste facto, morreu no Hospital do Prompto Soccorro. O desenlace, aliás, era esperado, tal a gravidade do dos ferimentos recebidos pela desditosa joven que, num gesto de desespero, se atirou sob as rodas do bond 627, linha Cascadura. Com as pernas esmagadas e ferimentos graves por todo o corpo, a pobre moça não podia resistir, como disseram os próprios médicos que a soccorreram. [...]

[...] A policia do 20º districto em cuja jurisdição occoreu o trágico facto, não conseguiu ainda apurar a causa do mesmo. Até á tarde não havia comparecido áquella delegacia qualquer pessoa que pudesse prestar informações a respeito.”

Esta matéria suitou (jargão empregado nas redações dos jornais para indicar a continuação da notícia) reportagem anterior, com o mesmo título, publicada no jornal *A Manhã* e transcrita no primeiro capítulo desta tese, narrando o momento do acidente. Ressaltamos aqui o emprego do adjetivo “desvairada”, seguido de um ponto de exclamação, tão ao gosto de Nelson Rodrigues.

Ao crepitar das chammas!

O curto-circuito foi a causa

do fogo

Informações prestadas a esta

folha por um diretor da

da officina sinistrada

O incêndio ocorrido, há dias, nas Officinas da Companhia Industrial Sul-Americana, á rua Bento Lisboa, no Cattete, deixou mal impressionadas as autoridades do 6º districto, em virtude de ter sido encontrado aberto o cofre, de dentro do qual foram retirados todos os livros e documentos.

Este facto parecia indício de crime{...]

Passada, porém, aquella primeira impressão, vem o Sr. Bento Barbosa Alheiro, chefe da firma em questão, e, muito calmamente, explicou o facto que pareceu estranho. No afan de salvar o que houvesse nas officinas de precioso, o próprio Sr. Alheiro, auxiliado por alguns empregados, teve o cuidado de ir ao cofre, que sabia não offerecer resistência ao fogo, que já então lavrava com grande voracidade, de lá retirando, não apenas livros, os mais importantes os quaes foram entregues ao guarda-livros da casa, Sr. Álvaro Monteiro de Castro, mas de também de valor estimativo, de sua propriedade. [...]"

Suicídio, gesto desvairado e o crepitar das chamas de um incêndio foram os fatos noticiados na mesma página em que principiou a publicação de Dostoievsky. Bem perto do noticiário encontramos a palavra “romance”, utilizada pelo jornal *A Manhã* para designar a publicação em folhetins de “Crime e castigo”.

Nesta palavra observamos registros de tempo diversos de interesse para esta tese, reveladores de algumas das maneiras como a época, no caso particular da sociedade carioca nos anos 20, vivenciava o presente, o passado e o futuro. Assim, capturamos momentos do tempo cronológico, do tempo social e histórico e do imaginário social.

A palavra folhetim nem sempre indica que a obra é inédita e sairá publicada em capítulos nos jornais para depois se tornar um livro. Meyer (MEYER, Marlyse.

Folhetim: uma história. São Paulo. Companhia das Letras, 2005, 2ª ed.), assinala, na introdução do livro, intitulada “Explicando”, “várias modalidades que a etiqueta folhetim recobria nos jornais”.

Ela cita a matéria ligeira, crônica mundana, o “folhetim-colibri”, “no dizer de Alencar, *Ao correr da pena*, [...]; [...],o folhetim crônica literária [...], críticas de teatro e de óperas [...]; e finalmente, o famigerado, o folhetim-romance, como se intitulou logo de início o romance-folhetim”.

Era este o “de heróis românticos, de mosqueteiros e vingadores, de heróis canalhas, de mulheres fatais e de sofredoras, de crianças trocadas, raptadas, abandonadas, de ricos maldosos e pobres honestos, de peripécias mil numa forma – a publicação em pedaços, que permitia afrontar o tempo” (2005:16). .

Meyer adverte que a etiqueta folhetim passa a ser utilizada, durante muito tempo, para a publicação em fragmentos de qualquer romance. É bom ressaltar que A Manhã evidenciou a diferença, quando nomeou “Crime e castigo” como romance, abrigando a publicação fragmentada na rubrica folhetim.

Tentaremos então compreender o tempo interior de Nelson repórter de polícia em 1925, provável leitor de folhetins em diversos jornais, além de “Crime e castigo” que seu pai editou n´A manhã a partir de 30 de dezembro daquele ano. Ou seja, buscamos investigar como o jovem Nelson convivia com a atmosfera da época, o chamado “espírito de época”, pelo recorte do folhetim.

Interessa-nos refletir acerca do como Nelson aos 13, 14, 15 anos de idade, leitor de folhetins, interagia com os protagonistas do noticiário policial que apurava e redigia, farto em heróis canalhas, heróis românticos, mulheres sofredoras, mulheres fatais, crianças abandonadas, maridos e amantes que espancam ou matam as mulheres..

No texto publicado em 1957, ao qual já nos referimos neste capítulo, Nelson escreveu que “[...]a ficção, para ser purificadora, precisa ser atroz”, e que “[...]o personagem é vil, para que não o sejamos”. Nelson faz também uma referência direta a Raskolnikov que “[...] mata uma velha e, no mesmo instante, o ódio social que fermenta em nós estará diminuído, aplacado”. Conheceria Nelson o mecanismo da catarse?

Aqui registramos a importância que a idéia, percebida no comunicado que *A Manhã* fez aos seus leitores informando da publicação de “Crime e castigo” tomou na espacialização de um lugar ao longo da obra de Nelson Rodrigues. Acreditamos que este traço de ideário de época, dos anos, 20, Nelson levou consigo e potencializou nos textos que escrevia.

Prosseguimos nossa pesquisa nas páginas do *Jornal do Brasil*. Escolhemos, aleatoriamente, os meses de janeiro e abril de 1924 e novembro de 1925.

Jornal do Brasil, 11/11/1925, página 7, coluna “Os livros sensacionais”:

“Na intimidade do escriptor de Mlle. Cinema

A retumbância que, em todos os círculos, provocou o aparecimento de “Os maridas”, o novo romance de Benjamin Costallat e, sobretudo, o rumor do seu título, apesar da nota explicativa (O marido de mlle. Cinema), criou em nós uma curiosidade irresistível.

—Por que o título “Os maridas”?

A resposta, que no próprio volume se encontra, não nos bastava. E, assim, decidimos procurar Benjamin Costallat. Estávamos certos de que haveria qualquer coisa a acrescentar, uma nova e inesperada “charge” a marcar, numa frase irônica, a evolução de nossos costumes.

E partimos em demanda á residência do sensacional escriptor brasileiro.

Emquanto o automóvel cortava ruas, vencendo distancias, aos nossos ouvidos, alheios aos movimentos da cidade, só cantavam estas palavras:

– “O marida”! Ah! Ah! Ah! “O marida”...

O auto estaca.

– É aqui, senhor!

Saltamos e vimos no alto, um prédio a que se vae ter por uma escada de pedra, do bello e sólido estylo de outros tempos. As plantas, logo que galgamos o cimo, emprestavam um ar alegre á vivenda, como que preparando o espírito do visitante.

Costallat, de pyjama, appareceu-nos ao fundo da grande varanda, em cujo corredor se estendiam confortáveis cadeiras de vime, que eram um desafio á nossa visita apressada.

Lá em baixo, agitada, febril e tumultuaria, a cidade. Um lindo panorama que não nos cansamos de admirar. E aquella maravilha, que o gênio de Benjamin Costallat concebeu, está a minutos.do Jornal do Brasil!...

Onde estávamos, por entre heras e samambaias, tudo era socego. Não parecíamos estar na residência do tão irrequieto, quanto fulgurante escriptor Benjamin Costallat! Elle, todo nervosismo, todo expansão, todo gestos largos e immoderados. No sitio em que demorávamos, tudo silencio, tudo recolhimento, tudo paz.

Á nossa imaginação vem logo a “Poupette”, uma das ironicas e finas paginas de “Os maridas”.

A casa de Costallat é um forte contraste entre o que elle escreveu ... para os outros ...e realizou para o seu gozo de fino estheta.

– Mas você, no apogeu da idade do sucesso, nesta nossa época, isolar-se desta maneira, entre budhas, jacarandás, moveis gothicos, painéis japoneses e velharias sem data e sem origem?

– Perdão. Todas ellas têm uma data e uma origem. A nossa época é que não guardará nada de si mesma. O automóvel de amanhã será diferente do de hoje. Voar como o “seu” Casagrande será canja. E não haverá mais ouvidos capazes de “entender e ouvir o jazz-band”, como diria Bilac se fosse prosaico como eu. ...Diga-me: que ficará de 1925?

– As mulheres, arriscamos.

– Estas, meu velho, ficam sempre ...mesmo que sejam outras, porque as “mellindrosas” de hoje serão, apenas, como as velhas de hontem: *álbuns de família* (grifo nosso) e que não se mostram a todo o mundo.

– Você sempre contra as mulheres.

– E veja você: são as minhas melhores leitoras. Eu, saiba disso, não as ataco. Mostro-lhes, a nu, o que são os homens.

– Mas as phrases terríveis de “os maridas”, como esta:

“As mulheres de hoje são feitas em serie, como os automóveis. Vestidas todas pelo mesmo modelo”.

A entrevista acima, da qual transcrevemos um fragmento, não foi assinada. Poderia ter sido Nelson Rodrigues o autor, pelo modo ingênuo como foi conduzida, pela admiração ingênua do repórter em relação a Costallat, pela escolha do diálogo para narrar a entrevista, pelo estilo dos diálogos, pelas marcas inconfundíveis do jeito que Nelson tinha de escrever.

Mas se Nelson não foi o autor da matéria, é provável que a tenha lido. Ali ele possivelmente encontrou o nome de uma de suas peças mais famosas, “Álbum de

família”, termo que grifamos acima na transcrição de parte do texto. Mas a entrevista também pode ter sido de sua autoria porque, segundo Castro, Nelson já circulava pelas redações de jornais antes mesmo de entrar para *A Manhã*.

“Mlle. Cinema”, a jovem da alta sociedade carioca Rosalina Pontes, 20 anos, a protagonista, tinha a sua história de vida desdobrada no volume de “Os maridas” (COSTALLAT, Benjamim. Os maridas. (O marido de Mlle. Cinema. Rio: Benjamim Costallat & Miccolis, s/d). Não há registro de data, embora, no correr do texto do livro, o autor faça referência ao ano de 1925.

Da leitura de “Mlle. Cinema” extraímos alguns fragmentos, considerados pertinentes para esta tese, porque permitem delinear o argumento central do romance. No primeiro recorte, a protagonista, ainda solteira, reage ao assédio de um rico freqüentador dos salões cariocas. Depois, já casada, reage ao comportamento do “marida”:

– “[...] Não! Tenho nojo de ti! Larga-me! [...]

– “[...] Ah! Tens nojo de mim! Logo quem? Tu, a Mlle. Cinema? Ah! Ah! Ah! Tu, a prostitutazinha dos chás das cinco do Copacabana Palace e dos bailes do Diário! Tu! [...]”.

“[...] Rosalina se casara para se ver livre dos homens, para deixar de ser aquella ‘Mlle. Cinema’ que todos os Gastões Soares do mundo se achavam no direito de possuir! E o seu marido era o primeiro a querer vendê-la, a querer prostituí-la! [...].

“[...]Sabia que, a ella não era dado sonhar em ter a vida limpa e sadia de outras mulheres – um lar, a casa, os filhos, um marido, amante e companheiro ao mesmo tempo...

Mas dahi a ser tratada com a ultima das prostitutas, como uma mulher publica, um objecto que se vende e que se regateia? Ah! O bandido!”.[...] (pp: 14, 228, 229)

Percebemos nos fragmentos acima a idéia de desnudar problemas sociais através de personagens (a mulher sofrida, os canalhas) no sentido de resgatar a moral pública. Tal como as heroínas de “Dama das Camélias”, de Dumas Filho, e “Lucíola”, de José de Alencar, a protagonista na obra de Costallat, Rosalina, devido ao seu passado, não ousava sonhar com a vida “limpa e sadia” de uma mulher casada.

Ou seja, são traços do ideário romântico do século XIX, das obras de Dumas Filho e Alencar, presentes no livro de Costallat, nos anos 20 do século XX, e também nas peças de teatro de Nelson Rodrigues, como percebemos no texto que redigiu em 1957.

Encontramos ainda no modo de escrever de Costallat semelhanças com a maneira como supomos que o adolescente Nelson Rodrigues redigia as matérias de polícia, nos anos 20 do século passado: diálogos, reticências, pontos de exclamação.

Além das reportagens que supomos serem de autoria de Nelson, estes traços aparecem também nos textos de “O ratto...” e “A dulcinéa de azeviche”, por ele assinados e publicados em *A Manhã* nos anos 20.

No trabalho de análise até aqui realizado, surgiram novas pistas que apontam para uma hipótese que tentaremos demonstrar no próximo capítulo, refletindo acerca da interseção da literatura com o jornalismo nas matérias de polícia no período trabalhado.

Nesta discussão, para aprofundar o trabalho de análise, percebemos a necessidade de nova abordagem do noticiário de polícia no período estudado, os anos 1925 e 1926.

CAPÍTULO 4

O ESPÍRITO DE ÉPOCA

Prosseguimos nossa pesquisa tentando demonstrar que havia um modo comum de escrever na época, e este modo de redigir teria uma forma de ligação com idéias relativas a dramas passionais, ciúmes, traições, suicídios, heróis canalhas.

Seguimos a pista de “Mlle. Cinema”. O exemplar de “Mlle. Cinema: novella de costumes do tempo que passa...” que lemos na Biblioteca Nacional está amarrado com uma fita gasta. A capa está solta, algumas folhas também. Não há data da edição. Como registros, encontramos o Editor – RJ: Benjamim Costallat & Micollis Editores; e o endereço: avenida Rio Branco, 1277.

Recortamos para esta tese alguns fragmentos de um texto que Costallat escreveu, à guisa de prefácio:

“Cousas ditas antes do livro

[...] Mlle. Cinema vae ser, pois, considerado um livro escandaloso e immoral. Se a pornographia, porém, é ser sincero, se a pornographia é apontar as cousas como são e não como parecem ser; se a pornographia é passar o bisturi nos bonecos humanos e fazer-lhes pular o pús para fora [...].”

“[...] quero apenas demonstrar que a melhor política é ainda a da honestidade. Tanto para o homem quanto para mulheres [...].”

“ Não faço moral com diabinhos nem com a caldeira de Pedro Botelho e sim com a vida, com *a propria vida, tal qual ella* é, em toda a sua núa e dolorosa realidade! [...]”. (grifo nosso)

Encontramos traços de Nelson Rodrigues nos trechos de Costallat acima transcritos. O título da coluna “A vida como ela é” possivelmente foi retirado do prefácio de Costallat, como percebemos no último fragmento dos recortes acima, o que demonstraria um dado importante: Nelson leu aquele texto, citado acima. A idéia de “fazer moral” para o público, aproveitando “a própria vida, tal qual ella é, em toda a sua nua e dolorosa realidade” é conhecida dos leitores de Nelson jornalista e cronista e da platéia do teatro deste autor.

Agora podemos supor que Nelson não restringiu esta idéia ao teatro, como admitiu em 1957, mas já havia ampliado o seu alcance para outros textos seus em prosa – as crônicas da coluna “A vida como ela é”.

O material que Costallat encontrou na “vida tal qual ella é” e publicou nos seus livros foi considerado pornográfico nos anos 20 do século passado. Benjamin Costallat defendia a escrita dos fatos da vida real com “honestidade”, para “passar o bisturi nos bonecos humanos e fazer-lhes pular o pus para fora”, ainda que a realidade publicada fosse considerada “pornographia”, e o livro, “escandaloso e immoral”.

Dezenas de anos depois Nelson, como Costallat, foi acusado de produzir pornografia e teve seus textos para o teatro censurados diversas vezes. Nesta pesquisa encontramos dois momentos em que Nelson, adulto, revelou publicamente idéias semelhantes às de Costallat, embora não tivesse citado o referido autor.

Não estamos dizendo que Nelson copiou Costallat. Supomos que ele internalizou e naturalizou as idéias. Ou seja, encontramos dois momentos do interior de Nelson em diferentes tempos da realidade social-histórica e do tempo cronológico. Estes achados demonstram a validade do método que propusemos para esta pesquisa.

Mapeamos um espaço que encontramos em Nelson adolescente, nos anos 20, leitor de Costallat, entre outros autores, como Dostoievski (retomaremos este autor em

seguida). E, em um outro espaço-tempo, descobrimos em Nelson Rodrigues adulto o impacto que estas leituras provocaram no seu texto de escritor de teatro, cronista e jornalista.

Ou seja, podemos dizer também que encontramos traços do ideário relativo à moral e aos costumes predominantes no século XIX ainda hoje, no século XXI, quando as peças de Nelson Rodrigues despertam o interesse e releitura de produtores, diretores, atores e público, são reencenadas, e seus textos de “A vida como ela é” encontram novo espaço, agora republicados em livros e nas páginas do jornal carioca “O Dia”, desde abril de 2006.

No século XXI, contudo, o forte do noticiário de polícia dos jornais não consiste mais nos dramas passionais, não encontramos mais heróis românticos, o ciúme desempenha um papel menor, cedeu lugar ao terror – porém não nos alongaremos nesta questão.

“[...] a partir de Álbum de família – drama que se seguiu a Vestido de noiva enveredei por um caminho que pode me levar a qualquer destino, menos o êxito. Que caminho será esse? Respondo: de um teatro que se poderia chamar assim – ‘desagradável’. [...] incluo desde logo Álbum de família, Anjo negro e a recente Senhora dos Afogados. E por que desagradáveis? Segundo já disse, porque são obras pestilentas, fétidas, capazes, por si sós, de produzir o tifo e a malária”. (1987:231)

No capítulo anterior, fizemos referência à necessidade que Nelson sentia de levar ao palco “uma rajada de monstros” para evitar adultérios, incestos, matricídios e parricídios. Ou seja, ele também, como Costallat, tornou público o seu objetivo de desnudar a realidade que espiava “pelo buraco da fechadura” (CASTRO, Rui. O anjo pornográfico. São Paulo: Companhia das Letras, 1997).

No fragmento acima citado, retirado de “O anjo pornográfico”, podemos depreender que ele também procurava escrever com “honestidade” a vida tal qual a percebia. E que, como Costallat, manifestou a sua disposição de enfrentar a sociedade. Admitiu que o sucesso não estaria no caminho que escolheu (ao contrário do que sucedeu com Costallat).

Nelson dizia que suas peças eram “fétidas”, capazes de produzir “tifo e malária”. Costallat, no prefácio de *Mlle. cinema*, falava em “passar o bisturi nos bonecos humanos” e “fazer saltar-lhes o pus para fora”.

Encontramos uma ponte entre o texto dos dois autores, pelo viés de idéias da época. Nelson Rodrigues assumiu este objetivo em relação às suas peças de teatro, Costallat em relação aos livros que publicou: semelhança de propósitos, de idéias e também a manifestação de uma interatividade com a vida com o objetivo de promover a “ressurreição moral”.

Podemos dizer que se trata de uma ponte no tempo cronológico e também no tempo social-histórico, um espaço de dezenas de anos no século XX no qual se percebe o contorno de idéias correntes no imaginário coletivo. Estas idéias, capturadas em um momento histórico da sociedade carioca no século passado, chegaram de fora.

Em Jobim encontramos uma reflexão acerca das idéias que norteavam a finalidade do teatro encenado no Rio de Janeiro no século XIX (JOBIM, José Luis. *Censura e Moral: Machado de Assis. Émile Augier e o Conservatório Dramático Brasileiro*. In: *Formas da Teoria*. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2002). Cem anos antes dos textos de Costallat e dos de Nelson Rodrigues, estas idéias já se faziam presentes no Rio de Janeiro, importadas da França.

Fazendo uma referência a João Roberto Faria (FARIA, João Roberto. O teatro realista no Brasil: 1855 – 1865. S.P. EDUSP/Perspectiva, 1993) Jobim (2002:193)

lembrou que um dos pressupostos do realismo teatral de origem francesa é a crença no teatro como força regeneradora e moralizadora a ser aproveitada em favor das virtudes e deveres do homem. O palco então, torna-se tribuna. Em cena, a defesa dos “valores éticos burgueses” (2002:193).

A função moralizadora do teatro, segundo Jobim, é um ponto de vista “de toda uma escola francesa de realismo teatral, que vê a cena como meio de disseminação dos valores burgueses oitocentistas” (2002:192). Na cena brasileira, desenvolveu-se um arcabouço cultural e político para garantir o teatro como força regeneradora e moralizadora, capaz de potencializar as virtudes e deveres do homem.

Como elemento deste arcabouço, criou-se o Conservatório Dramático Brasileiro, cujos fundadores manifestaram o desejo de “promover os estudos dramáticos, e melhoramentos da cena brasileira por modo que esta se torne a escola dos bons costumes e da língua”. (Esta citação é um fragmento dos artigos orgânicos do Conservatório, aprovados em abril de 1843).

Moral e estética estavam presentes na argumentação de um documento dirigido ao imperador, solicitando a aprovação dos artigos orgânicos do Conservatório Dramático Brasileiro. Na página número um do documento, de 12 de março de 1843 e catalogado na seção Manuscrito da Biblioteca Nacional, a arte dramática seguia “na emenda dos costumes, na pureza da linguagem e na escola do bom gosto [...]”.

Dois anos depois, foi atribuído ao Conservatório o papel de censor. Pelo decreto número 425, de 10 de julho de 1845, as peças de teatro deveriam ser encaminhadas ao chefe de polícia acompanhadas “da censura do Conservatório Dramático Brasileiro, em qualquer sentido que seja [...]”. Sem o visto do chefe de polícia a peça não poderia ser encenada e o teatro seria fechado, conforme estabelecia o artigo 11 do referido decreto. Machado de Assis foi um dos literatos que exerceu a função de censor no Conservatório.

Percebe-se um viés do modo como Machado de Assis se articulava com as idéias da época, em especial em relação ao propósito moralizador do teatro, e da função moralizante que a arte dramática deveria exercer, em um pequeno estudo de Jobim.

É importante para esta tese pensar acerca desta questão, ainda que de forma breve, porque encontramos em Nelson Rodrigues idéias relativas à moral e aos bons costumes, desenvolvidas por este autor através da denúncia pública nas suas peças de teatro. Postulamos uma hipótese, que tentaremos demonstrar.

Supomos que este modo de sentir e de agir de Nelson tinha raízes na sociedade carioca. Ele falava de um lugar especial. Trazia para o século XX uma revisita à postura dos valores relativos à moral e costumes defendidos no palco do Rio de Janeiro durante o século XIX. Denunciava com o objetivo de corrigir. O lugar onde ele se colocava vinha do estrangeiro: a escola francesa de realismo teatral. Acreditamos, então, que estas idéias atravessaram o tempo cronológico e se encontravam presentes, revisitadas, no século XX.

Para demonstrar a importância das idéias relativas à moral e aos bons costumes na sociedade da época, e de um modo de defendê-las através do teatro, Jobim expõe o pensamento de Machado de Assis quando este autor, no dia 16 de dezembro de 1861, trabalhando como censor no Conservatório Dramático Brasileiro, responde a uma provocação de Antônio Joaquim de Macedo Soares:

“Cumprir que o povo não saia do teatro sem levar consigo alguma moralidade austera e profunda. A arte só, a arte pura, a arte propriamente dita, não exige tudo isso do poeta; mas no teatro não basta preencher as condições da arte”. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, p. 169).

Um dos textos submetidos a Machado de Assis foi *Les lionnes pauvres*, do dramaturgo francês Émile Augier. Jobim nos esclarece pontos de vista de Augier que

consideramos de interesse para esta tese e ao qual voltaremos adiante. Augier também era favorável à divulgação dos malefícios da sociedade através do teatro.

Na opinião do dramaturgo francês, se fosse verdadeira a idéia de que contar coisas ruins poderia provocar ainda mais coisas negativas, então pior seria a publicação no jornal *Gazette des Tribunaux* de crimes julgados nos tribunais, inclusive com o método usado pelos criminosos.

Esta colocação nos leva a pensar no noticiário de polícia dos jornais, em especial no período estudado, exacerbado na descrição minuciosa de amores mal sucedidos que terminaram com o suicídio do casal, mulheres assassinadas pelos maridos ou amantes, a morte de crianças órfãs.

Interessa-nos aqui trazer o pensamento de Augier, nas palavras de Pommeau, personagem da peça “Les lionnes pauvres”:

“[...]POMMEAU

Bah! O espetáculo não é feito para senhoritas.

THÉRÈSE

Mas existem certas feridas sociais que seria mais sábio esconder.

POMMEAU

Para que a gangrena se instale nelas? De jeito nenhum! Podemos expo-las à luz do dia, mas encostando nelas o ferro em brasa. A verdadeira função da comédia não é a de encorajar o vício escondendo o seu segredo, mas o de enfraquecê-lo desmascarando-o”. (2002:209.210).

Machado de Assis aprovou a liberação da peça. Desvelou assim, no trabalho de censor, a sua articulação com idéias da época, importadas, neste particular, do realismo teatral francês. Augier foi questionado pela exposição pública de uma peça que não

convinha às senhoritas assistir. Mas ele defendia na cena do palco a necessidade de expor o vício. Liberando a peça, Machado de Assis mostrou anuência a estas idéias.

A idéia de expor, denunciar o vício para enfraquecê-lo, relatar “a vida tal como ella é”, promovendo a ressurreição moral, nós a encontramos em Costallat, no prefácio que ele escreveu para seu livro “Mlle. Cinema”, nas palavras do redator anônimo que anunciou a publicação de “Crime e Castigo”, de Dostoievski, no jornal *A Manhã*, nas páginas desta obra e também em Nelson Rodrigues, – ele esclarece o seu ponto de vista no título da coluna “A vida como ela é”, nas suas peças de teatro. Supomos que esta idéia também se encontrava subjacente à publicação do noticiário de polícia nos anos 20 e tentaremos demonstrar esta hipótese.

Pensamos agora em Nelson Rodrigues, aos 13, 14 anos de idade, repórter de polícia de *A Manhã*, leitor de folhetins, provável leitor de Costallat. Nesta pesquisa, comprovamos as idéias de promover a ressurreição moral da sociedade através da denúncia dos vícios, em livros e peças de teatro.

O jovem Nelson encontrou um campo fértil para exercitar e expandir tais idéias no cotidiano do noticiário policial da cidade do Rio de Janeiro. O inconsciente guiava o olhar do repórter e, acreditamos, conduzia não apenas o olhar de Nelson.

Supomos que a influência deste viés da época foi importante, refletindo-se na apuração e na redação das notícias de polícia. A atmosfera cultural carioca provavelmente influenciou e guiou o olhar dos jornalistas no tratamento do noticiário policial.

Traições, ciúmes, amores infelizes, suicídios passionais, assassinatos povoam os folhetins publicados nos anos 20. A temática não estava restrita aos jornais. Mas são os jornais que nos indicam o que se assistia na ocasião. Assim, decidimos trazer *O Jornal*

para o campo de nossa pesquisa. Escolhemos este periódico para verificar se ali também encontraríamos a temática dos folhetins em peças de teatro e filmes em cartaz.

No dia 1 de novembro de 1925, *O Jornal* publicava na página quinze anúncio do Cine Palais, avisando sobre a entrada em cartaz de “Scaramouche”, programada para o dia seguinte. No dia sete, o Palais anuncia, na mesma página de *O Jornal* um novo filme, “A dama da noite”, da Metro-Goldwyn, distribuído pela Paramount, como o anterior. Três dias depois, outro anúncio no *O Jornal*. Este saiu no rodapé da página 12, ocupando duas colunas, o conteúdo dividido em oito linhas, que transcrevemos do modo como foram publicadas, para que se possa perceber o destaque dado à informação:

“Benjamin Costallat
acaba de escrever
‘Os maridas’(marido
de Mlle. Cinema) por 7\$000
Á venda em todas as
Livrarias e com os editores
Benjamin Costallat&Micolis
Avenida Rio Branco, n. 127”.

Na edição dos dias cinco e seis de outubro de 1925, o jornal *O Paiz* informava ao público, em meio a notícias de economia e de política, que iria iniciar a publicação de “O moço loiro” sob a rubrica folhetim:

“ Folhetim do Paiz

Daremos inicio, depois de amanhã, em folhetim, á publicação do romance de costumes nacionaes O Moço Loiro do escriptor brasileiro Joaquim Manoel de Macedo. Por isso mesmo que escripto numa época anterior, cujo ambiente e aspectos nelle tão bem apreciados e expostos, O Moço Loiro

reavivará, em uns, reminiscências quase esquecidas e, em outros, mostrará flagrantes da vida brasileira, principalmente da carioca de tempos idos.

Demais, Joaquim Manoel de Macedo é, na nossa literatura do romance, nome clássico, e sua obra, se não constitui modelo para a feição e o estilo (palavra ilegível), fornece, todavia, no sabor antigo, descritivo e romanesco de *O Moço Loiro* momentos de boa e agradável distração espiritual pela leitura amena e interessante que proporciona”.

O material coletado e analisado nesta pesquisa nos permite supor que o jornalismo dos anos 20, e não apenas Nelson Rodrigues, levou o folhetim para as páginas do noticiário de polícia, apurando os fatos e redigindo os textos conforme o formato do folhetim. Assim decidimos ampliar a pesquisa, trazendo para esta tese o texto de notícias de polícia recortadas de modo aleatório entre diversos jornais, ampliando nosso campo de ação.

Para restringir a margem de erro possível neste trabalho, selecionamos jornais que costumavam tratar o noticiário de polícia de modo mais contido que faziam *A Manhã*, *O Globo* e *A Noite*, no período estudado. Com este procedimento, tentamos também evitar a presença do jovem repórter Nelson Rodrigues, que supomos ter encontrado em *O Globo*, *A Manhã* e *A Noite*, conforme demonstramos ao longo desta pesquisa.

O Paiz era comedido ao noticiar matérias de polícia, que costumava reunir sob o título “Pequenas notas de policia”. Cada matéria tinha cerca de dois ou três parágrafos, título pequeno, diagramado à esquerda do parágrafo inicial do texto. Na edição dos dias cinco e seis, por exemplo, havia três matérias, intituladas “Principio de incêndio”, “Para o asylo” e “Não era fumante”. Escolhemos, ao acaso, o texto de “Não era fumante”:

“O larapio Domingos Paranhos, aproveitando-se de uma distração de Gastão Garcia Gama, dono do varejo de cigarros e charutaria que funciona no botequim da rua Visconde do rio Branco n. 17, carregou-lhe com 15 caixas de charutos, de varias marcas, no valor de 55#000.

Preso, o larapio confessou que vendera sete ao Jose Victorino, no botequim da rua Marechal Floriano numero 77, e quatro a Armando Loureiro, no Café Critrio.

As caixas foram apprehendidas e o larapio mettido no xadrez.”

O texto é redigido do modo de quem conta uma história, com princípio, meio e fim: É a história do ladrão que rouba e acaba preso. Ou seja, a notícia denuncia o roubo, modo de vida que é punido. Mas aqui não nos alongaremos neste registro. O que nos importa é o modo como é narrado o roubo,

A notícia, guardadas as devidas proporções, poderia ser publicada em três pequenos “capítulos”. O “primeiro capítulo” ambientaria o leitor no fato – o roubo, o segundo contaria como o ladrão procedeu para se beneficiar da mercadoria furtada e por último, o desfecho da história.

Assim, pela comparação do texto publicado, encontramos o registro dos folhetins, isto é, em capítulos, modo como eram redigidos e apresentados aos leitores os chamados “folhetim-romance” ou “romance-folhetim”, conforme a referência de Meyer, já citada nesta pesquisa.

Com este procedimento, elucidamos o olhar que conduziu o modo de escrever dos redatores das matérias de polícia que abordamos no primeiro capítulo. Referimo-nos às matérias que, na sua estrutura, distanciavam-se do modo de escrever mais objetivo, este mais preocupado em oferecer logo ao leitor a solução do fato policial.

Ou seja, se a matéria do ladrão de charutos fosse redigida de modo objetivo, informaria ao leitor no primeiro parágrafo (lead) que Domingos Paranhos, o larápio, foi preso e confessou o roubo de sete caixas de charuto.

Portanto, as primeiras matérias examinadas nos indicam que estamos seguindo uma boa pista. Aprofundamos nossa pesquisa, procurando demonstrar a veracidade de nossa hipótese.

No dia 25 de outubro de 1925 *O Paiz* publicava, na página nove, o capítulo VII de “O moço loiro”. Verificamos ali a numeração do capítulo em algarismos romanos, comum aos folhetins, marca que, como afirmamos, Nelson Rodrigues levou para a publicação dos textos na coluna “A vida como ela é”.

Pouco depois, no dia 4 de novembro, *O Paiz* noticiava, na página seis, logo abaixo de um anúncio do “Centro Lotérico”, matéria intitulada “Para morrer – Atirou-se sob as rodas de um trem”. O texto tem quatro parágrafos, dos quais reproduzimos os dois primeiros:

“Hontem á noite, quando chegava á estação de Cascadura o trem SV 132, com destino a D. Clara, uma mulher que havia algum tempo passeava, nervosa, de um a outro extremo da *gare*, atirou-se sob as rodas do comboio que chegava, com o firme propósito de suicidar-se.

A tresloucada joven, que ficou com a perna direita fracturada, foi conduzida para o posto de Assistência do Meyer, e depois de medicada foi removida para o hospital do Prompto Socorro.[...]”.

Os fragmentos do texto nos indicam o modo de escrever pelo tempo cronológico, como o dos folhetins, além da temática da tragédia, o suicídio. A história é contada de forma adjetivada – a jovem foi chamada de “tresloucada”. Ou seja, o ambiente do

folhetim foi levado para a notícia. A matéria, embora curta, também poderia ser contada em capítulos.

Na busca de confirmação da marca do folhetim nos textos de polícia dos jornais do período estudado, procurando – embora de forma aleatória, entre os que noticiavam de modo mais contido; ou seja, tentando evitar os textos que supostamente seriam de Nelson Rodrigues, consultamos também o *Jornal do Brasil* de 1926. A escolha deste jornal se deve ao fato do tratamento comedido dado à notícia, que não chegava sequer à primeira página, na época.

A capa do jornal, no primeiro dia do ano de 1926, é tomada por pequenos anúncios de copeira ou arrumadeira, não há notícias ou fotos, apenas uma ilustração no centro da página, na qual o jornal formula aos leitores “votos de Anno Bom”.

Os anúncios se sucedem no miolo do jornal, ocupando as quatro páginas iniciais. Na página cinco há notícias internacionais e nacionais. A primeira matéria de polícia registra o suicídio de um boxeur em Buenos Aires, em texto objetivo.

O título, “Suicídio de um boxeur”, está destacado. O texto curto começa na linha seguinte: “Buenos Aires, 31 (trecho ilegível) – Suicidou-se hontem nesta capital o “boxeur” argentino Rottol. Ignorando-se até agora as causas que (ilegível) desespero”

É uma pequena nota, que trouxemos para esta pesquisa como registro de um outro modo de escrever, diferente do modelo folhetinesco. Consideramos esta referência importante porque mostra a chegada de um novo tempo, que se instala e se espacializa na época sob a regência do tempo dominante nas matérias de polícia, o dos folhetins. A presença do texto objetivo nas matérias de polícia foi analisada no primeiro capítulo desta pesquisa.

Na página 12 encontramos a crônica policial. O *Jornal do Brasil* costumava reunir as matérias em uma coluna, “Na policia e nas ruas”.

“Agressão a faca

Enciumada uma mulher feriu a outra

Na Legação Tchecoslováquia á rua das Palmeiras n. (ilegível), a cozinheira Anna Soares da Costa, por motivos de ciúme, agrediu a faca a lavadeira Nella (trecho ilegível) de nacionalidade italiana, produzindo-lhe ferimentos no (ilegível) e braço direito.

A victima foi levada para o Posto Central de Assistência (ilegível), onde recebeu os primeiros curativos, sendo em seguida removida para o Prompto Soccorro.

As autoridades do 7º districto, que tomaram conhecimento do facto, abriram inquérito”.

Na matéria de polícia, muda o tratamento que o jornal deu ao texto. Na matéria anterior, do “boxeur”, a narrativa foi objetiva. Nesta, da briga entre a cozinheira e a lavadeira, o jornal retoma a narrativa pela ordem cronológica. O ciúme, motivo da agressão, revela o olhar do jornalista voltado para as emoções quando noticiou o fato, redigido pela observação do tempo cronológico.

Em outras palavras, encontramos aqui, no mesmo dia (tempo cronológico e social-histórico), no mesmo exemplar do Jornal do Brasil, dois modos diferentes da convivência da objetividade com o tempo dos folhetins. Na publicação do “Suicídio do boxeur” registramos dois modos de lidar com a tragédia: a forma objetiva da escritura do texto e o tempo do folhetim. A marca do folhetim aparece no registro do suicídio e também no final do texto, quando o redator qualifica o ato do suicida: “desespero”.

Recortamos a dominância do modelo do folhetim, na forma da pequena notícia de uma briga a facadas por ciúme, evidenciado pelo olhar que conduziu o jornalista à leitura do fato. Nesta notícia dominou o modelo do folhetim. Não sabemos se foi o

mesmo redator que escreveu as duas matérias, mas podemos assinalar as discrepâncias e as semelhanças que, nos dois textos, evidenciam o tempo do folhetim e o tempo da objetividade que se aproximava.

Mais adiante, em uma página cujo número está apagado, mas que supomos ser a de número 28 da mesma edição do dia 1 de janeiro de 1926, o espaço do rodapé está ocupado pela “Primeira Parte – A fada dos Salgueiros”, de Xavier de Montépin. O capítulo traz o número XV. No dia seguinte, 2 de janeiro de 1926, o Jornal do Brasil publica no alto da página cinco, à direita, o capítulo XXVII de “Memórias de um cura”, assinado pelo Padre Assis Memória.

No dia 2 de janeiro de 1926, O Jornal do Brasil noticiava em uma coluna, no alto da página cinco, texto em quatro parágrafos:

Surpresas do destino

Morreu sentada numa cadeira

(Ilegível) 2 horas depois de um passeio pela cidade, Marietta Gomes da Silva, em companhia do amante David Lopes, recolheu-se no seu aposento, a avenida Men de Sá n. 283.

Quando se levantou, às 8 horas, sentou-se em uma cadeira depois de haver lavado o rosto.

Alli morreu em consequência de uma antiga moléstia do coração. O facto foi communicado as autoridades do 12º Districto, que fizeram remover o cadáver para o Necrotério do Instituto Medico Legal, afim de ser examinado.

Marietta era (o texto final da matéria está ilegível).

Encontramos aqui, outra vez, a matéria redigida na forma cronológica dos acontecimentos. Embora redigido de maneira comedida, o texto poderia ser dividido em

capítulos, como nos folhetins. No primeiro, a introdução à notícia, com o passeio do casal de amantes. No segundo, a morte inesperada de Marietta, devido a problemas cardíacos. No terceiro, o epílogo, com a remoção do corpo para autópsia no Instituto médico Legal. No título, surge o tom folhetinesco empregado pelo redator. “Surpresas do destino” poderia ser o título de um folhetim.

Abrimos ao acaso uma edição do *Jornal do Brasil* no dia 1 de dezembro de 1925. A coluna “Na policia e nas ruas” abriga o noticiário policial em quatro colunas, no alto da página 11. Transcrevemos três matérias, selecionadas aleatoriamente:

Ferido a canivete em Guaratiba

No Posto Central de Assistência foi soccorrido o empregado da prefeitura Manuel Benedicto, de 57 annos, brasileiro, que apresentava um profundo ferimento por canivete nas costas.

Manuel ficou internado no Hospital do Prompto Soccorro.

A notícia foi redigida com objetividade, embora mal apurada, porque não explica como foi ferido o empregado da prefeitura Manuel Benedicto. Poderia ser a primeira frase do *lead* da matéria, pois responde às perguntas quem? O que? O título também é conciso e sóbrio.

Louco

Uma scena devéras emocionante desenrolou-se á rua Humaitá.

Em frente ao prédio n. 285, dessa rua, o trabalhador José Gonçalves, de 20 annos, apavorado com a trovoada, ante-hontem, perdeu a razão.

E desatinadamente, fazia protestos e proferia palavras desconexas.

Communicado o facto á Delegacia do 20º Districto, o pobre moço foi removido para o Hospital Nacional dos Alienados.

O texto que resume o episódio ocorrido com o trabalhador José Gonçalves, embora conciso e comedido, também poderia desdobrado em três pequenos capítulos, como um folhetim. No primeiro o leitor seria informado do local onde sucedeu o fato “emocionante” com o trabalhador de 20 anos. No segundo, José Gonçalves perderia “a razão”, assustado com os trovões, Por fim, seria levado para o hospital.

Os roubos no subúrbio

Uma penca de larápios na cadeia

No lugar denominado Cotinga, em Nilópolis, foi preso antehontem, por uma turma de investigadores a serviço do 1º Posto de Vigilância do Meyer, o audacioso e conhecido larapio Antonio de Oliveira Lima, vulgo “Mulatinho”.

Contumaz nessa pratica de delicto, Mulatinho é autor de varias façanhas, entre as quaes a de ferimentos que produziu, há cerca de um mês, na pessoa do investigador Marinho José dos Santos, que procurava captural-o e que, em virtude de ferimentos recebidos, baixou ao Hospital da Misericórdia.

Acha-se elle agora trancafiado no xadrez daquelle Posto, a espera de outro destino, o qual será, naturalmente, a Casa da Detenção.

Também por investigadores do referido Posto de Vigilância foi preso o “punguista” Waldemar Corrêa de Lima, quando num trem de subúrbio, se preparava para entrar em “atividade”.

A matéria poderia ser redigida de modo objetivo, privilegiando na abertura a prisão dos dois ladrões. O redator optou por favorecer a atuação da polícia na captura de Antonio de Oliveira Lima, responsável por ferimentos no investigador Marinho José dos Santos, fechando a matéria com a prisão de um punguista. A primeira parte do texto

também poderia dividir a matéria em capítulos com a prisão, as façanhas e a detenção de Antonio. A prisão do punquista foi redigida de modo objetivo, respondendo em poucas linhas às perguntas Quem? O que? Como? Onde?, de modo a delinear um lead. Ou seja, verificamos a convivência num mesmo espaço de texto dos modos de redigir objetivo e dos folhetins.

Tolos não faltam...

O Ricardo deu dous contos de réis por um bilhete branco

Quando sahiu de casa, á rua Carmo Netto n. 212, Ricardo Schmidt foi avisado por sua esposa que não fizesse nenhuma transação.

É que a esposa de Schmidt é cartomante e as cartas tinham affirmado que o dia era de azar para o marido, em qualquer negocio que elle entrasse.

Mas Ricardo, que não acredita muito na sciencia dos antigos povos do Oriente, sorriu a ouvir a recommendação de sua esposa.

Na rua Sete de Setembro encontrou-se com dous indivíduos, sendo que um delles era possuidor de um bilhete cujo numero tinha sido contemplado com 10 contos de réis, a sorte grande.

Conversaram muito tempo.

Finalmente o bom Ricardo acabou entregando ao homem do bilhete a quantia de 2:000\$000, que lhe devia ser paga hoje, com um acréscimo de juros, isso porque hontem, por ser feriado, a agencia estava fechada.

Mas quando Ricardo descobriu que o bilhete estava em branco, os indivíduos já estavam longe, por isso correu á 4ª delegacia auxiliar onde appresentou queixa.

Novamente encontramos a marca do folhetim no registro do texto acima, que poderia ser dividido em capítulos. A matéria foi publicada na página 13 do Jornal do Brasil do dia 3 de novembro de 1925. No título, achamos outra característica da época: as reticências.

Na edição do dia seguinte, a coluna “Na policia e nas ruas” ocupava o alto da página 13. No centro, colhemos ao acaso uma notícia resumida em três parágrafos:

Entrou na casa sem licença do dono...

O larápio Geraldo Mello dos Santos, ao passar hontem pela rua do Riachuelo, entrou na casa n. 287, sem licença (ilegível) que alli reside.

Presentido foi o larapio preso e levado para a delegacia do 12º Districto, sendo ahi autuado em flagrante.

Em seu poder a policia encontrou duas navalhas e 1\$700 em dinheiro.

Aqui as reticências foram empregadas no título para acentuar o tratamento irônico que o redator deu ao texto. No curto registro da prisão do larápio observamos ainda outra característica dos folhetins, isto é, o fato de que a matéria foi redigida de tal modo que poderia ser dividida em pequenos capítulos.

Na busca de comprovação de nossa tese, recortamos ainda aleatoriamente na edição do dia 5 de novembro de 1925 do Jornal do Brasil a seguinte notícia:

A taboleta veio a baixo!

A Sra. D. Emma Schupp, de nacionalidade allemã e residente na rua Santo Amaro n. 166, ao passar hontem pela rua dos Ourives, próximo a de Buenos Aies, foi attingida por alguns estilhaços de vidro de uma taboleta da filial da firma Leandro Martins, que se desprendendo veio quebrar-se na calçada.

A victima, que ficou com um ferimento na cabeça, escoriações no ante-braço esquerdo, depois de medicada na Assistência Municipal, retirou-se para a sua residência.

Em capítulos, assim poderia ser publicada a matéria acima, acompanhando o ritmo de publicação dos folhetins, acentuado pelo ponto de exclamação do título. Adiante, na mesma edição, o *Jornal do Brasil* publicou, sob a rubrica “Folhetim”, um capítulo de “A flor de Maravillas”, de Alvaro Carrilo. A numeração da página estava apagada.

Na edição do dia 6 de novembro de 1925, do mesmo jornal, encontramos outros indícios que comprovariam a nossa tese:

Eugenia ateou fogo nas vestes

O pessoal do “Pombal”, o casarão da rua Pinto de Azevedo, que depois de ter estado condenado pela Saúde Publica, durante muito tempo, foi aproveitado para abrigo das decahidas que a policia fez mudar das ruas Tobias Barreto, Ledo e Vasco da Gama, teve hontem uma manhã bastante agitada.

É que no n. 25, a decahida Eugenia Alvarenga Vasconcellos, uma pardinha de 17 annos de idade, por ter sido abandonada pelo amante, um dos muitos malandros que perambulam pela zona, tentou pôr termo á existência, incendiando a roupa do corpo, depois de despejar sobre o mesmo uma garrafa de álcool.

O fogo foi abafado pelas companheiras da infeliz, que pediram o auxilio da Assistência Municipal, afim de serem prestados á Eugenia os primeiros soccorros.

Depois de convenientemente medicada, foi a infeliz removida para o Hospital da Misericórdia, por se grave o seu estado.

As autoridades policiaes do 3º Districto tomaram conhecimento do ocorrido.

Mulheres decaídas, traição, abandono, desespero e tentativa de morte são algumas das características dos folhetins encontradas na matéria acima, que também poderia ser publicada em capítulos, seguindo o estilo da época. O texto poderia ser recortado em três capítulos. No primeiro, a descrição do “Pombal” e suas moradoras, no seguinte o gesto desesperado de Eugenia. No desfecho, a remoção de Eugenia para o hospital.

No dia 8 de novembro de 1925, o *Jornal do Brasil* editou o capítulo CCLXXXIV do folhetim “A flor de Maravillas”. O autor, Álvaro Carrillo, relata o desfecho de uma vingança, com a morte de dois personagens, um homem e uma mulher. Ele tentava vingar seu pai. Ela protegeu o marido.

O título do capítulo acima referido é “Ultimas explicações”. Dele recolhemos um fragmento: de interesse para a presente tese: “[...] Attentos todos ao desenlace daquelle dramma de sangue e tratando mais depressa de socorrer a baroneza do que de olhar para o seu assassino, este tratou de alcançar a porta [...]”.

Para descrever o assassinato, Carrillo emprega a expressão “drama de sangue”, termo bastante próximo de “scena de sangue”, utilizado como um bordão que encontramos em matérias de polícia de jornais como *A Manhã*, *A Noite* e *O Globo*, em textos anteriormente citados nesta pesquisa.

No *Jornal do Brasil* registramos o emprego do termo “scena de sangue” em diversas matérias, na pesquisa aleatória que empreendemos para tentar demonstrar a nossa tese. Não consideramos necessário transcrever por inteiro as reportagens, algumas

das quais extensas, sendo todas redigidas também na forma habitual, isto é, poderiam ser publicadas em capítulos, como os folhetins. Assim, indicaremos a data da edição, o número da página, o título da matéria e um recorte do texto, no trecho em que o redator utiliza o termo que desejamos assinalar.

Dia 12 de novembro de 1925, na página 13:

“Chegou a vez do Chico Machado

Foi baleado por um desaffecto e está em estado gravíssimo

“[...] no local da scena de sangue estava o comissário Mario de Souza, de serviço na delegacia do 23º districto, que tomou todas as providencias para a prisão do criminoso, que é completamente conhecido”.

“Requinte de crueldade!

Tomado de ciúmes pela noiva matou-a a tiros de revolver

No Caminho do Sacco, em Bonsucesso

Prisão do criminoso e confissão do crime

[...] Achava-se na delegacia o Dr. Alberto Tornaghi, respectivo delegado, que, inteirado do ocorrido, partiu immediatamente para o local, apprehendendo ahi a arma de que se servira o assassino e arrollando as testemunhas que assistiram á scena de sangue. De volta á sua delegacia, interrogou Armando Loureiro, que confessou o crime”.

Dia 15 de novembro de 1925, página 13:

“Alvejada a revolver pelo amasio

O criminoso é soldado da Escola de Aviação Militar

Deu-se, hontem, na casinha da Estrada Real de Santa Cruz, 6, no Realengo, uma scena de sangue de que foi autor um soldado da Escola de Aviação Militar”.

Dia 25 de novembro, página 11:

“Scena de sangue

Torturado pelo ciúme matou uma mulher a tiros

O criminoso quase foi lynchado”

Dia 10 de março de 1925, página 10:

“Foi obra da Fatalidade!

A tragédia da estrada do Engenho das Pedras

Pormenores sobre esse doloroso caso

A autopsia e o enterramento das victimas

[...] Naquella delegacia foi hontem aberto inquérito para apurar a verdadeira causa da horrível dupla scena de sangue. Depuseram as pessoas, vizinhas dos figurantes do drama, além das esposas de Adolpho Rodrigues de Carvalho e do Theodorico Dias da Silva.”

Em nossa pesquisa aleatória de edições do Jornal do Brasil nos anos de 1925 e 1926 observamos o emprego do termo “scena de sangue” em diversas matérias. Entre as que citamos acima, também recortadas de maneira aleatória, verificamos que o termo está associado a casos que envolvem morte, fatalidade, tragédia, crimes passionais. No folhetim “A flor de Maravillas”, Carrilo utilizou a expressão “drama de sangue” no capítulo publicado dia 8 de novembro de 1925, poucos dias antes das matérias que trouxemos para esta pesquisa.

Na última notícia, o redator empregou a palavra “drama” para caracterizar a morte de Adolpho e Theodorico. No folhetim “A flor de Maravillas”, Alvaro Carrilo utilizou “drama de sangue”. Ou seja, tragédia, drama, morte, sangue estão nomeados na atmosfera dos folhetins e das matérias de polícia.

Estendemos nossa pesquisa também ao *Jornal do Commercio*. Desta vez selecionamos o ano de 1924, com o objetivo de verificar se houve transposição dos folhetins para o noticiário de polícia também naquele jornal. Escolhemos de propósito o ano de 1924 para ampliar o campo da pesquisa. Lembramos que o *Jornal do Commercio* foi selecionado porque noticiava de modo contido as matérias de polícia e, possivelmente, ali não encontraríamos a presença de Nelson Rodrigues. O jornal valorizava a publicação do folhetim.

Na capa da edição do dia 1 de novembro de 1924 observamos a relevância da atmosfera cultural voltada para o ambiente dos folhetins. Entre os destaques anunciados sob o título “Publicamos hoje”, o *Jornal do Commercio* enumera as “Diversões”, como “A dama das Camélias” no “Theatro Republica”; indica “Passeios” como uma visita ao “Pão de Assucar”; assinala a publicação da rubrica “Folhetim” e nomeia uma referência a matérias de polícia: “Queixa de furtos”. Na página 3 desta edição foi publicado no pé da página o folhetim “A camponesa de Berck”, por J. Vincent.

Queixa de furto

O Sr. Dr. Carlos Alberto Franco, residente á rua Anna Guimarães 65, queixou-se hontem á policia do 13º districto de que fora furtado em um relógio, uma corrente e uma bolsa de malha, tudo de ouro, avaliando o seu prejuízo em cerca de um conto de réis. A policia registrou a queixa e está apurando o caso.

Trata-se de uma pequena nota, registrando um caso de furto, sem solução até o fechamento da edição. O texto é objetivo, sinaliza a forma do lead e não comporta uma divisão em capítulos. O fato se tornou notícia possivelmente porque o cidadão que sofreu a agressão pertencia à camada social de leitores do jornal.

O *Jornal do Commercio* destacou na capa da edição do dia 4 de janeiro de 1924 um termo que interessa a esta pesquisa. Encontramos este registro na coluna “Publicamos hoje”: “Polícia do districto federal. Menor desaparecido. Choque de vehiculos. Colhido por um bond. Facadas inopinadas. Agressão a pedra. Scena de sangue. Banho fatal.”

Embora de maneira sóbria, o *Jornal do Commercio* desvela nos títulos das matérias de polícia citadas na capa como lidava com a atmosfera dos folhetins no período estudado. O jornal acompanhava a época. “Scena de sangue”, termo chavão para as matérias mais fortes de polícia, estava na capa do jornal naquele dia.

As matérias referidas na capa foram publicadas na página 3, ocupando toda a terceira coluna, até alcançar, no rodapé, o folhetim com o capítulo XVII de “A camponesa de Berck”. Examinamos a página 3. Nela encontramos a matéria abaixo, da qual recortamos o fragmento que nos interessa:

“Scena de sangue

Prosseguimento do inquérito (trecho ilegível, borrado). O indigitado criminoso foi submetido a exame de corpo de delicto.

No cartório do 7º Districto Policial proseguiu hontem o inquérito aberto para apurar a scena de sangue da rua Conde de Bonfim n. 460. O Dr. Gastão da Silveira, Delegado do Districto, ouviu varias testemunhas, entre estas, o “chauffeur” do automovel numero 3.308, Alexandre dos

Santos, que transportou o indigitado criminoso, Sr. Vespasiano Cardoso, pouco depois do crime”.

O texto é sóbrio, mas abre-se para o bordão “scena de sangue” duas vezes: uma no título e a outra na segunda linha da abertura do texto. Encontramos nestas referências observadas na matéria a marca de estilo da época, o folhetim. Ou seja, a transposição do folhetim para as páginas de polícia do *Jornal do Commercio*.

O tratamento comedido que o jornal concedeu à matéria anunciada na capa, publicando-a na página 3, sem destaque, contrasta com a demonstração explicitada do chamado “espírito de época” no uso do termo “scena de sangue”: tanto na capa quanto nas duas repetições no miolo do jornal. Ou seja, o jornal manteve-se reservado em relação à atmosfera da época na diagramação discreta da matéria, tanto na capa quanto no miolo. Mas trouxe o folhetim para as suas páginas de polícia.

Na edição do dia 5 de janeiro de 1924, a coluna “Publicamos hoje” enumerava na capa, entre outras matérias, as seguintes, relativas a noticiário policial, logo abaixo das rubricas “Foro local e Tribunal do Jury”: “Scena de sangue”. “Atropelado”. “Facadas inopinadas”. “Queixa de furto”. “Apanhado e morto por um trem”. “Aggressão a faca”. “Tentativa de assassinato”. Registramos, outra vez, a presença do folhetim assinalada na utilização do termo “scena de sangue”.

Ainda naquela coluna, a rubrica “Folhetim” vem a seguir, diagramada em letras de maior tamanho. No miolo do jornal, o folhetim não foi publicado na mesma página das matérias de polícia. O XVIII capítulo do folhetim “A camponesa de Berck” saiu na página 3. O noticiário de polícia foi editado na página 4..

No dia 9 do mesmo mês e ano, a rubrica “Folhetim” saiu na capa do jornal, como do costume. No miolo, “A camponesa de Berck” foi publicada na página 3 e o noticiário de polícia na página 4.

Dia 12, chamou-nos a atenção o título de uma das matérias publicadas na página 3:

Suicídio

Por questões de amores mal correspondidos suicidou-se hontem, Judith dos Santos Rego, residente á rua Santa Isabel n. 29, na estação de Bento Ribeiro.

Judith, para levar a effeito os seus planos sinistros, ingerio o conteúdo de um frasco de lusol e sentindo os seus terríveis resultados entrou a pedir soccorro.

A infeliz foi então removida para a Assistência do Meyer, onde falleceu ao receber os primeiros medicamentos. O cadáver foi removido para o Necrotério com guia das autoridades do 23º districto que tomaram conhecimento do facto.

Uma das temáticas do folhetim, o amor mal correspondido, está presente nesta matéria, redigida de modo objetivo. O texto de abertura foi conduzido do modo que hoje seria considerado no jornalismo um lead completo, respondendo às perguntas Quem? O que? Por que? Onde?. No texto acima registramos o encontro da marca do folhetim com a textura da objetividade.

Na edição do dia 28 de janeiro de 1924 encontramos o folhetim, “Maddya”, de P. Alciette, já no capítulo XIII, publicado no rodapé da página 3, próximo das matérias de polícia.

O modo de escrever que verificamos nos folhetins, nos textos de reportagens de polícia que supomos serem de autoria de Nelson Rodrigues e em matérias de polícia de *A Manhã*, *O Globo*, *A Noite*, *O Paiz*, *Jornal do Brasil* e *Jornal do Commercio* encontramos também em livros de Benjamin Costallat, como “Os maridas” e “Mlle.

Cinema”: reticências, pontos de exclamação, diálogos. A temática – traição, ciúme, crime passionai, suicídio também estabelece uma ponte entre as obras de Costallat e os folhetins, nos anos 20.

Havia, portanto, um compartilhamento destas temáticas entre a prosa publicada em livros, nos folhetins publicados em capítulos nos jornais e nas matérias de polícia. Não pretendemos aqui nos alongar nesta discussão. Interessa-nos recortar e assinalar que a temática desenvolvida por Costallat tinha um objetivo de cunho moral, denunciar o comportamento que percebia na alta sociedade, conforme dissemos.

Talvez este objetivo tenha atraído o interesse do jovem Nelson Rodrigues, levando-o de modo inconsciente a se identificar com o objetivo proposto por Costallat. O momento histórico que Nelson vivenciava favorecia esse encontro. Havia um “espírito de época” que se podia perceber através dos folhetins, da transposição dos folhetins para as páginas de polícia dos jornais, de encenações como “A dama das camélias”, da denúncia de crimes e vícios da sociedade.

Os folhetins estavam nas páginas dos jornais diários, Dostoievski estreava em *A Manhã*, introduzindo Raskolnikoff, personagem que mais tarde Nelson nomeou como um dos seus favoritos. A comparação destes fatos permite um aprofundamento da análise do jovem Nelson Rodrigues. Refiro-me aqui ao modo como ele lidou com estas questões. A identificação com o objetivo de Costallat teria se dado de maneira inconsciente, pois Nelson, adulto, nunca aludiu a este fato.

Mas também é possível supor que Nelson tenha preferido não fazer referência a este processo de identificação com um autor considerado pornográfico no campo da literatura, talvez para evitar arranhões na imagem de originalidade criada em redor de si. A identificação com Raskolnikoff, ao contrário, foi por Nelson percebida e nomeada.

Os textos de Nelson escritor e jornalista revelam que ele levou consigo para as matérias de polícia (que supomos serem de autoria dele) o tempo cronológico dos folhetins, tempo que ele viveu como jovem repórter de *A Manhã*.

É possível perceber que a transposição do folhetim para as páginas de polícia dos jornais aqui estudados, no final dos anos 20 e início dos anos 30, no século passado, não ocorreu apenas nos textos que supomos serem de Nelson Rodrigues. Era comum na época. Encontramos alguns em jornais que se apresentavam ao leitor com mais sobriedade do que *A Manhã* ou *O Globo*. Verificamos que havia uma atmosfera, um espírito de época no período estudado.

O folhetim não estava limitado aos rodapés dos jornais. Foi transposto para o noticiário de polícia. Nós encontramos exemplos, aqui referidos, em jornais onde supomos que Nelson Rodrigues não colaborou. Apareceu ainda fartamente nos jornais pesquisados na forma de anúncios de peças de teatro e de filmes em cartaz.

Poderíamos sugerir um fluxograma do modo como o jornalismo da época vivenciou os folhetins, a partir do estudo aqui desenvolvido em redor de Nelson Rodrigues, jovem repórter de polícia: folhetins nos rodapés dos jornais, folhetins transplantados para a abordagem e texto das matérias de polícia, folhetins no cinema e no teatro de revista, anunciados na imprensa (nos jornais trabalhados nesta pesquisa).

Ou seja, os dramas e tragédias da vida real foram publicados nas páginas de polícia como se fossem folhetins. Em suma, os folhetins foram transpostos para as páginas de polícia dos jornais.

Nas matérias de polícia encontramos a vida real tratada como folhetim. Ou seja, jornalismo e literatura se encontraram. A ficção encorpou-se na vida real, isto é, a vida real recebeu tratamento de ficção.

Parece-nos que uma discussão entre definir o que seria o texto do jornalismo e qual seria o prolongamento deste texto para dentro da fronteira do texto literário não é o aspecto mais relevante na análise da transposição do folhetim para o noticiário de polícia dos jornais aqui pesquisados, no período já referido.

Encontramos diversas semelhanças, além da temática em comum, no tratamento de ficção (folhetim) emprestado para a vida real (jornalismo). Supomos que as tragédias apontadas em “vermelho”, como escreveu Xavier de Montépin em “Testamento vermelho”, ou “drama de sangue”, na referência de Carrilo em “A flor de Maravillas” passaram para a vida real noticiadas na forma de “scena de sangue”, “drama” ou “tragédia”, referências comuns no texto dos repórteres e redatores anônimos cujo trabalho trouxemos para as páginas desta tese,

É bom ressaltar a recorrência do termo “scena de sangue” não apenas nos jornais que abriam grande espaço para as notícias de polícia, como *O Globo*, *A Manhã* e *A Noite*, mas também nos que destinavam tratamento mais comedido a este noticiário, como o *Jornal do Commercio*, o *Jornal do Brasil* e *O Paiz*. Ou seja, o vermelho tingia fortemente as tragédias publicadas com ou sem destaque nas páginas de polícia dos jornais e dos folhetins.

Se a transposição do folhetim para o jornal tivesse ocorrido apenas nos textos que, nesta pesquisa, supomos de autoria de Nelson Rodrigues, não poderíamos pensar nem tentar delinear o movimento abrangente naquele momento histórico, no pequeno estudo que ora desenvolvemos.

As tragédias, traições, assassinatos oferecidos aos leitores no folhetim encorpavam-se, ganhando vida com descrições minuciosas, na forma de luta entre “o bem e o mal” de personagens injustiçados, prejudicados. A personagens como Lucíola,

que não se considerava digna de casar e ter filhos, a alternativa oferecida era a morte. A morte pela tuberculose, comum na época, era freqüente porta de saída..

Na vida real, a morte também se tornou a solução para paixões que não poderiam se desenvolver. Na realidade social e histórica, a tuberculose era uma condenação (à morte) vivenciada em alguns casos como um impedimento de vida. Foi por este motivo que José Maria Sanches tentou o suicídio, golpeando o pescoço com uma navalha, segundo a matéria publicada pelo *O Globo* no dia 5 de dezembro de 1925, sob o título “Não resistiu às torturas da tuberculose e golpeou o pescoço à navalha para morrer”. Transcrevemos este texto, na íntegra, no primeiro capítulo.

Quando descobriu que estava tuberculoso e que o tratamento de saúde fracassava, Bernardino Rodrigues, empregado e residente na Tinturaria “Mil cores”, decidiu matar sua noiva, a operária Judith Alves de Miranda e cometer suicídio em seguida. A *Manhã* publicou extensa reportagem a respeito da tragédia, intitulando a matéria de “Egoísmo de noivo” (esta matéria foi transcrita, na íntegra, no primeiro capítulo da presente tese).

O texto da matéria, narrado pela ordem cronológica, poderia ser apresentado aos leitores na forma de um folhetim, isto é, em capítulos. No primeiro, o amor, os sonhos e as esperanças que surgiram “há pouco mais de um anno, quando os dois jovens se conheceram”, conforme a narração inicial do redator. No segundo capítulo, a descoberta inesperada de “uma moléstia traiçoeira” no rapaz, a impaciência da noiva, os sonhos desfeitos. No final, a decisão de Bernardino de matar a sua noiva e de cometer suicídio em seguida.

Os exemplos se sucediam nas páginas de polícia dos jornais da época. Vida real e vida criada na ficção se misturavam. No crime das Paineiras, cujo texto oferecemos no

primeiro capítulo desta pesquisa, uma jovem de classe social abastada e um rapaz de condição social modesta preferiram se matar, ante a censura da família da noiva.

No título da matéria publicada no jornal *A Manhã* no dia 26 de dezembro de 1925, o redator anunciou “O epílogo de um drama passionai: no alto das Paineiras um jovem mata a noiva e suicida-se depois com tiros de revólver”.

O termo “epílogo” é utilizado duas vezes pelo redator. A primeira vez no título da reportagem, a outra na segunda linha do texto, narrado como se fosse “o epílogo tristíssimo de um romance de amor”. Observamos um “deslocamento” do autor do texto, da redação para o lugar de um escritor de folhetins que conta a história de um amor impossível.

A história, cujo texto poderia ser recortado em capítulos, é apresentada ao leitor à luz do cenário onde aconteceu a tragédia, nas Paineiras. O redator descreve o local “onde a natureza se expande em encantos para acolher, na sombra amiga das árvores, pessoas que para alli accorrem em dias de calor”, acentuando o contraste de calma e paz do ambiente com o violento desfecho do romance impossível.

Assinalamos ainda no título da reportagem acima o emprego do termo “drama”, cuja utilização já havíamos referido nesta tese, e depois foi encontrado em outros jornais e no texto do folhetim “A flor de Maravillas”, de Carrilo. No mesmo texto que narrava o crime das Paineiras, o redator nomeou um dos entretítulos da matéria como “tragédia”. Esta palavra também era bastante utilizada.

Acreditamos que os termos “drama” e “tragédia”, mais do que exercerem apenas uma função adjetivadora que sobrecarregava o texto, eram empregados nas matérias de polícia para realçar a atmosfera de folhetim que se mesclava à vida real, através do modo como era tratado o noticiário policial. Ou seja, “drama”, “tragédia”, “scena de

sangue” tinham uma função no texto, criar nas matérias um clima em sintonia com o espírito da época.

A notícia recebeu tratamento de ficção pela maneira como foi apresentada ao público leitor, desde o título. O redator anônimo nomeou como “epílogo” o desenlace do caso de amor impossível entre um rapaz de condição social modesta e uma jovem de família rica. Em outras palavras, tratou a notícia como se fosse o último capítulo de um romance, ou melhor, de um folhetim publicado no rodapé do jornal.

O modo de construir as matérias de polícia pela ordem cronológica dos acontecimentos era comum no período que estudamos na presente tese. Observamos que este estilo narrativo permite que a notícia se desenrole como os capítulos de um folhetim, ou seja, as matérias poderiam ser publicadas em capítulos.

O estilo de época não ficou restrito aos crimes passionais, como podemos observar em uma releitura das notícias de polícia apresentadas no primeiro capítulo, agora analisadas com mais profundidade, à luz de achados que conseguimos perceber ao longo desta pesquisa.

“O senhorio arbitrário foi preso pela polícia”. O título da matéria publicada no jornal *O Globo* do dia primeiro de dezembro e transcrita no primeiro capítulo desta tese, por exemplo, nos introduz em uma briga entre locatário e inquilino. O estilo narrativo nos permite pensar no texto apresentado em capítulos, respeitando a ordem dos acontecimentos estabelecida pelo redator.

Na abertura do texto, a apresentação do locatário, o belga Van Dale, que decidiu sublocar um cômodo da sua residência. No segundo capítulo, o atraso do aluguel e a decisão do locatário de despejar o seu inquilino. No epílogo, a intervenção da justiça.

Também poderia ser contada em capítulos outra matéria que não envolve crime passionais ou suicídio: “Uma bravata do Belleza”, publicada em *O Globo* de 2 de

dezembro de 1925. O texto poderia começar da mesma forma que saiu no jornal, com a apresentação do protagonista, na vida real o soldado Marciano Monteiro, da Polícia Militar, mais conhecido pelo apelido de “Belleza” e por suas “revoltantes proezas”.

O segundo capítulo corresponderia ao segundo parágrafo da notícia, quando é narrada a ação de “Belleza” contra uma vendedora de laranjas. No final, a prisão de “Belleza”. Portanto, o modo de redigir a notícia, como se fosse uma história que poderia ser contada em capítulos, não estava restrito às matérias cujo assunto eram crimes passionais, suicídios, traições ou ciúmes, temáticas encontradas nos folhetins. Havia um modo de escrever as matérias de polícia que demonstra a transposição dos folhetins para as páginas dos jornais. Havia um estilo comum, conforme ao “espírito da época”.

“Na casa negra do Andarahy”, matéria publicada no jornal *O Globo* no mesmo dia em que foi editada “Uma bravata do Belleza”, a notícia narra uma briga, com golpes de navalha, em consequência de “desenfreada jogatina” em uma casa que servia de abrigo a “operários e trabalhadores”. O texto desta matéria também poderia ser recortado em capítulos.

Na primeira linha o redator da matéria conduz o leitor para o clima do folhetim – “Uma violenta scena de sangue veio agitar a noite de hontem [...]”. Registramos aqui o chavão “scena de sangue” na abertura do texto. O primeiro capítulo poderia ser configurado no correr do texto até o ponto em que um dos brigões golpeou seu oponente com uma navalha, fugindo logo depois. No capítulo seguinte, a chegada de uma ambulância da Assistência, que levou o ferido para o Posto Central, enquanto o comissário de polícia partia para o local da briga.

Acompanhando a ordem dos acontecimentos estabelecida pelo redator da matéria, agora recortada para simular a publicação em folhetim, somente no último capítulo seriam revelados os nomes dos brigões: a vítima era um garçon de 24 anos,

Epiphany Monteiro, e o criminoso era Manoel Rodrigues Miranda, desordeiro conhecido e cunhado do proprietário da “Casa Negra”.

Consideramos necessário, neste ponto da pesquisa, aprofundar a pequena análise de textos apresentados no primeiro capítulo, cujo autor seria, supostamente, Nelson Rodrigues. Interessa-nos agora comparar o texto das matérias com o formato do folhetim.

“Esta nossa vida militar...” intitula matéria publicada na edição de 4 de dezembro de 1925 no jornal O Globo. No título encontramos apenas uma das marcas do folhetim, as reticências. O clima folhetinesco chega ao leitor no subtítulo: “Das Laranjeiras ao Leme, para um duelo; o orgulho do guarda-noturno”.

Como já observamos na leitura do texto desta matéria, transcrito na íntegra no primeiro capítulo, o termo “duello” envolve o público no clima de “capa e espada”, fato que não ocorreu na vida real. Na realidade da “vida como ela é” houve de fato o clima emocional dos folhetins, raiva e ódio, mas estavam desarmados os dois homens que se confrontaram com a troca de “bofetões”. Acreditamos que o redator permitiu-se esta licença, utilizando a palavra “duello”, para se adequar ao chamado “espírito da época”, embora o termo fantasiasse a realidade.

Ou seja, o redator procurou adequar a matéria ao estilo dos folhetins. Esta observação nos permite encontrar, na matéria em estudo, outro registro da transposição do folhetim para as páginas de polícia dos jornais.

O fato que provocou a notícia foi narrado através de diálogos, com muitas reticências e pontos de exclamação. Supomos que o texto poderia ser atribuído ao jovem Nelson Rodrigues porque ele já circulava nas redações de jornais cariocas antes de começar a trabalhar no jornal *A Manhã*, de propriedade do seu pai, e o texto apresenta marcas do modo inconfundível que este autor tinha de escrever.

Uma apaixonada descrição do mar, da lua e da beleza da noite criam um clima romântico na abertura do texto dessa matéria, que também poderia ser publicada na forma de folhetim. No primeiro momento, o êxtase do guarda noturno diante da paisagem, a chegada da senhora aflita que pede socorro para separar uma briga entre dois homens.

O segundo capítulo começaria quando o guarda noturno chegava na delegacia conduzindo os brigões e relatando ao comissário a “quase tragédia”. Destacamos o termo “tragédia” para evidenciar a utilização deste chavão, comum na época, conforme já observamos.

No último capítulo, os brigões relatam os motivos da disputa e se identificam como funcionários do Hotel Bélgica, na rua das Laranjeiras. Um deles era Claudimir Teixeira, chefe da copa, o outro era Augusto Barbosa, garçom. O desfecho é inesperado. O comissário decide liberar os brigões, depois que eles se acalmaram.

No primeiro dia de dezembro de 1925, *O Globo* publicou a notícia da morte de um pequeno órfão, por atropelamento (a íntegra do texto está no primeiro capítulo desta pesquisa). Neste texto, que supomos ser de Nelson Rodrigues, o clima folhetinesco está presente desde o título. Ali o redator explora uma das temáticas do folhetim, a orfandade: “Vivia saudosos da mãe que lhe morrera! Teve hoje. fim trágico e impressionante [...]”.

Assinalamos ainda o termo “trágico” empregado pelo redator no título, lembrando que “drama”, “tragédia”, e “scena de sangue” são chavões aos quais os jornalistas recorriam possivelmente para introduzir o ambiente do folhetim no texto do jornal.

A morte do menino órfão por atropelamento é nomeada como “fim trágico”, e a atmosfera de tragédia é reforçada com o uso de um ponto de exclamação. Portanto, o

título já introduz o leitor na atmosfera de folhetim transplantado para o texto que, como analisamos no primeiro capítulo, foi redigido obedecendo ao tempo cronológico.

O texto narra a história da morte do pequeno órfão e poderia ser publicado em capítulos, como nos folhetins. No primeiro capítulo, o redator contaria a história da morte da mãe do pequenino, a tristeza dele e do pai. O capítulo poderia ser interrompido logo depois que órfão disse: “Mamãe morreu...não posso viver sem ela”.

O segundo capítulo se ocuparia com a história do atropelamento, até o ponto em que “o automóvel sinistro desapareceu numa nuvem densa de fumo”. No último, o desfecho, com a tentativa inútil de socorrer o menino e a identificação do motorista que atropelou o órfão. Neste texto assinalamos ainda que o redator empregou, diversas vezes, recursos de pontuação também bastante utilizados no folhetim: reticências e ponto de exclamação.

“Depois de desfechar três tiros na namorada! Atravessou o peito com uma bala do mesmo revolver. Ella morreu e elle, em estado desesperador”. Paixão e morte são as marcas desta matéria publicada no dia primeiro de dezembro de 1925 em O Globo. Apresentamos a íntegra do texto e analisamos o conteúdo no primeiro capítulo desta tese, quando estudamos a abertura das matérias de polícia (“lead”). Retomamos agora este texto com o objetivo de examinar a transposição do folhetim para as notícias de polícia no período estudado.

A paixão acabou em morte quando o ex-sargento Ferreira matou a tiros a ex-namorada Maria Olga e depois tentou o suicídio. O título, apresentado no parágrafo anterior, reforça o clima de folhetim com o uso do ponto de exclamação. O redator acentuou o clima emocional assinalando que o ex-sargento tentou se matar com o mesmo revólver que usou para tirar a vida da ex-namorada.

Na abertura do texto as tintas vermelhas do folhetim se apresentam com força. A primeira frase apresenta novamente o chavão “scena de sangue”, termo que o jornalista frisou antecipando-o com o adjetivo “violenta”. O crime, conforme o texto do redator, ocorreu “em impressionantes condições”. O local da tragédia, a residência da moça, foi descrito como uma “modesta casa de avenida”.

Em seguida, o redator prepara o leitor para acompanhar a “emocionante tragédia”, lidando com o ocorrido como se fosse mais um capítulo de romance “cujas causas e detalhes se seguem”. Os parágrafos seguintes, do terceiro ao quinto, poderiam constituir o segundo capítulo, com a história do namoro, a decisão da moça de romper a relação, a insistência do ex-sargento em reatar, até a cilada armada pelo ex-namorado e a minuciosa descrição da tragédia, como se o repórter tivesse visto o crime ser cometido. No último parágrafo, a morte da moça e o castigo do ex-sargento: a prisão.

No mesmo dia primeiro de dezembro, *O Globo* lançou uma segunda edição, suitando o crime passionai. “Maria Olga ainda guardava na bolsinha de couro o retrato do seu matador!” era o título principal, seguido de “Scenas desoladoras e detalhes compromettedores; a tragédia da rua Conde de Bomfim”. Observamos que a moça assassinada tornava-se próxima do leitor, tratada pelo primeiro nome.

Assinalamos também as marcas do folhetim no uso do ponto de exclamação para reforçar a “tragédia”, termo chavão recorrente empregado .no noticiário de polícia da época, assim como “drama” e “scena de sangue”. O nome do ex-sargento foi excluído do título, substituído pela acusação, “matador”.

A emocionada descrição feita pelo redator incluía o detalhe da fotografia do “seu matador!” (da moça) guardada na “bolsinha”. O uso do diminutivo para mencionar a bolsa de Maria Olga acentuava o clima intimista e emocional criado pelo redator do

título. Que leitor não se apiedaria da moça tão apaixonada que ainda guardava a foto do ex-namorado?

“Tragédia” é a palavra utilizada pelo redator para principiar o texto da reportagem que narra no estilo do folhetim (poderia ser contada em capítulos) a história da paixão e morte do ex-sargento Ferreira – “jovem desvairado” e sua namorada. Maria Olga, descrita como uma “creatura boa”, que terminou o romance quando descobriu que o namorado era casado, “mão esposo e peor pae, porque abandonara a mulher e dous pequenos innocentes, dedicando-se a essa vida de conquistas e de crimes”. Recortamos ainda nesta matéria o emprego do adjetivo “desvairado”, comum no vocabulário de Nelson Rodrigues já adulto.

Analisando os textos das matérias que se assemelham à forma e estilo dos folhetins, percebemos que, de modo geral, os redatores iniciam a narração procurando ambientar o leitor no “espírito de época”, recorrendo a chavões e a recursos de pontuação, além de enfatizarem o tom passional, melancólico ou triste da notícia. Possivelmente, como jornalistas, eles escreviam a partir de um outro lugar, o espaço dos folhetins, transpostos então para o noticiário de polícia na época estudada.

Sempre que possível, trazem ainda para o texto elementos da natureza, como verificamos, por exemplo, nas matérias referentes a “Esta nossa vida militar...” e o crime passional ocorrido no alto das Paineiras.

O romântico recurso da aproximação e contraste do ambiente bucólico com a violência acentua o tom dramático das tragédias noticiadas nos jornais, nas quais, de modo geral, os envolvidos são pessoas do povo: garçons, operários, comerciários, costureiras, malandros, prostitutas, desempregados.

O olhar do jovem repórter, ou as raízes da escrita literária de Nelson Rodrigues

A comparação, modo que elegemos para trabalhar nesta tese, inicialmente a partir dos espaços que encontramos mapeados em recortes do tempo cronológico, social histórico e do interior do homem, conduziu-nos de encontro à maneira como se vivenciava o presente, o passado e o futuro na sociedade carioca no período estudado. Em outras palavras, levou-nos ao espírito de época fortemente marcado pelo tom folhetinesco que achamos nas páginas dos jornais pesquisados, entre o noticiário de polícia, os folhetins e os anúncios de filmes e peças em cartaz.

Foi no filtro destas lentes que encontramos o olhar dos jornalistas, ocupados em selecionar, recortar e redigir as matérias trabalhadas neste estudo. Ou seja, localizamos o olhar do jovem repórter de polícia Nelson Rodrigues, provável leitor de folhetins publicados naquela época.

Segundo Castro (1997:29), o adolescente Nelson leu “Rocambole”, de Ponson du Terrail; “Os mistérios de Paris”, de Eugène Sue, “Epopéia de amor”, “Os amantes de Veneza” e “Os amores de Nanico”, de Michel Zevaco, “As mulheres de bronze”, de Xavier de Montépin, “A esposa mártir”, de Enrique Pérez Escrich, “Elzira, a morta virgem”, de Hugo de América, “O conde de Monte Cristo” e “Memórias de um médico”, de Alexandre Dumas pai.

Na nossa pesquisa, nos anos 1925/26, registramos a publicação de “Crime e Castigo”, de Dostoiévsky, “O moço loiro”, de Joaquim Manuel de Macedo, “A fada dos salgueiros”, de Xavier de Montépin, “A flor de Maravillas”, de Álvaro Carrillo, “A camponesa de Berck”, de J. Vincent, “O testamento vermelho”, de Xavier de Montépin e “Maddya”, de P. Alciette.

Nos folhetins acima referidos encontramos a temática da tragédia, amores impossíveis, sonhos de amor, traição, honra, orgulho, cobiça, ódio, abandono, desespero, assassinato, saudade, crime passionai, vingança, arrependimento, desprendimento e uma doença vinculada à tragédia ou à “expição”, a tuberculose, porta de saída para mulheres da vida como “Lucíola”. Estas leituras em capítulos estavam à disposição do jovem Nelson Rodrigues, que entrou para a redação de A Manhã aos treze anos e meio de idade como repórter de polícia.

Havia outras leituras, também publicadas nas páginas dos jornais. Eram os anúncios de teatro e de cinema. No palco e nas telas, tragédias de amores impossíveis, como “A dama das camélias”. Entre os personagens, mulheres decaídas para as quais o casamento e filhos era uma aspiração impossível, moças de família rica, rapazes pobres, nobres, homens ricos perversos. “Mlle. Cinema” e “Os maridas”, de Costallat, denunciavam vícios da sociedade com o objetivo de resgatar valores e promover uma ressurreição moral. É possível que Costallat tenha sido influenciado pelas idéias do realismo teatral francês acerca da necessidade do teatro aproveitar o palco para promover uma ressurreição moral. Supomos que estas idéias ainda circulavam nos anos 1925/26 estudados nesta pesquisa.

Recortamos assim alguns traços que supomos configurar o “espírito de época” nos anos 1925/26. Era nesse ambiente que se movia Nelson Rodrigues. Ali estabeleceu as suas articulações com as circunstâncias daquele momento histórico.

Acreditamos que as idéias do realismo teatral francês e este olhar de Costallat sobre a sociedade tenham sido capturados por Nelson Rodrigues, que neles encontrou um ponto de identificação para se articular com e na sociedade, através do seu texto. Como colocamos anteriormente, dezenas de anos mais tarde Nelson Rodrigues fez

referência a este modo de olhar a sociedade, buscando promover uma “ressurreição moral” nas suas peças de teatro.

Na ocasião, comentando uma de suas peças, dizia Nelson que seu teatro era “fétido” e ele levava ao palco personagens que eram “uma rajada de monstros” para que o público pudesse lidar com os monstros que habitam o interior das pessoas, portanto os seus próprios monstros (do público), evitando infanticídios, parricídios e incestos.

“Crime e castigo”, publicado na forma de folhetim no jornal *A Manhã*, foi apresentado aos leitores sob o enfoque de uma obra que abordava “grandes tragédias moraes, os tremendos dramas sociaes” e procurava a “ressurreição moral” de personagens como Raskolnikoff: Nas palavras do redator anônimo que escreveu o texto de apresentação da obra: “[...] à medida que se annuncia a aurora de uma ressurreição moral, (somos) invadidos pelo mesmo allivio bemdito, sentimos o desejo enternecido de ser bons...”.

Os folhetins eram diagramados no rodapé das páginas dos jornais, algumas vezes compartilhando o espaço da página com matérias de polícia. Os textos eram apresentados em capítulos, numerados em algarismos romanos, ou seja, a narrativa desenvolvia-se pela ordem cronológica dos acontecimentos, oferecendo muitos diálogos, reticências e pontos de exclamação. A natureza era bastante explorada, com descrições minuciosas, introduzindo o leitor em um ambiente calmo em contraste com os dramas e tragédias que cercavam os personagens. Termos como “drama” e “vermelho” podiam ser encontrados em meio ao texto.

No noticiário de polícia dos anos 1925/26 achamos temática semelhante, delineada no texto através do modo da escrita pela ordem cronológica dos acontecimentos e pela utilização de vocabulário próprio, com termos como “scena de sangue”, “drama”, “tragédia”, “protagonista”, “epílogo”, que enfatizavam a

aproximação com os folhetins. Podemos dizer que os textos eram ambientados no espírito de época, os folhetins. Além disso, as matérias poderiam ser publicadas em capítulos, do modo como eram apresentados os folhetins ao público leitor. Consideramos que havia uma interseção entre o jornalismo e a literatura.

Os “personagens” de modo geral eram pessoas do povo: mulheres da vida, comerciários, porteiros, operárias, malandros, gatunos que se tornaram em notícia, tratados no texto como se fossem “protagonistas” de histórias de folhetins. Tal como nos folhetins, a tuberculose estava presente no noticiário de polícia. Mas na vida real esta doença não era uma “porta de saída” para “Lucíolas”, como nos romances folhetins. A tuberculose afetava a vida dos doentes a ponto de provocar suicídios e crimes passionais.

Nesta tese nos propusemos a encontrar o olhar do jornalista na condução da matéria, isto é, no recorte de abertura do texto. Achamos este olhar. O modo como o jovem jornalista Nelson Rodrigues olhava o real estava marcado por referenciais de época, isto é, ele olhava para a notícia pelas lentes do folhetim. Capturamos este olhar estudando os textos que supomos de autoria de Nelson, no noticiário de polícia dos anos 1925/26 aqui pesquisados.

Os textos dos folhetins, carregado de emoções sublinhadas por pontos de exclamação e reticências, também foi por nós percebido nos textos de matérias que supomos terem sido escritas por Nelson Rodrigues. As matérias de polícia apresentam-se atravessadas pela emoção. Ali encontramos este autor entre o jornalismo e a literatura no início do século XX, quando ele lançava as raízes da sua escrita literária.

“13 O *Jornal do Brasil*, sob o reinado do *copy-desk*, lembra-me aquela página célebre de ficção. Era uma lavadeira que se viu, de repente, no meio de uma baderna horrorosa. Tiro e bordoadas em quantidade. A

lavadeira veio espiar a briga. Lá adiante, numa colina, viu um baixinho olhando por umbinóculo. Ali estava Napoleão e ali estava Waterloo. Mas a santa mulher ignorou um e outro; e veio para dentro ensaboar a sua roupa suja. Eis o que eu queria dizer: -- a primeira página do *Jornal do Brasil* tem a mesma alienação da lavadeira diante dos napoleões e das batalhas”.

Torna-se claro, também, o que Nelson Rodrigues reclamava neste fragmento do texto “Os idiotas da objetividade”, quando criticou a “alienação” do *Jornal do Brasil*, comparando o jornal, ironicamente, à atitude da lavadeira diante de Napoleão e da batalha de Waterloo. Nelson Rodrigues reivindicava o retorno do tipo de escrita que utilizava na época dos folhetins. Ali, no lugar da sua prática jornalística inicial, estavam as raízes da escrita literária deste autor. Naquele lugar encontrava-se a interseção do jornalismo com a literatura, interseção que se fazia pelo viés do espírito da época. Esta era a prática jornalística inicial de Nelson Rodrigues, prática que marcou o texto deste autor ao longo da sua vida.

O que se tornou claro nesta tese é que este olhar não estava restrito a Nelson Rodrigues. Encontramos esta interseção entre jornalismo e literatura, no espaço do chamado espírito de época, na maior parte dos textos que coletamos e estudamos neste trabalho, conforme já comprovamos.

CAPÍTULO 5

CONCLUSÃO

Verborrágico, floreado, sublitteratura recheada de pontos de exclamação e reticências. O modo de escrita vigente nas matérias de polícia até pelo menos a segunda metade do século XX passou a ser classificado desta maneira a partir da chegada do *lead*, com a imposição de formas padronizadoras da produção textual no Brasil. Mas o que havia antes era a transposição para os notícias de polícia do tom, temática e o modo de escrever próximos dos folhetins publicados nos jornais da época.

O caminho investigativo que percorremos nos desvelou a interseção do jornalismo com a literatura no princípio do século XX. Começamos com as opções textuais da imprensa até chegar ao texto jornalístico contemporâneo, comparando o modo de escrever em dezembro de 1925 nos jornais *O Globo*, *A Manhã* (neste periódico também analisamos janeiro de 1926) e *A Noite* com a escrita corrente no mês de julho de 2003 em *O Globo*.

Analisamos o noticiário de janeiro de 1926 de *A Manhã* porque o primeiro número deste jornal data do final de dezembro de 1925, e o trabalho de pesquisa ficaria prejudicado se não abrangesse também o mês seguinte. *A Noite*, *O Globo* e *A Manhã* não foram selecionados ao acaso. Estabelecemos um critério, com o objetivo de desenvolver nossa pesquisa nos textos das matérias de polícia. Os três jornais escolhidos apresentavam um forte noticiário de polícia no período que decidimos estudar.

Assim, inicialmente excluímos outros jornais, como o *Jornal do Brasil* e o *Jornal do Commercio*, periódicos que não ofereciam destaque para o noticiário de

polícia mas que, justamene por oferecerem esta característica, foram integrados ao corpo desta pesquisa, em seguida.

Contudo, era ainda vasto o campo de trabalho para desenvolvermos a contento a proposta inicial. Decidimos, então, recortar o modo como são construídas as aberturas do texto jornalístico impresso – chamadas hoje de *lead* (ou lide), no setor de polícia. Optamos pelo *lead* devido ao questionamento feito pelo jornalismo contemporâneo quanto à forma de apresentação da notícia ao público.

Priorizamos as matérias de polícia porque Nelson Rodrigues iniciou a sua carreira de repórter neste especializado setor do trabalho jornalístico. Ele é um dos poucos cronistas que também trabalhou como repórter, especialmente na reportagem de polícia.

A análise comparativa dos textos de matérias de polícia no princípio do século XX e do início do século XXI, recortados dos jornais acima referidos, proporcionou-nos alguns achados que nos permitiram avançar na busca de respostas para nossas questões. Havia semelhanças e diferenças entre os textos nos períodos estudados.

As diferenças estavam no olhar do jornalista, que recortava do real a notícia e a redigia como se contasse uma história, deixando o fato mais importante para o final, pois trabalhava obedecendo à ordem cronológica dos acontecimentos. Percebemos este olhar na maior parte das matérias estudadas, como por exemplo “Requinte de perversidade” e “Egoísmo de noivo”, de *A Manhã*, e “Os ciúmes do boxeur” de *O Globo*. Observamos que o jornalista acompanhava o ritmo da época.

Verificamos este olhar em matérias cujo texto nos permite supor que sejam de autoria de Nelson Rodrigues, embora não estejam assinados. Baseamos nossa suposição em certas características do texto que mais tarde se tornaram marcas da escrita de Nelson: abundância de diálogos, reticências e pontos de exclamação. “Esta nossa vida

militar...”, “Requinte de perversidade”, “Degollada!”, (*A Manhã*)), e “A degolla! Foi preso o ‘Barba Azul’ de Copacabana” e “Os dramas da vida real” (*A Noite*) são alguns dos textos cuja autoria supomos poder ser atribuída a Nelson Rodrigues.

Mas este não era o único tipo de escrita no início do século XX. Havia um outro, que encontramos em pequenas notícias narradas de modo direto e sem “floreios”. Isto nos permitiu iniciar a demonstração da hipótese que lançamos na página seis de nossa tese.

Tentando lançar uma ponte entre as escrituras elaboradas naqueles jornais de 1925 e as de hoje, procuramos demonstrar que a maneira do jornalista olhar a realidade social e histórica estava enraizada na imprensa carioca em 1925, bem antes de 1951, quando chegou ao Brasil nomeada como *lead* ou lide, conforme a data admitida por Sodré.

Ou seja, encontramos dois registros de tempo no mesmo período, o início do século XX. O primeiro dramático, com um tipo de narrativa pela ordem cronológica dos acontecimentos, recheado de chavões como “scena de sangue”, “tragédia” e “drama”; o segundo escrito de modo direto e seco, economizando palavras, sinalizando um outro olhar do jornalista sobre a notícia de polícia, olhar este que já se fazia presente bem antes de se tornar um padrão do texto jornalístico, o que veio a acontecer nos anos 50 do século passado.

A formatação introduzida no texto jornalístico a partir do *lead*, portanto, não pode ser caracterizada apenas como a introdução de um estilo jornalístico criado nos Estados Unidos. Aqui no Brasil já se trabalhava desta maneira, como verificamos no tipo de escrita que modelava as pequenas notícias de polícia em 1925. Já havia no Rio de Janeiro um modo de olhar a realidade social e histórica por este viés, isto é, havia jornalistas que lançavam este olhar sobre o real, expressando-o no texto enxuto e direto.

Examinamos estes textos e neles encontramos respostas para as perguntas que conduzem o pensamento ordenado pelo *lead*: quem? o que? Onde? Quando? Por quê? Isto, acreditamos, demonstra a validade de nossa proposição.

No segundo capítulo comparamos a análise acerca do *lead* realizada no capítulo anterior com as idéias expressas no texto “Os idiotas da objetividade”, de Nelson Rodrigues.

Este texto nos foi útil para debater a visão de “objetividade” criticada por Nelson Rodrigues, e também a de “subjetividade”, ambas derivadas da implantação de uma nova formatação do texto jornalístico, a partir da qual o não emprego do *lead* e das formas de escrita dos *Style books* passou a ser visto como introdução de “subjetividade” no texto, considerado como impropriedade por um sistema que passará a associar a “objetividade” apenas àquela nova formatação.

Reexaminamos neste capítulo o formato textual de algumas das matérias, à luz dos conceitos de “objetividade” e “subjetividade” que percebemos na interpretação do texto de Nelson Rodrigues, isto é, a partir da nova formatação textual tomou-se como “subjetividade” o que não correspondia a esta nova forma do texto jornalístico. Assim, a forma que percebemos no texto das matérias de 1925/26 – defendida por Nelson, em contraposição ao modo do texto tratado pela forma da “objetividade” – passa, retrospectivamente, a ser avaliada como “subjetiva”, embora Nelson a isto se opusesse.

Trabalhando a produção de sentido que encontramos no texto de Nelson Rodrigues achamos nas entrelinhas a “subjetividade” por ele defendida (por oposição à “objetividade”) entrelaçada às emoções. Nelson Rodrigues não utiliza o termo “subjetividade”, nós o encontramos por oposição ao que não estava de acordo com o sistema de padronização textual implantado a partir do *lead* e nele não nos alongamos no corpo do texto de nossa tese porque nossa proposta é estudar o texto. Contudo, a

abordagem que propusemos para este estudo parte das idéias de Nelson Rodrigues, conforme já assinalamos, e nestas idéias encontramos a reivindicação do olhar jornalístico que inclui as “emoções”, termo que Nelson utilizou várias vezes no texto “Os idiotas da subjetividade”.

Se assim não o fosse, por que Nelson Rodrigues escreveria no texto “Os idiotas da objetividade” que o *Jornal do Brasil* era “alienado”, comparando o jornal à atitude da lavadeira que viu Waterloo e Napoleão mas ignorou-os, preferindo voltar para casa e ensaboar a roupa suja? E por que, ainda, Nelson reclamaria que o *Diário Carioca* “não pingou uma lágrima sobre o corpo de Getúlio?”.

“10 Era, repito, a implacável objetividade. E depois, Getúlio deu um tiro no peito. Ali, estava o Brasil, novamente, cara a cara com a guerra civil. E que fez o *Diário Carioca*? A aragem da tragédia soprou nas suas páginas? Jamais. No princípio do século, mataram o Rei e o Príncipe Herdeiro de Portugal. (Segundo me diz o luso Álvaro Nascimento, o Rei tinha o olho perdidamente azul.) Aqui, o nosso *Correio da Manhã* abria cinco manchetes. Os tipos enormes eram um sôco visual. E rezava a quinta manchete: “Horrível emoção!” Vejam vocês: – Horrível Emoção!

Neste ponto de nossa pesquisa pudemos observar que as emoções estavam interligadas à tragédia no olhar do jornalista Nelson Rodrigues. Porque era a emoção da tragédia que ele reivindicava. Passar ao largo da emoção da tragédia era uma atitude de “alienação”, como a que ele criticou no *Jornal do Brasil*. A narrativa da tese encorpou-se a partir desta constatação, que foi se delineando aos poucos diante de nossos olhos.

Ainda no segundo capítulo observamos uma correlação entre o positivismo e o olhar do jornalista que recortava o real nas notícias de polícia, no princípio do século XX, por um viés que demonstrava um pensamento ordenado, seco, conciso. Era um olhar diferente daquele reivindicado por Nelson Rodrigues. No pensamento positivo

aqui enraizado, fatos e realidade estavam profundamente relacionados entre si, pelo viés da objetividade, conforme encontramos na leitura de Paim.

A outra modalidade textual, o texto ordenado e conciso que capturamos em notícias de polícia no início do século XX era também econômico em palavras. Neste registro percebemos um outro viés, a economia de tempo que principiava a movimentar os moradores do Rio de Janeiro naquela época, como registrou *A Manhã* ao lançar uma nova coluna, intitulada “Como? Por que? Quando? Onde? Quem?”, em janeiro de 1926.

O título da coluna explicitava as perguntas básicas do *lead*, embora o conteúdo não fosse voltado para o noticiário, e sim para responder a dúvidas dos leitores, oferecendo um serviço que ajudasse a resolver o problema da “simples precariedade de tempo nas contingências vertiginosas da vida atual”.

“Vida vertiginosa” é o título de um livro que foi lançado por João do Rio em 1911. Um dos textos desta obra narra a história do modo de vida de um homem em 1920 que, ao final do dia, apenas consegue mandar o seu motorista seguir adiante “Para frente! Para frente! Tenho pressa, mais pressa”. O motivo da pressa, como explica o autor, era a ânsia de “não perder tempo, de ganhar, lucrar, acabar...”.

Acompanhando o olhar que norteou o texto de apresentação da nova coluna de *A Manhã* e do jornalista e escritor João do Rio no texto “Vida vertiginosa”, percebemos na economia de palavras dos textos de polícia do jornalismo carioca no início do século XX a perspectiva da economia do tempo de leitura, porque “tempo é dinheiro”, como se diz hoje em dia, ou “não perder tempo, de ganhar, lucrar [...]”, nas palavras de João do Rio.

Também tivemos a preocupação de retomar a análise da crônica “Os idiotas da objetividade”, na qual Nelson Rodrigues reivindicou a volta de um modo de escrita vigente antes da imposição da nova formatação textual no jornalismo nacional, a partir da introdução do *lead* no Brasil.

Com o propósito de ordenar o pensamento, comparamos Nelson adulto, jornalista e autor do texto acima referido com Nelson adolescente, repórter recém-chegado na redação de *A Manhã* para trabalhar matérias de polícia. Buscávamos localizar de que lugar estaria falando Nelson quando escreveu o texto famoso, favorável a manter o tipo de escrita, o tom e a temática próximos do folhetim. Localizando este lugar, encontraríamos as raízes da escrita literária deste autor.

Achamos Nelson Rodrigues adolescente, leitor de “Rocambole”, de Ponson du Terrail, “Os mistérios de Paris”, de Eugène Sue, “Epopéia de amor”, “Os amantes de Veneza” e “Os amores de Nanico” de Michel Zevaco, “As mulheres de bronze”, de Xavier de Montépin, “A esposa mártir”, de Enrique Pérez Escrich, “Elzira, a morta virgem”, de Hugo de Amperica, “O conde de Monte Cristo” e “Memórias de um médico”, de Alexandre Dumas pai, segundo Castro.

Segundo o resultado de nossas pesquisas, a esta listagem podemos acrescentar folhetins, ou romances publicados na forma de folhetins em 1925/26, à disposição do jovem repórter Nelson Rodrigues: “Crime e castigo”, de Dostoievsky, “O moço loiro”, de Manuel de Macedo, “O testamento vermelho” e “A fada dos salgueiros”, de Xavier de Montépin, “A camponesa de Berck”, de J. Vincent, “Flor de Maravillas”, de Álvaro Carrillo, e “Maddy”, de P. Alciette. Podemos incluir também os anúncios, na tela dos cinemas e no palco, de histórias de mulheres decaídas como “A dama das camélias”.

Nestas leituras, Nelson Rodrigues conviveu com a temática dos folhetins, a tragédia, o drama, sonhos de amor, amores impossíveis, traição, cobiça, ódio, abandono, desespero, assassinato, vingança, arrependimento, desprendimento e honra, formatados em capítulos, narrados portanto em ordem cronológica, textos com muitos diálogos, pontos de exclamação e reticências, utilização de expressões como “tragédia” e “drama”

e uma aproximação com a cor da tragédia, o vermelho do sangue, como registramos em “Testamento vermelho”, de Montépin.

A estas leituras é preciso acrescentar ainda outro autor, Benjamin Costallat. No período que estudamos, encontramos uma entrevista com este autor na ocasião do lançamento de “Os maridas” e um anúncio de “Mlle. Cinema”. Supomos que a entrevista tenha sido realizada por Nelson Rodrigues, pelo modo ingênuo como foi conduzida e pelo texto irônico em relação ao título do livro.

No prefácio de “Mlle. Cinema” observamos o pensamento de Costallat, autor considerado pornográfico. Ele não se incomodava com isso. Seu interesse era narrar os vícios da “vida tal como ella é” com o objetivo de promover uma “ressurreição moral” da sociedade. Pensamos que Nelson Rodrigues talvez tenha retirado da expressão utilizada por Costallar o título da coluna famosa “A vida como ela é”.

Acreditamos ainda que Nelson identificou-se com o objetivo proposto por Costallat no prefácio de “Mlle. Cinema”. Promover a “ressurreição moral” era também a proposta do realismo teatral francês que chegou ao Brasil no século XIX e possivelmente foi absorvida por Costallar, que a transpôs para a sua prosa.

Nelson expressou publicamente suas idéias neste sentido já adulto, na ocasião em que foi encenada “Perdoa-me por me traíres”, afirmando que os seus personagens eram “uma rajada de monstros” que ele trazia para o palco a fim de que o público identificasse nos monstros em cena os seus próprios monstros, que habitam o interior das pessoas, e pudessem sair do teatro aliviados, ao menos momentâneamente.

Nelson acreditava que, agindo desta maneira, evitaria parricídios, matricídios, incestos e outros vícios da sociedade. Neste texto, de sua autoria, ele desvela sua condição de leitor de Dostoiévsky: “No ‘Crime e Castigo’ Raskolnikov mata uma velha e, no mesmo instante, o ódio social que fermenta em nós estará diminuído, aplacado. Ele

matou por todos [...]”. É interessante lembrar que esta obra de Dostoievsky foi publicada na forma de folhetim pelo jornal *A Manhã* e, ao anunciar o lançamento do romance em capítulos, o jornal frisou a preocupação que percebeu em Dostoievsky de promover a “ressurreição moral” da sociedade, libertando-a dos seus vícios.

Heróis canalhas, mulheres perdidas, crianças abandonadas, sonhos de amor desfeitos, amores impossíveis as leituras ao alcance do olhar de Nelson Rodrigues, além das peças e filmes em cartaz que abordavam esta temática nos levaram a reconhecer no tom dos folhetins o chamado “espírito de época”, objeto do capítulo seguinte desta tese.

A partir desta constatação, demonstramos que havia um modo comum de escrita na época, que atravessava a prosa dos folhetins e o noticiário de polícia. Pesquisamos jornais que publicavam o noticiário policial de modo mais contido, tentando evitar a presença de Nelson Rodrigues que, segundo Castro, circulava bastante entre as redações.

Na pesquisa aleatória que empreendemos no *Jornal do Commercio*, *O Paiz*, e no *Jornal do Brasil* no período estudado comprovamos que a escrita também obedecia à ordem cronológica dos acontecimentos e se apoiava nos bordões da época, como “scena de sangue”, a temática era “trágica” e “dramática”, envolvendo crimes passionais, amores impossíveis, vinganças, cobiça.

Capturamos, então, a interseção do jornalismo com a literatura, percebendo que houve a transposição para o noticiário de polícia de 1925/26 do tom, da temática e do modo de escrever dos folhetins. Uma das matéris mais representativas desta interseção entre o jornalismo e a literatura é “Eugenia ateou fogo ns vestes”, que transcrevemos na íntegra nesta tese. Eugenia era uma “mulher decaída” que habitava uma casa conhecida como “Pombal”. Abandonada pelo amante, ela se desesperou e ateou fogo nas próprias roupas.

Quando Nelson Rodrigues escreveu o texto famoso “Os idiotas da objetividade”, ele de forma indireta referiu-se às raízes da sua escrita literária. Dali ele olhava a realidade, isto é, através do filtro do folhetim. Assim podemos comprovar nossa suposição, colocada no início desta tese, de que o olhar do jornalista acompanha a sua “gramática” interna, podendo ser trágico, alegre, triste, irônico, dramático, passional.

Examinamos o noticiário recente dos jornais *O Globo* e *Extra*, procurando semelhanças e diferenças entre a escrita dos dois períodos. Recortamos textos revisitados, mas próximos dos que eram publicados no início do século passado. “Scena de sangue” é um termo que não encontramos mais.

Com o nosso percurso neste trabalho, esperamos ter contribuído para um melhor entendimento da interseção entre o trabalho jornalístico e o literário de Nelson, dentro do contexto maior em que ambos estes trabalhos se inseriam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Org: Setor de Filologia da FCRB. SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, 1992..
- ABREU, Alzira Alves; LATTMAN-WELTMAN, Fernando, ROCHA, Dora, orgs. *Eles mudaram a imprensa: depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003..
- AMARAL, Luiz. *Técnica de jornal e periódico*. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará – Tempo Brasileiro, 1982.
- ANDRADE, Evandro Carlos de. Depoimento. In: SOUZA, Pompeu. *Bilhetinhos a Jânio*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1987.
- ARNT, Hérís. *A influência da Literatura no Jornalismo – O Folhetim e a crônica*. RJ: e-papers, 2001.
- CALLADO, Ana Arruda. *O texto em veículos impressos*. In: CALDAS, Álvaro. *Deu no jornal: o jornalismo impresso na era da Internet*. RJ: ed. PUC-Rio, 2002.
- CALDAS, Álvaro (org). *Deu no jornal – O Jornalismo Impresso na Era da Internet*. RJ: Editora da PUC-Rio, 2002.
- CARVALHO, Fábio Almeida de. *A vida como ela é ... Seu lugar e função na obra de Nelson Rodrigues*. Teresina: Edições Não-Ser, 2001.
- CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico*. SP: Companhia das Letras, 1997.
- CHARTIER, Roger. *Do palco à página*. RJ: Casa da Palavra, 2002.
- COIMBRA, Oswaldo. *O texto da reportagem impressa*. SP: Ática, 1993.
- DINES, Alberto. *Lead*. In: RABAÇA, Carlos Alberto, BARBOSA, Gustavo Guimarães. *Dicionário de Comunicação*. RJ: Campus, 2001.

- DOMINICK'S Joseph R. *The dynamics of Mass Communication*. In: ERRICO, Marcus. *The evolution of the summary news lead*. University of Southern California, www.scripps.ohiou.edu midiahistory.
- ERBOLATO, Mário. *Técnicas de codificação em jornalismo*. São Paulo: Ática, 2002..
- ERRICO, Marcus. *The evolution of the summary news lead*. University of Southern California: www.scripps.ohiou.edu midiahistory.
- FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar na Civilização*. RJ: Imago Editora LTDA, 1997.
- GARCIA, Luiz (org.). *Manual de Redação e Estilo: O Globo*. SP: Globo, 1995.
- JOBIM, José Luiz. *Formas da Teoria*. RJ: Caetés, 2002.
- LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalísticas*. RJ: Record, 2001.
- _____ *Estrutura da notícia*. SP: Editora Ática, 1993.
- _____ *Linguagem jornalística*. SP: Editora Ática, 1986.
- LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana*. Belo Horizonte/São Paulo: Autêntica Editora, 2004.
- LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*. RJ: Livraria Francisco Alves Editora, 1994.
- MANGUEL, Albeerto. (org). *Contos de horror do século XIX*. SP: Editora Schwarcz LTDA., 2005.
- MARIANI, Luiza Helena Sampaio Corrêa. *Futebol, imaginário e autonomia: uma versão rodrigueana da sociedade brasileira*. Dissertação de Mestrado. RJ: PUC-Rio, 1999.
- MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*. RJ: Nova Fronteira, 1989
- MEDINA, Cremilda. *Entrevista: o diálogo possível*. SP: Editora Ática, 2000.
- _____ *Linguagem jornalística*. SP: Ática, 1986.
- _____ *Estrutura da Notícia*. SP: Ática, 1987.

- MELO, José Marques de. *Técnica do Lead*. SP: USP, 1968.
- MOTTA, Luiz Gonzaga (org). *Imprensa e poder*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2002.
- PEREIRA, Victor Hugo Adler. *Nelson Rodrigues e a Obscena contemporânea*. RJ: Editora da UERJ, 1999.
- PAIM, Antonio. *História das idéias filosóficas no Brasil*. SP: Editorial Grijalbo, 1987.
- PINA, Patrícia Kátia da Costa. *Literatura e Jornalismo – no oitocentos brasileiro*. Ilhéus – Bahia: Editora da UESC, 2002.
- PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. Campinas: Pontes Editores, 2003.
- RODRIGUES, Nelson. Os idiotas da objetividade. In: CASTRO, RUY. *A cabra vadia: novas confissões*. SP: Companhia das Letras, 2002, 3ª reimpressão.
- _____ *A menina sem estrela*. Org: Ruy Castro. SP: Companhia das Letras, 2002.
- _____ *A vida como ela é... O Homem Fiel e outros contos*. Seleção: Ruy Castro. SP: Companhia das Letras, 2001.
- _____ *O baú de Nelson Rodrigues*. Seleção e organização: Caco Coelho. SP: Companhia das Letras.
- _____ *Por pouco não é amor*. Org: Caco Coelho. SP: 2002.
- Sapsezian, Aharon. *Literatura armênia – uma introdução*. SP: Editora Paz e Terra, 1994.
- SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. *Técnicas de reportagem – notas sobre a narrativa jornalística*. SP: Summus Editorial, 1986.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. RJ: 1999.
- SOUSA, Pompeu. *Bilhetinhos a Jânio*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1987.

SOUZA, Maria Duarte (org). *POMPEU*. Brasília: Conselho de Cultura do Distrito Federal-Senado Federal, 1992.

SOUZA, Pompeu. Regras de Redação do diário Carioca. RJ: Diário Carioca, sem data.

TALESE, Gay. *Fama & Anonimato*. SP: Companhia das Letras, 2004.

_____. *O reino e o poder: uma história do New York Times* SP: Companhia das Letras, 2000.

Tinhorão, José Ramos. *Os romances em folhetins no Brasil*. SP: Duas Cidades, 1994.

TEXTOS DE JORNAIS CONSULTADOS

“A DEGOLLA”. A Noite, 05/12/25

“A DULCINÉA de azeviche”. A Manhã, 17/01/28.

“A MORTE em doses”. O Globo, 04/12/25.

“A PRISÃO de vendedores de toxicos”. A Manhã, 28/01/26

“A TABOLETA veio a baixo”. Jornal do Brasil, 05/11/25.

“AO CREPITAR das chammas”. A Manhã, 30/12/25.

“ACUSADO de atentado é preso”. O Globo, 16/07/03

“AGGREDIDO A CACETE”. O Globo, 02/12/25.

“AGRESSÃO a faca”. Jornal do Brasil, 01/01/26.

“ALVEJADA a revolver pelo amasio”. Jornal do Brasil, 15/11/25,

“BENJAMIN Costallat acaba de escrever”. O Jornal, 01/11/25.

“CHEGOU a vez do Chico Machado”. Jornal do Brasil, 12/11/25.

“COMERCIANTE é baleado na Linha Amarela”. O Globo, 16/07/03.

“CONTNUAM as apprehensões a bordo do Tibagy”. A Manhã, 27/01/26.

“DEGOLLADA!”. A Manhã,

“DEPOIS de esbofeteada pelo amante”. O Globo, dezembro de 1925 (o dia do mês está apagado).

“DEPOIS de desfechar tres tiros na namorada!”. O Globo, 01/12/25.

“DESVAIRADA”. A Manhã, dezembro de 1925. (não é possível distinguir o dia).

“EGOISMO de noivo”. A Manhã, 31(dia provável/12/1925 .

“EM TORNO de uma queixa de espancamento”. O Globo, 1/12/25

“ENTROU na casa sem licença do dono...”. Jornal do Brasil, 04/11/25.

“EUGENIA ateou fogo nas vestes”. Jornal do Brasil, 06/11/25.

“E, SUBITO, as Redações Foram Invadidas pelos Idiotas da Objetividade”. O Globo, 22/02/68.

“FAVELAS em pé de guerra”. O Globo, 18/08/03.

“FERIDO a canivete em Guaratiba”. Jornal do Brasil, 01/12/25.

“FOI obra da fatalidade!”. Jornal do Brasil, 10/03/25.

“FOI receber uma conta...”. O Globo, 09/12/25

“FOLHETIM do Paiz”. O Paiz, dias 5 e 6/12/25.

“FURTOU um embrulho da tinturaria”. O Globo. 01/12/25.

“HOMEM morto com cinco tiros em Botafogo”. O Globo, 19/07/03.

“INQUÉRITO em cima do muro”. O Globo, 08/07/03.

“LADRÃO preso”. O Globo, 16/07/03.

“LEVOU um coice”. O Globo, 02/12/25.

“LOUCO”. Jornal do Brasil, 01/12/25.

“MAIS dinheiro falso”. A Manhã, 27/01/26.

“MARIA OLGA”. O Globo, 01/12/25.

“MP: caso da Estácio de Sá não está concluído”. O Globo, 10/07/03.

“MULHER cai e morre”. O Globo, 16/07/03.

“NA CASA Negra do Andarahy”. O Globo, 02/12/25.

“NA INTIMIDADE do escriptor de Mlle. Cinema”. Jornal do Brasil, 11/11/25.

“NEM a polícia escapa de ter o carro arrombado”. O Globo, 14/97/03.

“NO ALTO do morro, entre as arvores...”.O Globo, 05/12/25.

“NÃO resistiu as torturas da tuberculose”. 05/12/25.

“NÃO era fumante”. O Paiz, 05/10/25.

“O EPILOGO de um drama passiona”. A Manhã, 26/01/26

“O NOSSO folhetim”. A Manhã, 30/12/25..

“O RATTO...”. A MANHÃ, 16/03/28,

“O SENHARIO arbitrario foi preso pela policia”. O Globo, 01/12/25.

“OS CIUMES do boxeur”. O Globo, 12/12/25.

“OS DRAMAS da vida real”. A Noite, 23/12/25.

“OS ROUBOS no subúrbio”. Jornal do Brasil, 01/12/25.

“ONDE?, Como?, Por que?, Quem?” – A Manhã, 30/01/26.

“PARA morrer”. O Paiz, 04/11/25.

“POR causa de uma velha rixa”. O Globo, 03/12/25.

“PORQUE”. O GLOBO, 02/12/25.

“QUE horas são?”. O Globo, 10/12/25.

“Queixa de furto”. Jornal do Commercio, 1/11/24.

“SUICIDIO”. Jornal do Commercio, 12/01/24.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)